

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

LUÍS FELIPE BONACINA

EXTRANJEROS, ANARQUISTAS Y PELIGROSOS:
EFEITOS E POSSIBILIDADES NA IMIGRAÇÃO A BUENOS AIRES PELO
PERIÓDICO *LA PROTESTA HUMANA*

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUÍS FELIPE BONACINA

EXTRANJEROS, ANARQUISTAS Y PELIGROSOS:
EFEITOS E POSSIBILIDADES NA IMIGRAÇÃO A BUENOS AIRES PELO
PERIÓDICO *LA PROTESTA HUMANA*

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu

Porto Alegre

2023

Ficha Catalográfica

B697e Bonacina, Luís Felipe

Extranjeros, Anarquistas y Peligrosos : Efeitos e possibilidades na imigração a Buenos Aires pelo periódico La Protesta Humana / Luís Felipe Bonacina. - 2023.

131.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu.

I. La Protesta Humana. 2. Anarquismo. 3. Imigração. 4. Movimento operário. Abreu, Luciano Aronne de. II. Título.

LUÍS FELIPE BONACINA

EXTRANJEROS, ANARQUISTAS Y PELIGROSOS:
EFEITOS E POSSIBILIDADES NA IMIGRAÇÃO A BUENOS AIRES PELO
PERIÓDICO *LA PROTESTA HUMANA*

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 30/08/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(Orientador)

Prof. Dr. Helder V. Gordim da Silveira
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Nathalia Henrich
Catholic University of America

A anarquia leva ao comunismo e o comunismo à anarquia, sendo ambos a expressão da tendência predominante das sociedades modernas, a busca da igualdade.

Piotr Kropotkin (2022, p. 81)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Tânia Regina Bonacina e João Félix Bonacina. Reconheço e sou grato por todo o sacrifício que fizeram para que eu chegasse até aqui. Sou especialmente grato por sempre acreditarem em mim e incentivarem minhas escolhas de vida. Tudo o que faço é para orgulhá-los.

À Carolina Pinto dos Santos, minha companheira, que foi essencial durante o processo de escrita da dissertação tanto por me tranquilizar nos momentos de desespero, quanto pela ajuda na organização de cada etapa da pesquisa. Este trabalho é dela também.

Ao Prof. Dr. Luciano Aronne de Abreu, que foi extremamente acolhedor e compreensível comigo durante todo o processo. Vejo ele como um exemplo a ser seguido, e eu não poderia desejar um orientador melhor.

RESUMO

Durante a primeira metade do século XIX, a visão de progresso, civilização e trabalho que a elite intelectual argentina atribuía ao europeu se fazia tão presente, que a própria Constituição Nacional, de 1853, incentivava a imigração ao território argentino a fim de atender um projeto capitalista de modernização do país. Já nos primeiros anos do século XX, o temor aos anarquistas exigia que o Estado argentino controlasse a entrada de determinados imigrantes, ao mesmo tempo em que executasse a imediata expulsão daqueles que não atendiam às antigas expectativas em relação aos valores trazidos da Europa. À vista disso, a presente dissertação dedica-se em apresentar o modo como a imigração europeia para Buenos Aires foi representada pelo periódico anarquista *La Protesta Humana*. Por se tratar de um jornal doutrinário, a pesquisa reflexiona sobre como a crítica à dominação e a defesa da autogestão, pilares fundamentais do anarquismo, foram construídas nos discursos dessa mídia militante no intuito de cooptar a massa estrangeira, residente na capital argentina, para a vertente libertária do movimento operário da cidade. Logo, além de uma história da imigração a Buenos Aires concebida desde a perspectiva dos trabalhadores anarquistas em atuação durante os primeiros anos do jornal, de 1897 a 1904, a pesquisa ambiciona demonstrar como as bases teóricas e ideológicas do anarquismo foram sintetizadas no jornal para dialogarem, especificamente, com a massa estrangeira de Buenos Aires e transformá-la em uma força social potencialmente revolucionária.

Palavras-chave: *La Protesta Humana; Anarquismo; Imigração; Movimento Operário.*

ABSTRACT

During the first half of the XIX century, the vision of the progress, civilization and work that the Argentine intellectual elite attributed to the European people was so present that the Nacional Constitucional, of 1853, encouraged immigration to the Argentine territory with the ends to attending a capitalistic project of modernization of the country. But in the first years of the XX century, the fear of anarchists demanded that the Argentine State controlled the entry of certain immigrants, at the same time that it implemented the immediate expulsion of those who did not meet the old expectations regarding the values brought from Europe. Therefore, the present dissertation is dedicated to presenting the way in which European immigration to Buenos Aires was represented by the anarchist periodical *La Protesta Humana*. By the newspaper's doctrinaire nature the research reflects on how the criticism of domination and defense of self-management, two fundamental concepts of the anarchism, were constructed in the discourses of this militant media in order to co-opt the foreign mass, resident in the Argentine capital, to the libertarian strand of the workers' movement of the city. As such, in addition to a history of immigration to Buenos Aires conceived from the perspective of anarchist workers active during the early years of the newspaper, from 1897 to 1904, the research aims to demonstrate how the theoretical and ideological bases of anarchism were synthesized in the journal to dialogue specifically with the foreign mass of Buenos Aires and transform it into a potentially revolutionary social force.

Keywords: La Protesta Humana; Anarchism; Immigration; Labor Movement.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ANARQUISMO: UMA REAÇÃO NECESSÁRIA.....	15
2.1	MODERNIDADE: ENTRE O CAPITALISMO E O ANTICAPITALISMO.....	16
2.2	ARGENTINA: SOLO FÉRTIL PARA FLORES EXÓTICAS.....	24
2.3	<i>LA PROTESTA HUMANA</i> : A PROFISSIONALIZAÇÃO DA PROPAGANDA ANARQUISTA BONAERENSE.....	36
3	IRRACIONALIDADE, IMPOSIÇÃO E VIOLÊNCIA NO AMOR À PÁTRIA.....	52
3.1	MITOS NACIONAIS E O PROBLEMA DA IDOLATRIA.....	55
3.2	PATRIOTISMO BURGUESES E O ANTIPATRIOTISMO MORAL.....	62
3.3	A RACIONALIDADE CONTRA O PATRIOTISMO.....	68
3.4	<i>PAZ ENTRE NOSOTROS</i>	73
3.5	RELAÇÕES ESPONTÂNEAS E DESENVOLVIMENTO NATURAL.....	78
4	TEMOR A ANARQUISTAS E AVERSÃO A IMIGRANTES EM BUENOS AIRES.....	82
4.1	A IMIGRAÇÃO E OS IMIGRANTES.....	86
4.2	OS DEPORTADOS E OS QUE PERMANECEM.....	95
4.3	<i>ANARQUISTAS PELIGROSOS</i>	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS.....	114
	APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS PRESENTES NOS EXEMPLARES DE 1897.....	117
	APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1898.....	118
	APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1899.....	120
	APÊNDICE D – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1900.....	121
	APÊNDICE E – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1901.....	123
	APÊNDICE F – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1902.....	126

APÊNDICE G – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1903	128
---	------------

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho dedica-se em apresentar o modo como a imigração europeia a Buenos Aires foi representada através do periódico anarquista *La Protesta Humana*. Assim, colocando o imigrante europeu no centro do debate, e atentos à natureza doutrinária da fonte selecionada, pretendemos analisar a forma como o periódico operário atuou para a cooptação do estrangeiro à doutrina anarquista, isto é, examinar de que forma os princípios basilares do anarquismo foram construídos nos discursos do jornal, a fim de dialogarem com a condição de controle estatal e exploração capitalista sentidos pela população imigrante de Buenos Aires, ao final do século XIX e primórdios do século XX. Assim, muito mais que uma representação do estrangeiro, nos propomos a demonstrar como a presença de imigrantes europeus na classe trabalhadora bonaerense, majoritários durante o contexto em foco, definiu a forma como o *La Protesta Humana* procurou manifestar o anarquismo à população, atento a sua responsabilidade de servir como meio de doutrinação/emancipação dos trabalhadores bonaerenses, em direção à revolução projetada globalmente pelos anarquistas.

A escolha do *La Protesta Humana* como objeto e principal fonte para a realização da pesquisa, em detrimento de outros periódicos libertários da mesma época, como *La Voz de la Mujer*, *La Libre Iniciativa*, *El Oprimido*, *La Anarquia*, etc., explica-se, principalmente, por conta da enorme quantidade de exemplares disponibilizados em acervos *online*. Assim, é preciso ressaltar que a presente pesquisa só se tornou possível graças a um trabalho prévio de digitalização do supracitado periódico, ao mesmo tempo em que a notável escassez de trabalhos acadêmicos dessa natureza explica-se também por conta da dificuldade de acesso às fontes necessárias, ou pela baixa qualidade encontrada em outros exemplos da imprensa anarquista e americana.

Nesse sentido, a totalidade dos exemplares analisados ao longo da pesquisa foram encontrados no acervo *online* do *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas* (CeDInCI). Graças à digitalização do periódico, conseguimos analisar 272 exemplares do *La Protesta Humana*, de 1897 a 1904¹, e organizar cada discurso presente nessa mídia conforme o teor de seu texto. Para a realização da

¹ A partir de 1904, o *La Protesta Humana* passa a se chamar, somente, *La Protesta*.

dissertação, em um primeiro momento, coletamos todos os exemplares do *La Protesta Humana* disponibilizados digitalmente e organizamos em diferentes tabelas, respectivas aos anos contemplados na análise, cada um dos discursos presentes no periódico conforme a natureza de seus textos. Assim, identificamos 1.132 textos doutrinários, isto é, discursos pedagógicos destinados à humanidade como um todo, portanto, sem dizer respeito a uma conjuntura histórica previamente determinada, cabendo então a(o) historiador(a) determiná-la; 796 notícias locais e 609 notícias internacionais, quando o jornal trata de um acontecimento específico de um tempo ou local em questão, como casos de deportação, violência policial ao imigrante em Buenos Aires, projetos de leis, atentados, greves, manifestações públicas, novidades sobre a condição de vida de deportados, projetos estrangeiros relacionados a imigração/emigração ou em combate ao anarquismo; 230 contos ou poemas, muitas vezes escritos pelos próprios leitores do jornal, apesar de corriqueiramente aparecerem sem um autor ou autora especificados; 717 convocatórias, para reuniões, greves, festas, apoio a um(a) companheiro(a) necessitado(a), demonstrando então a serventia do jornal não apenas para o fomento da propaganda anarquista, mas para ações diretas em combate ou em auxílio; e 215 correspondências, normalmente cartas enviadas por deportados noticiando sua condição na Europa, além de também prestar atenção às publicidades presentes na última página dos exemplares. As tabelas utilizadas para a ordenação dos exemplares encontram-se nos apêndices da dissertação.

Tal etapa de organização das fontes, apesar de não aparecer de maneira explícita ao longo da dissertação, serve como contribuição para futuras pesquisas referentes ao movimento anarquista de Buenos Aires e, principalmente, acerca dos primeiros anos de atuação do *La Protesta Humana*, visto que nosso longo trabalho de catalogação dos diferentes discursos presentes no jornal acaba por facilitar a identificação rápida dos conteúdos discursivos trabalhados em futuras pesquisas, isto é, organiza a pluralidade dos conteúdos presentes no periódico em questão e contribui para o processo de levantamento de fontes dessa natureza para próximos trabalhos.

Ao longo dessa etapa de organização dos discursos presentes conforme sua propriedade, aqueles identificados como interessantes para trabalhar a relação entre o *La Protesta Humana* e a população imigrante, analisados posteriormente com mais cuidado, preenchem uma segunda tabela destinada à produção da presente dissertação. Assim, selecionamos 334 discursos a fim de demonstrar o trabalho

doutrinário empreendido pelo *La Protesta Humana* aos imigrantes europeus em Buenos Aires. Para tanto, duas questões principais objetivaram nossa pesquisa: como o anarquismo e os anarquistas foram apresentados a essa população, isto é, como a doutrina anarquista dialogou especificamente com a população estrangeira residente em Buenos Aires; e como o coletivo libertário percebia, representava e atuava sobre o cenário social bonaerense. Nesse sentido, ao longo do trabalho, vamos explorar como as bases do anarquismo manifestaram-se em Buenos Aires, através do *La Protesta Humana*, e em direção à transformação da população imigrante em uma força social potencialmente revolucionária. Dessa forma, trabalharemos o anarquismo conforme definições atribuídas pelo pesquisador Felipe Corrêa (2022), que enxerga na crítica à dominação e na defesa da autogestão, as bases que fundamentam a doutrina anarquista como ideologia socialista e revolucionária própria.

Em um primeiro momento, apresentaremos uma breve história da formação do anarquismo como corrente política. Assim, nos atentaremos à produção intelectual e doutrinária de diferentes militantes em torno das agremiações trabalhistas atuantes durante o particular contexto de desenvolvimento da economia capitalista e formação dos Estados Modernos na Europa. Assim, pretendemos apontar os condicionantes políticos e sociais que, contrários a valores compartilhados pela classe trabalhadora europeia, culminam na formação do anarquismo como reação às relações hierarquizadas da segunda metade do século XIX. Logo, partindo do princípio de que o anarquismo surge a partir de manifestações dos trabalhadores em negação a estruturas de dominação, a pesquisa volta-se para o processo de modernização da Argentina e disserta sobre os primeiros sinais de atividade ácrata na capital do país, até a criação do jornal *La Protesta Humana*, em 1897. Ao mesmo tempo, propomos uma reflexão acerca da presença de imigrantes europeus, tanto para o nascimento e expansão da economia capitalista em solo argentino, quanto na formação de coletivos anarquistas bonaerenses, isto é, em negação à tal modernidade.

Pretendendo servir como contribuição à historiografia que atribui a mudança da perspectiva argentina em relação aos imigrantes ao contato dessa população com a doutrina anarquista, em um segundo momento da dissertação, buscamos apontar as críticas presentes no *La Protesta Humana* à ideia de unidade nacional e patriotismo como pontos centrais para a aversão ao imigrante em solo argentino, ao final do século XIX e primeiros anos do século XX. Dessa forma, além de elucidar o trabalho doutrinário protagonizado pelo jornal aos imigrantes, ansiamos por definir o

internacionalismo defendido pelo anarquismo e a criação de uma identidade de classe como responsáveis pelo controle migratório imposto pelo Estado argentino, a partir da criação da Lei de Residência, em novembro de 1902, isto é, apontar o motivo pelo qual o anarquismo determinou a imigração como problema de segurança nacional para a elite argentina.

Finalmente, em um terceiro momento da pesquisa, nos atentamos em analisar como o imigrante e a imigração eram representados nos discursos do *La Protesta Humana*. Nesse sentido, buscamos elucidar a atuação teórica e prática do jornal referente à repressão estatal ao estrangeiro anarquista, ao mesmo tempo em que demonstramos como o problema populacional e a miséria compartilhada por milhares de trabalhadores imigrantes em Buenos Aires eram retratados pelo jornal.

De fato, a relação entre as ondas migratórias do século XIX com a consolidação do movimento anarquista em Buenos Aires já foi amplamente trabalhada pela historiografia. No entanto, grande parte dos trabalhos, por considerar a condição pré-capitalista e o fluxo de ideias como fatores determinantes para a hegemonia do anarquismo entre os trabalhadores da cidade, deixam de lado uma análise que olha, especificamente, para o que os anarquistas produziram em relação à forte migração e à consequente superlotação de Buenos Aires, muitas vezes simplificando o sucesso da proposta anarquista somente por seu caráter internacionalista, interessante para famílias europeias que passaram a residir na capital da Argentina. Nesse sentido, espera-se que a pesquisa converse com tais obras, mas que também contribua para uma escrita da história do anarquismo em Buenos Aires.

2 ANARQUISMO: UMA REAÇÃO NECESSÁRIA

O presente capítulo dedica-se a apresentar os condicionantes políticos, tecnológicos e culturais que possibilitaram e ocasionaram o surgimento e a expansão do anarquismo da Europa para a Argentina. Partindo do princípio de que o anarquismo e o socialismo emergem a partir de uma relação conflituosa entre o velho e o novo, isto é, valores modernos oriundos da Revolução Francesa disputam entre si diferentes perspectivas em relação à construção de uma (nova) organização política e social, torna-se necessário, primeiramente, contextualizar o surgimento do anarquismo em um tempo e um local claramente definidos. Assim, a análise parte da reflexão acerca do descontentamento compartilhado por trabalhadoras e trabalhadores da Europa industrial, quando estes, graças aos avanços tecnológicos próprios da segunda metade do século XIX, conseguiram organizar-se e manifestar massivamente sua aflição a respeito do lugar social que o capitalismo moderno os enquadrava.

Para tanto, em um primeiro momento, a discussão gira em torno da forma como o anarquismo foi apresentado por diferentes libertários durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Assim, a doutrina anarquista parte de um entendimento de construção de sociedade moderna e em evolução, pautada no racionalismo e em combate ao poder da Igreja e da influência do Estado, vistos como influências ultrapassadas e não naturais. Nesse sentido, o anarquismo se desenvolve como um movimento antiestatal, baseado no entendimento de liberdade e igualdade particular da conjuntura em questão. Como marco fundador do anarquismo, será apresentada uma breve síntese dos debates em torno da criação da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), ou I Internacional² (1864-1877), momento em que diferentes sindicatos e cooperativas de resistência atingiram a concretização de um agrupamento internacional de trabalhadores.

Em um segundo momento, a pesquisa transporta-se para o contexto de inserção da Argentina nos quadros de modernidade e acompanha as transformações econômicas e sociais que a consolidação do Estado Nacional e o modo de produção capitalista inauguravam na região. Nesse sentido, os movimentos migratórios e o

² “Fundada em Londres, por obra do proletariado francês, hegemonicamente mutualista e proudhoniano, e do proletariado inglês, na maioria trade-unionista, a AIT visava criar um organismo internacional, no qual a classe trabalhadora pudesse se associar para discutir projetos comuns. Ela constituiu o espaço privilegiado, alguns anos depois de sua fundação, para o surgimento do anarquismo” (Corrêa, 2022, p. 304).

povoamento da região aparecem como consequências da demanda do capital, assim como o florescimento do anarquismo na Argentina parte da necessidade de denúncia desses imigrantes às sequelas sociais deixadas por tal projeto de modernidade, ou seja, tanto na Europa quanto na América, o anarquismo surge como uma necessária negação ao capitalismo. Assim, após comentários a respeito da necessidade capitalista em povoar a região, a análise olha para os primórdios de atividade militante bonaerense e reflete sobre o insucesso inicial da doutrina anarquista entre a população local, discordando de trabalhos que atribuem a frustração preliminar à falta de um proletariado industrial.

Na sequência, a discussão demonstra o motivo pelo qual a proposta anarquista, em relação à socialista, foi hegemônica entre os trabalhadores de Buenos Aires por conta, principalmente, da forma como a atividade propagandística do coletivo dialogou com a população³. É feita, então, uma apresentação da vida editorial em torno do periódico *La Protesta Humana*, que buscou sempre um aumento de sua periodicidade e, portanto, do acesso do anarquismo aos trabalhadores; além disso, é realizado um levantamento dos principais conteúdos presentes em seus textos.

2.1 MODERNIDADE: ENTRE O CAPITALISMO E O ANTICAPITALISMO

O anarquismo surge como uma reação, vinda de baixo, aos efeitos colaterais deixados pela consolidação dos Estados Modernos e a expansão global da economia capitalista. O historiador Felipe Corrêa (2022) aponta a precarização das condições de trabalho, a separação entre capital e trabalho, a aceleração nas trocas comerciais, a urbanização e o crescimento das cidades, a formação de grandes monopólios, novos mercados e disputas por matéria prima como principais desdobramentos das mudanças trazidas no cerne do alargamento do capitalismo em nível mundial. Tal reação foi manifestada, primeiramente, pela classe trabalhadora europeia que se formava durante o século XIX. Nesse sentido, enquanto os avanços tecnológicos da época respondiam a uma demanda do capital, a mesma tecnologia era utilizada em uma perspectiva de combater a nova realidade social, pautada na competição, que o

³ “Através de um discurso e postura internacionalista, os anarquistas souberam superar as diferenças étnicas e culturais presentes entre os imigrantes ao estimular a criação de sociedades de resistência que reunissem os trabalhadores por ofício, e não por nacionalidade. Diante da inexistência de canais institucionais que possibilitassem a participação da classe operária na política, o anarquismo propunha a ação direta dos trabalhadores para a conquista de seus direitos” (Knevez, 2021, p. 21).

mundo industrial exigia. Logo, tanto a percepção de mundo, quanto a expectativa revolucionária compartilhada por milhares de trabalhadores urbanos e rurais miseráveis da Europa eram manifestadas em textos libertários e chegavam até essa massa insatisfeita por meio de periódicos doutrinários, espalhando-se pelo mundo através de movimentos migratórios específicos da ampliação do capitalismo, tais como viagens motivadas pela busca por oportunidades de trabalho e, portanto, de melhores condições de vida, ou migrações forçadas pela fuga de perseguições políticas.

Para os anarquistas do século XIX, globalmente, o contexto industrial divide o mundo em duas situações diferentes. De um lado (dominantes), o capitalismo moderno aparece forte nos exemplos da Europa Ocidental, Estados Unidos e Japão, isto é, centros urbanos e industriais onde os conflitos trabalhistas são protagonizados por trabalhadores assalariados e que inicialmente manifestavam uma necessidade pela redução das jornadas de trabalho e a repartição da sua própria produção entre si. De outro (dominados), países de base agrária da América Latina, África, Ásia e países islâmicos, os quais apresentam conflitos ligados à posse de terras, protagonizados por trabalhadores ligados ao meio rural⁴. Somado a isso, a consolidação dos Estados Modernos, marcados por uma administração centralizada, fronteiras bem definidas e exércitos permanentes, é entendida como uma transferência do poder da Igreja para as mãos de uma minoria privilegiada e representada pelo Estado, ou seja, a continuidade de uma organização social baseada na disparidade econômica e cultural da população. Assim, a observação de uma realidade estruturada em diferentes formas de autoridade (países industriais sobre agrários; o patrão sobre o proletariado; o homem sobre a mulher etc.) é denunciada de forma semelhante em diferentes partes e realidades do globo, assim como a expectativa de sociedade futura. Ao traçar um paralelo entre a forma como diferentes anarquistas procuraram definir o anarquismo no contexto de sua formação e extensão global, segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX,

⁴ Argumentando contra o direito de herança, Bakunin expõe as diferenças entre as lutas dos trabalhadores urbanos e rurais: “Foi dito hoje que a transformação da propriedade individual em propriedade coletiva encontrará sérios obstáculos entre os camponeses e pequenos proprietários de terras. E, de fato, se depois de termos proclamado a liquidação social, tentarmos desapossar por decreto esses milhões de pequenos agricultores, necessariamente os dançávamos na reação, e para submetê-los à revolução, teríamos que usar a força contra eles, ou seja, seríamos a reação. Portanto, é necessário deixá-los como possuidores de fato, das parcelas das quais são hoje os proprietários. Mas se não abolir o direito de herança, o que vai acontecer? Eles transmitem estas parcelas a seus filhos, com a sanção do Estado, por título de propriedade” (Bakunin, 2022, p. 35).

é possível fundamentar o anarquismo teoricamente e analisá-lo em diálogo com suas tradições históricas e implicações políticas.

Para Piotr Kropotkin⁵ (1842-1921), intelectual e anarquista russo, o anarquismo apresenta-se como um princípio de sociedade sem governo, em que a harmonia prospera através de acordos livres constituídos para a produção e o consumo da população, em atendimento às necessidades e aspirações desta, e sem a necessidade de submissão a qualquer lei humana ou autoridade política. Assim, a definição do geógrafo russo parte de uma análise do autor a respeito de associações voluntárias já presentes em alguns pontos do cotidiano humano, exemplificado claramente em texto de setembro de 1914, publicado no jornal inglês *Freedom*, quando Kropotkin (2021) fala sobre a socialização dos alimentos observada pelo autor entre sindicatos franceses durante a Primeira Guerra Mundial:

Let any great city be visited tomorrow by a calamity - a siege, or the like - and you will see that immediately the Communist idea will come to affirm itself in life. The question of "bread", of food for all, will impose itself upon the community, while the question as to the remuneration of the services rendered by this or that member of society will be thrust into the background. Every one's need will be every one's right to his share in the common store of available food. This is what Anarchists were teaching all these years while learned economists were repeating the bourgeois formula: "To everyone according to his services". [...] In Paris, the Syndicate of coachmen and chauffeurs has opened their Popotte communiste, "popotte" being the slang name of a small restaurant. It is, of course, only a small affair yet, worked voluntarily by women and men. Their means are limited, and all they can do for the present is to give free meals – paid for by those who can pay, and free to those who cannot – three hundred lunches and three hundred dinners being served every day (Piotr, 1914, p. 1).

Ou seja, uma sociedade baseada nessas relações representaria a total inutilidade da existência do Estado. Ao mesmo tempo, fazendo um paralelo com a vida orgânica, Kropotkin (2022) salienta que a sociedade do futuro não permaneceria imutável, mas em constante transformação (ajustes e reajustes), girando em torno de um equilíbrio de forças. Visto que a existência do Estado ocasiona a concentração de poder em poucas mãos, ele seria abolido conforme a relação horizontal entre as pessoas torna-se hegemônica. A base racionalista da teoria anarquista aparece em Kropotkin (2022), quando o autor levanta a questão que, em uma sociedade livre, sem

⁵ Piotr Kropotkin (1842-1921) aparece como um dos mais importantes e conhecidos militantes anarquistas do final do século XIX e início do século XX. Dialogando entre os campos da ciência e da política, seus escritos estimularam rebeldia e reflexão em diferentes contextos sociais (Kropotkin, 2022).

monopólio, a razão guiaria o ser humano e possibilitaria sua emancipação intelectual, artística e moral, possibilitando a individualização do seu *eu*, em atendimento a concepções éticas do coletivo regional, nacional ou internacional em que está inserido. A independência intelectual do ser humano (não limitada por influências religiosas ou estatais) resulta na expansão da livre iniciativa em suporte à humanidade, ou seja, uma sociedade baseada no atendimento às necessidades e guiada pela emancipação intelectual de seus indivíduos. Em 1997, o historiador argentino Juan Suriano (1997) também destacou a relação que o surgimento do anarquismo leva com a ciência, uma vez que esta é entendida pelos anarquistas como o caminho para eliminar a autoridade e emancipar o indivíduo, isto é, uma sociedade organizada através de bases científicas e sob a influência do positivismo de Spencer e do socialismo saint-simoniano:

La organización de la sociedad sobre bases científicas, al hallarse subordinada a la razón, debía alcanzar también la armonía y la justicia imperantes en la naturaleza. En estas circunstancias, la explotación del hombre por el hombre dejaría lugar a la administración científica de las cosas y a la liberación del individuo. Así, las decisiones políticas deberían estar subordinadas a los dictados de la ciencia, mas concretamente de la sociología que explicaba el comportamiento y la evolución histórica de la sociedad (Suriano, 1997, p. 424).

Dessa forma, os obstáculos pontuais que a organização social proposta pelo capitalismo moderno impõe sobre o progresso humano fundamentam-se em uma crítica a relações de poder hierarquizadas e definem o pilar fundamental do anarquismo, a crítica à dominação ou crítica a qualquer relação hierarquizada:

O anarquismo é uma ideologia socialista e revolucionária que se fundamenta em princípios determinados, cujas bases se definem a partir de uma crítica da dominação e de uma defesa da autogestão; em termos estruturais, o anarquismo defende uma transformação social fundamentada em estratégias, que devem permitir a substituição de um sistema de dominação por um sistema de autogestão (Corrêa, 2022, p. 104).

Emma Goldman, militante anarquista nascida em 1869, na Lituânia (território que na época pertencia ao Império Russo), mas com atuação principalmente na América do Norte (migrou para os Estados Unidos em 1885 e veio a falecer em Toronto, em 1940), preocupou-se especialmente com a posição social imposta às mulheres (Goldman, 2019). Emma compartilha das críticas de Kropotkin (2021) ao estado de dominação humana observado no contexto, entretanto, enquanto o anarquista russo

defende a ideia de uma destruição do Estado a partir da evolução da humanidade, a ativista libertária norte-americana argumenta que a ação revolucionária deva partir especificamente do proletariado, a partir do enfraquecimento das instituições presentes pela prática da sabotagem, ação direta e greves gerais; e pela educação dos trabalhadores e trabalhadoras, visando atingir uma forma de sociedade futura baseada na solidariedade, ou seja, a revolução não deve operar dentro do sistema capitalista e assalariado, mas em negação a ele, não aceitando qualquer acordo com o capital.

Quase todos os principais sindicalistas concordam com os anarquistas que uma sociedade livre pode existir somente através da associação voluntária e que seu sucesso derradeiro irá depender do desenvolvimento intelectual e moral dos trabalhadores que irão suplantar o sistema salarial com um novo arranjo social, baseado na solidariedade e no bem-estar econômico para todos. Isto é o sindicalismo, na teoria e na prática (Goldman, 2010, p. 8).

Além da obrigatória crítica à dominação e de similaridades quanto à ideia de sociedade pautada no atendimento das necessidades reais de seus indivíduos, o desenvolvimento histórico do anarquismo baseia-se na concepção tanto de evoluir a sociedade, quanto de trazê-la novamente para um estado natural de harmonia.

Dessa forma, Pierre-Joseph Proudhon (1808-1865), importante divulgador da filosofia anarquista e federalista⁶ durante a primeira metade do século XIX, em sua obra *O que é a propriedade*, de 1840 (Proudhon, 1975), manifesta pela primeira vez a artificialidade representada pela posse de terras nas mãos de poucos privilegiados. Em 1907, no México, a mesma ideia de uma condição humana *desnatural*, isto é, imposta, portanto errada, ocasionada pela propriedade exclusiva de terras, aparece em Ricardo Flores Magón⁷, periodista libertário durante a revolução mexicana, quando diz:

A natureza é igualitária: leis semelhantes, precisas e invariáveis regem a vida universal das estrelas, e da mesma forma, leis semelhantes, precisas e invariáveis determinam o nascimento de todos os homens. Não há quem seja superior aos outros: todos os homens nascem iguais, têm a mesma origem e vivem sujeitos às mesmas leis biológicas. Por que alguns devem ser poderosos e outros miseráveis? A Terra, obra da natureza, por que deve ser

⁶ Para uma análise aprofundada em relação ao federalismo proudhoniano, ver: Samis (2022).

⁷ Ricardo Flores Magón (1873-1922) foi um periodista mexicano e editor dos seminários *Revolución e Regeneración* (periódico-órgão do Partido Liberal Mexicano). Em diálogo com Emiliano Zapata, seus textos demonstram o pensamento político libertário durante a Revolução Mexicana (1910). Para um contato maior com a obra de Magón (2022), ver: *Tomar a Terra*.

o feudo dos mimados pela fortuna, em vez de patrimônio da coletividade, da humanidade inteira? (Magón, 2022, p.125).

Nesse sentido, enquanto países de base agrária serviam como suporte para atender a contínua industrialização do ocidente europeu, a rápida circulação de ideias, possibilitada por novidades tecnológicas dos meios de comunicação, permitia que trabalhadores em diferentes posições de opressão aproximassem-se cada vez mais em enfrentamento a um inimigo em comum. Tal contato se deu por meio da circulação de opiniões, protestos, expectativas e exigências que ultrapassavam os limites geográficos e nacionais, ao passo que também criavam a ideia de uma coletividade compartilhada, ordenada “não de cima para baixo, impondo uma aparente unidade e ordem à sociedade humana, como tenta o Estado”, mas em um movimento

de baixo para cima, tomando a vida social das massas, suas reais aspirações como ponto de partida, e encorajando-as a se unirem em grupos de acordo com seus reais interesses na sociedade (Bakunin, 2022, p. 9).

Em 1869, Mikhail Bakunin, influente articulador de associações trabalhistas e combativas da Europa e principal pensador do sindicalismo revolucionário⁸, através do jornal *L'Égalité*, de Genebra, expõe sua visão a respeito das crescentes agremiações trabalhistas, compostas então por operários que

[...] depois de terem servido durante tantos séculos⁹ como um pedestal passivo e mudo para todas as ambições e todos os políticos do mundo, estão finalmente cansados de desempenhar um papel tão pouco lucrativo quanto sem valor [...] (Bakunin, 2022, p. 13).

Ao mesmo tempo, o agitador russo manifesta a necessidade social de evoluir, fazendo um paralelo entre o passado que precisa ser ultrapassado e uma sociedade emergente, isto é, uma nova forma de poder, posterior à organização estatal:

Antigamente, marchava adiante, e nele estava todo o seu poder, hoje recua, tem medo, condenado a nada. Se tivesse salvado um pouco dessa vitalidade enérgica, um pouco do fogo sagrado que a fez conquistar o mundo no passado, teria encontrado dentro de si a coragem de admitir que hoje está em uma situação impossível, e que sem um esforço heroico de sua parte estará condenada em todos os sentidos, desonrada, arruinada e ameaçada de morrer no confronto. Apenas dois poderes existem e ambos se preparam

⁸ Sobre o sindicalismo revolucionário, ver: Van Der Walt (2013).

⁹ O anacronismo e as hipérboles presentes na fala de Bakunin justificam-se por conta da natureza do texto em questão, isto é, um manifesto interessado em inflamar os leitores (operários europeus) e não, necessariamente, expor uma ideia ou informar algo.

para um encontro inevitável: o poder do passado, representado pelos Estados, e o poder do futuro, representado pelo proletariado (Bakunin, 2022, p. 14-15).

Assim, o surgimento do anarquismo associa-se a um contexto histórico claramente definido, isto é, uma reação teórica ocasionada por uma nova forma de representação que os trabalhadores europeus faziam sobre seu próprio papel e lugar na sociedade; e um movimento prático de organização revolucionária possibilitado pelo maior acesso dos setores populares às modernas tecnologias de comunicação. Essa maior aproximação entre trabalhadores oprimidos revela-se principalmente com o contato entre operários franceses e ingleses, concretizando a realização da I Internacional¹⁰ e a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), movimento que “visava criar um organismo internacional na qual a classe trabalhadora pudesse se associar para discutir projetos comuns” (Corrêa, 2022, p. 304).

Valores como a liberdade individual e a igualdade perante as leis passam a ser difundidos de maneira mais massiva, assim como a ideia de que as tecnologias poderiam auxiliar a emancipação humana; valores que contribuem também, aos poucos, como enfraquecimento da influência religiosa. Paralelamente, um aumento na taxa de alfabetização permite maior consumo cultural, incluindo periódicos (Corrêa, 2022, p. 300).

O movimento de baixo para cima, e da margem para o centro toma forma a partir de um olhar sobre os primeiros congressos da AIT. De acordo com Felipe Corrêa (2022), inicialmente, o congresso realizado em Genebra (1866) procurou atuar no âmbito local, aprovando os estatutos gerais da associação e buscando um maior contato entre as diferentes agremiações. A associação se daria, portanto, a partir de federações livres baseadas na solidariedade e desenvolvendo-se através da autonomia particular em prol de objetivos comuns, ou seja, uma relação de apoio mútuo entre diferentes associações e cooperativas operárias. Em um segundo momento, o congresso de Lausanne, em 1867, define as pautas em que as diversas associações trabalhistas deveriam atuar a fim de concretizar o espírito mutualista entre os operários da Europa, exigindo a redução das jornadas de trabalho, extinção do trabalho assalariado e repartição dos produtos entre os trabalhadores. Porém, é

¹⁰ “Se tivermos de apontar um ano em particular, parece ser razoável considerar que o anarquismo emerge em 1868, especialmente como um setor do coletivismo federalista da Internacional. É nesse momento que creio ser possível encontrar, nomeadamente, um conjunto de militantes que podem ser chamados, de maneira adequada, de anarquistas” (Corrêa, 2022, p. 308).

no terceiro congresso, em Bruxelas (1868), que a AIT passa a atuar de forma mais direta e radicalizada, fomentando a ação dos coletivos mediante as greves e incentivando a expropriação dos meios de produção das mãos dos capitalistas:

Contaram também, para essa radicalização, as próprias experiências das lutas dos trabalhadores. A eficácia das greves e mobilizações mais combativas, os limites das atuações exclusivamente por meio das cooperativas, as frustrações com as eleições entre outros fatores pareciam mostrar aos trabalhadores, por meio de sua própria atuação, os caminhos que deveriam ser tomados para promover a revolução e o socialismo (Corrêa, 2022, p. 306).

Em 1869, o quarto congresso da Internacional, realizado em Basileia, na Suíça, define a necessidade da propriedade coletiva entre os operários e a abolição do direito à herança, além de representar um ponto de cisão entre as perspectivas coletivistas e mutualistas. Para Bakunin, a coletivização da propriedade implicaria a abolição do Estado político e jurídico, enquanto a posse privada, mesmo que voltada para o atendimento de necessidades específicas, representaria uma continuidade da influência do Estado. Nesse sentido, conclui seu discurso para o Congresso na Basileia afirmando: “Eu sou um antagonista resolutivo do Estado e de toda política estatal burguesa. Exijo a destruição de todos os Estados nacionais e territoriais e, sobre ruínas, o estabelecimento de Estado Internacional dos trabalhadores” (Bakunin, 2022, p. 37).

A divisão da Internacional é associada a operários alemães que, contrariamente a federações italianas e espanholas, formaram um partido social-democrata (marxista). Essa divisão entre federações e partidos, além de significar uma ruptura da Internacional, define o anarquismo moderno. Nesse sentido, o termo anarquistas, inicialmente utilizado pelos rivais, representa aqueles que, até então, denominavam-se federalistas ou antiautoritários. É nesse momento de divisão que Bakunin ganha destaque através de cartas e folhetos em crítica ao Estado e à religião, ambos, de acordo com o russo, representantes de um momento da civilização do passado, portanto, ultrapassado. Enquanto crítico do Estado e da religião, Bakunin surge como um ferrenho defensor da liberdade individual e antagonista a qualquer órgão artificial de mediação das relações humanas, isto é, a emancipação do indivíduo, possibilitada pela sua liberdade, acabaria por permitir que este ser humano exercesse influência sobre os demais:

Na natureza, assim como na sociedade humana [...] toda criatura existe na condição de que tente, tanto quanto sua individualidade o permita, influenciar a vida dos outros. A destruição dessa influência indireta significa a morte. E quando desejamos a liberdade das massas, não queremos de forma alguma destruir essa influência natural, que indivíduos ou grupos de indivíduos, criam através de seu próprio contato. O que buscamos é a abolição da influência artificial, privilegiada, legal e oficial (Bakunin, 2022, p. 8).

Assim, a liberdade do *eu* está estritamente relacionada e dependente da liberdade do outros, e uma nação livre seria formada através de um conjunto de federações livres. Tal ideia de liberdade associa-se à teoria econômica de Bakunin, caracterizada por um ideal *coletivista*, onde a propriedade comum dos grupos de trabalho definiria as relações financeiras.

É claro que tal movimento emancipatório não passou despercebido pelas autoridades europeias. À medida que a solidariedade anarquista vinha crescendo, o Estado utilizava de seus aparelhos repressivos para garantir sua unidade. Assim, o anarquismo passa a ser relacionado com a violência a partir das duas últimas décadas do século XIX, quando manifestações públicas e combativas influenciadas por anarquistas passam a ser reprimidas pela força do Estado, o que gera uma relação contínua de execuções de manifestantes e vingança dos operários.

Notórios anarquistas foram mortos pelo Estado ou tiveram sua liberdade física restringida por quase toda sua vida. Porém, a atividade jornalística permitiu que suas ideias continuassem a agir em combate à opressão, chegando à América em papéis amassados, dentro de malas de milhões de imigrantes europeus ansiosos por melhores condições econômicas ou em fuga por ameaçar a ordem vigente. Apesar de despertar na Europa por conta de uma demanda de organização solidária e anticapitalista, o anarquismo cresce na América Latina conforme sua população passa a organizar-se colaborativamente.

2.2 ARGENTINA: SOLO FÉRTIL PARA FLORES EXÓTICAS

O surgimento do anarquismo em Buenos Aires está relacionado com os fluxos migratórios recebidos pela Argentina no contexto do século XIX e início do XX, o que se explica, primeiramente, como uma espécie de outro capítulo da ação militante já exercida por esses libertários na Europa, migrantes muitas vezes por conta de perseguições policiais e, em um segundo momento, pela forma como o discurso anarquista dialogou com o recém formado proletariado bonaerense, atrativo, entre

outros motivos, por conta de sua proposta internacionalista. Nessa conjuntura, a Argentina forma um elo de ligação entre uma massa atraída por oportunidades de trabalho ou posse de terras, e aqueles cujo deslocamento se dava pela própria possibilidade de viver em liberdade ou pela crença na necessidade de uma revolução internacional.

Ao final do século XIX, a Argentina vivia um intenso crescimento no plano econômico devido à produção e exportação de produtos agropecuários, sucesso adquirido após a *Campaña del Desierto*¹¹, expedição militar empreendida a partir de 1878 sob o governo de Julio A. Roca, que, com a expulsão e o assassinato de povos nativos, dá início, de fato, a um processo de “busca pela modernidade”, definida por Terán (2015, p. 97) como o “*nacimiento y la expansión planetaria del modo de producción capitalista*”. Alinhado ao processo de expansão do capitalismo, avanços tecnológicos como a substituição da vela pela energia a vapor nos navios, telégrafos e estradas de ferro (Grejo, 2016), atendem as demandas da modernidade e possibilitam que cada vez mais pessoas, produtos e capitais circulem ao redor do globo, e em maior velocidade. No caso argentino, essa exigência do capital manifestava-se na necessidade de mais mão de obra para a construção de uma rede ferroviária no país, mirando uma maior conexão entre os latifúndios e um aperfeiçoamento do transporte de produtos exportados para a Europa e os Estados Unidos. Assim, para a elite intelectual argentina da Geração de 37¹², o imigrante europeu aparecia como sinônimo de civilização e trabalho e, portanto, era desejado e necessário para a plena modernização da Argentina¹³.

¹¹ “*La apropiación de los territorios hasta entonces ocupados por los indígenas en la llamada ‘Campaña del Desierto’ abrió para los vencedores un enorme territorio, sobre el cual las inversiones inglesas desplegarían una extensa red de vías férreas*” (Terán, 2015, p. 96).

¹² Durante o período em que Rosas esteve no poder, surgiu um grupo de intelectuais liberais que se opunham a seu governo. Esse grupo, conhecido como Geração de 1837, foi responsável pela elaboração de muitos dos projetos postos em prática no final do século XIX e tinha como integrantes Estebán Echeverría e Juan Bautista Alberdi, que tiveram que se exilar no Chile durante o governo de Rosas por serem perseguidos por ele (Greja, 2009).

¹³ Para Terán (2015), o cenário intelectual argentino, na primeira metade do século XIX, girava em torno dos exemplos de Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi. Tal como demonstrado por Camila Greja (2016), ambos representantes da chamada Geração de 37 concordavam em relação à necessidade de fomentar a imigração a fim de civilizar a região e modernizar a Argentina. Sarmiento via na figura do gaúcho e na grande extensão de terras pouco habitadas os principais motivos para a barbárie no país. O gaúcho, vivendo isoladamente, caracterizava a não existência de vida política argentina, assim, o imigrante ocuparia essas regiões desertas do país, formando uma classe média rural que acabaria com as velhas oligarquias no poder da Argentina. Acreditava, portanto, no progresso por meio do cultivo da terra. Em outra perspectiva, a ideia central na obra de Alberdi (*Bases y Puntos de Partida Para La Organización Política de La República Argentina*), resume-se em *gobernar es poblar*, ao mesmo tempo, Alberdi defendia a imigração pois acreditava

Logo, a certeza de trabalho na Argentina, somada a uma política de incentivo à imigração europeia, exposta, inclusive, na própria constituição do país, em 1853, no artigo 25¹⁴, aparece de forma muito atraente para trabalhadores europeus, motivados ainda por especificidades próprias de seus países de origem. Com a Espanha em crise política e social ao final do século XIX, quase 3,3 milhões de espanhóis saíram do país entre 1882 e 1930, e aproximadamente 48% desembarcaram na Argentina (Gonçalves, 2011). Para o historiador Paulo César Gonçalves (2011), tal movimento migratório em direção à Argentina relaciona-se com a antiga relação entre a metrópole e a colônia; assim, atribui os impressionantes números de imigrantes espanhóis a uma política de subsídio do governo espanhol para o transporte marítimo da população, a fim tanto de combater viagens clandestinas, quanto de conservar os laços entre as duas regiões; apesar de identificar uma mudança no que diz respeito à ideia sobre emigração de espanhóis, principalmente após 1898 e as independências de Cuba, Porto Rico e Filipinas. Ana Leonor Romero (2014) complementa o trabalho de Gonçalves (2011) analisando a construção de um terreno cultural compartilhado entre Argentina e Espanha, olhando para a participação do imigrante espanhol na formação de uma noção política vista em ambos os países e influenciada por uma ideia de união da raça latina (Romero, 2014). Paralelamente, cerca de 14,1 milhões de italianos aportaram para o Novo Mundo entre 1870 e 1913 (Gonçalves, 2011). Paulo César Gonçalves (2011) argumenta que, no caso italiano, a emigração passou a ser vista como meio para desenvolver o comércio externo. Assim, uma vez que não era possível impedir a saída do país, a forte emigração aparece ligada ao fato de que companhias de navegação obtiveram o apoio do Estado, ou seja, projetava-se ganhos financeiros à marinha mercante que, de outra forma, iriam parar em bolsos clandestinos. Nesse sentido, a emigração de italianos aprecia como uma espécie de *colonialismo pacífico*, exportando mão de obra e criando produtores de renda no exterior:

A repercussão da emigração clandestina na Itália talvez seja o exemplo mais bem acabado da estratégia acima mencionada. As companhias de navegação, por meio da imprensa e de seus representantes políticos, sempre

na substituição de uma sociedade por outra, isto é, o imigrante iria transformar os hábitos da população: o nativo passaria a imitar o estrangeiro.

¹⁴ “El Gobierno Federal fomentará la inmigración europea; y no podrá restringir, limitar ni gravar con impuesto alguno la entrada en el territorio argentino de los extranjeros que traigan por objeto de labrar la tierra, mejorar las industrias, e introducir y enseñar las ciencias y las artes” (Argentina, 2017, p. 9).

pressionaram o Estado no sentido de não colocar entraves à emigração, pois resultariam nas saídas clandestinas. Esse era o ponto central. Mais do que a falta de passaporte, importava evitar o embarque de emigrantes italianos em portos estrangeiros, geralmente associado à clandestinidade, e que causava sérios prejuízos à marinha mercante italiana (Gonçalves, 2011, p. 351).

A esperança de uma vida melhor em solo argentino aparece no relato memorialístico da anarquista Juana Rouco Buela (1964), imigrante espanhola que desembarca em Buenos Aires no ano de 1900, com apenas 11 anos de idade. De acordo com Juana, a vida economicamente estável que sua tia levava na capital argentina motivou que ela, seu irmão e sua mãe também deixassem Madri e procurassem vida nova em “*un ambiente totalmente distinto del que había vivido*” (Buela, 1964, p. 12), realidade compartilhada por quase 6 milhões de imigrantes que aportaram na Argentina entre 1870 e 1914. Santillan aponta que apenas entre 1870 e 1880, entravam no país de 35 a 40 mil imigrantes por ano. Os impressionantes números de imigrantes revelam uma maioria de espanhóis e italianos declarados agricultores em seus países de origem (Poy, 2014). Roberto Cortés ainda chama a atenção para a superioridade de jovens nesse processo:

A vasta maioria dos imigrantes eram jovens do sexo masculino. Em 1895, 47,4% dos estrangeiros e 23,4% do total dos naturais do país estavam na faixa etária de 20-40 anos. Os números para o grupo de 0-20 anos eram 21,8% de estrangeiros e 60% de argentinos. Em 1914, na faixa etária de 20-40 anos havia mais homens entre os estrangeiros do que entre os naturais da Argentina (Conde, 2013, p. 484).

Apesar de o crescimento econômico e a influência política de alguns imigrantes representarem um ponto de tensão entre a velha elite *criolla* e as novas famílias (estrangeiras) em ascensão, é com a imigração interna, em um movimento de fuga das injustiças do meio rural, para a busca de empregos nas zonas urbanas do país, que a figura do imigrante passa a representar muito mais um perigo à ordem social que um elemento civilizatório, visto que tais trabalhadores estrangeiros entram em contato com a ainda tímida atividade militante bonaerense, exemplificada no folheto *Una idea*, manifesto bakuninista de 1879 e primeiro registro de propaganda anarquista na capital da Argentina.

Entre 1874 e 1876, os partidários de Mikhail Bakunin se sobressaíram em relação aos marxistas, mas a divisão e as lutas intestinas acabaram propiciando a dissolução do núcleo argentino da AIT em 1876. Os bakuninistas então fundaram o *Centro de Propaganda Obrera*, primeira

organização anarquista da Argentina, responsável pela publicação, em 1879, do folheto *Una idea*, que incluía as resoluções do congresso de 1872 da Internacional de St. Imier. No mesmo ano, surgiu *El Descamisado*, o primeiro periódico anarquista da Argentina, mas que logo teve sua publicação interrompida (Knevitz, 2021, p. 22).

Assim, as primeiras manifestações anarquistas e socialistas de Buenos Aires são identificadas já na década de 1870, através de ações propagadas principalmente por anarquistas e socialistas estrangeiros vindos da experiência da I Internacional, isto é, imigrantes que formavam então uma experiência coletiva própria; minoritária nesse momento, mas que, devido aos problemas oriundos da modernização da Argentina, encontram na defesa de seus ideais uma forma de sobreviver e, mais ainda, expandir-se.

Em 1899, o então deputado Miguel Cané¹⁵ sinalizava os principais problemas sociais da Argentina como decorrentes de uma legislação preocupada em atender à falta de trabalhadores na região, no entanto, a *questão social* não fora prevista por seus constituintes. Assim, Cané olha para a obra *Bases y puntos de partida para la organización nacional*, escrita em 1852 por Juan Bautista Alberdi (2017)¹⁶, intelectual argentino e representante da Geração de 37, e argumenta que, desde a formação do Estado Argentino, uma das principais preocupações dos estadistas era o acolhimento aos estrangeiros, os quais, para povoar o território, gozavam de todas as garantias necessárias para trabalhar nas indústrias do país.

Puede decirse que toda nuestra legislación, tanto política como civil y penal, ha sido hecha bajo la dirección de algunas ideas generales, que traducen aspiraciones comunes, entre las que, una de las principales, sino la primera, fué el deseo de atraer la emigración extranjera, para poblar las estensas llanuras de la patria, cuya espantosa soledad, como diría Pascal, afligía el espíritu de nuestros padres, como aun inquieta los nuestros. Nada más generoso que el sentimiento que guiaba á nuestros constituyentes, cuando, siguiendo el elocuente consejo de Alberdi, extendían á todos los extranjeros las garantías, ventajas y prerrogativas que los ingleses, vigilantes y prácticos como siempre, habían sabido asegurarse por un tratado especial. Todo cuanto un país puede ofrecer al que llega á sus playas buscando trabajo o medios

¹⁵ “Miguel Cané, uno de los más representativos de su grupo y un miembro relevante de la clase dirigente. Cané posee un linaje que lo conecta con el patriciado y con el exilio antirrosista, e inició su carrera de escritor en los diarios *La Tribuna* y *El Nacional*. De allí en más protagonizó una carrera típica entre los miembros de su grupo: director general de Correos y Telégrafos, diputado; ministro plenipotenciario en Colombia, Austria, Alemania, España y Francia; intendente de Buenos Aires, ministro del Interior y de Relaciones Exteriores” (Terán, 2015, p. 101).

¹⁶ “Alberdi nasceu na cidade de Tucumán, na Argentina, em 1810, e morreu em Paris, na França, em 1884. Ao longo de sua vida, publicou inúmeras obras de Direito, Política, Filosofia e Economia sobre a Região do Prata e também sobre a América do Sul, incluindo o Brasil. Suas obras completas compõem 8 volumes, e suas obras póstumas, 16” (Braga, 2014, p. 2).

de ejercer industrias útiles, nuestra constitución lo ofrece (Cané, 1899, p. 5-6).

Logo, a imigração, que “*era una necesidad y no constituía un peligro*”, tornou-se um problema por conta das ideias que estavam em voga entre a classe proletária da Europa. A historiadora Camila Bueno Grejo (2016), apoia-se em Romen Man, que trabalha a respeito da distinção entre os conceitos *imigrantes* e *extrangeiros*, isto é, enquanto o *imigrante* aparece como a base para um projeto nacional moderno, baseado no progresso agroexportador; o *extrangeiro*, próprio do século XX, seria aquele designado como responsável pela desestabilização da sociedade:

É importante destacarmos que, ainda que o projeto imigratório não tenha sido abandonado no início do século XX, o “mau imigrante” era aquele que não havia se incorporado ao “crisol de raças” e mantinha sua condição de estrangeiro, atitude reprovada pela elite governante que passou a caracterizá-los como anarquistas ou exóticos, funcionando como uma representação cabal de que o ideal de imigração desejada e alentada não correspondia àquela que realmente se manifestava no país (Grejo, 2016, p. 115).

Paralelamente, o historiador Maurício Knevez (2021) enxerga essa condição de *extranjería*¹⁷, conceito elaborado por Osvaldo Coggiola e Egardo Bilsky (1999) para tratar sobre a marginalização do imigrante na Argentina, como quadro muito bem explorado pelo discurso anarquista e receptível às práticas políticas do anarquismo.

Nesse sentido, Cané vê a Constituição Argentina de 1853, modificada em 1860, como um sucesso para as aspirações nacionais, uma vez que, através da Constituição, a Argentina passou a constituir uma união nacional¹⁸, cessando os sangrentos conflitos internos pós-independência, assim como organizando e promovendo o crescimento nacional e a defesa das liberdades da população. Porém,

¹⁷ “A formação da classe operária argentina foi favorecida por um intenso fluxo imigratório iniciado no final do século XIX, e, devido ao desenvolvimento desigual da economia nacional, a maioria dos estrangeiros se assentaram nas grandes cidades do litoral. Nos principais centros urbanos, a maior parte da população economicamente ativa era composta por imigrantes, mas eles eram marginalizados e excluídos da vida política e social argentina. Essa condição de *extranjería* imposta sobre a classe operária emergente foi explorada pelo anarquismo, que soube se apresentar enquanto uma alternativa política viável para os trabalhadores” (Knevez, 2021, p. 20).

¹⁸ “*En esa década de 1880 se verifica el cumplimiento de significativos procesos modernizadores en las áreas política, económica y social. Se concluye la estructuración del estado nacional, que ahora ostenta el monopolio de la fuerza legítima, afirmado en la derrota de las disidencias provinciales. La ciudad de Buenos Aires es federalizada, dando fin a un conflicto que había recorrido toda la breve, compleja y violenta vida nacional. Desde ese estado se sancionan las leyes laicas de educación y de registro civil, que colocan en manos estatales un control de la población hasta entonces dividido con la iglesia católica*” (Terán, 2015, p. 95).

visto que os constituintes de então estavam totalmente inspirados pelas obras de Alberdi, isto é, a ideia de povoar o país através da imigração europeia, falharam em prever que esses milhões de europeus não trariam consigo apenas os hábitos de liberdade, de cultura e de trabalho, especificados por Alberdi, mas também o *instinto rebelde*¹⁹ já amplamente manifestado por Bakunin na Europa. Para Cané, as garantias possibilitadas pela demanda de então acabam por permitir que anarquistas expulsos da Europa migrem para a Argentina por decorrência das oportunidades de trabalho disponíveis no país, além da falta de controle de imigração, como se dá em outras nações. Tal realidade argentina possibilita que “*el anarquismo, con su séquito de crímenes, mucho de los que han horrorizado ya á la humanidad*” (Cané, 1899, p. 10) penetre em solo argentino e permita que o militante exerça propagandas, em um primeiro momento, e ações violentas, posteriormente.

Esa es la verdadera teoría; puerta abierta á todos los que nos traigan lo que Alberdi quería que nos trajesen, hábitos de libertad, de cultura y de trabajo. Pero recibir con igual franquicia y entregar la paz social y política de esta nación, á los que, en vez de esas costumbres, nos traen, como medios de llegar á un estado de mayor felicidad humana, el incendio y el asesinato, eso no ha podido que rerlo la constitución y no lo quiere (Cané, 1899, p. 83).

O historiador do movimento operário bonaerense Iáncov Oved (1978) pontua que os primeiros grupos anarquistas e socialistas em atuação na Argentina, durante a segunda metade do século XIX eram formados a partir de adeptos de cada país de origem, isto é, cada grupo correspondia à união entre respectivos compatriotas, agora residentes em Buenos Aires. Três filiais são identificadas no ano de 1873: uma francesa, ligada ao marxismo; uma italiana e uma espanhola, ligadas a Bakunin e que, com o passar do tempo, aumentavam em número de adeptos principalmente por conta da chegada de espanhóis exilados após a restauração borbônica. Ao mesmo tempo, Camila Bueno Grejo (2016) identifica uma alteração no que diz respeito à ideia de imigração como ponte para a modernidade já na década de 1880, uma vez que a formação de uma identidade propriamente argentina era frustrada muito por conta da enorme heterogeneidade da população, ou seja, mesmo antes da consolidação do

¹⁹ “A Internacional, por outro lado, não tem como objetivo senão a liberdade absoluta das massas. Consequentemente, ela apela para o instinto rebelde. Para que esse instinto rebelde seja forte e poderoso o suficiente para derrubar o domínio do Estado e da classe privilegiada, a Internacional deve organizar. Para realizar este objetivo, ela tem que empregar duas armas bastante simples: A propagação de suas idéias e a organização natural de seu poder ou autoridade, através da influência de seus adeptos sobre as massas” (Bakunin, 2022, p. 6).

anarquismo em Buenos Aires e de atuações mais significativas do movimento operário, agremiações estrangeiras já preocupavam a elite local e eram vistas como um impedimento para a construção de uma nação moderna, principalmente por conta da sociedade fragmentada em diferentes línguas, heróis, tradições, etc. que se formava. Nesse sentido, os italianos eram especialmente malvistas:

Dentre os grupos imigratórios cuja ação era associada à desagregação social, devemos citar o caso dos italianos, pois, como ressaltou Fernando Devoto, eram considerados um grupo sob suspeita devido ao grande número, à pouca disposição em se integrar à sociedade argentina e ao vigor de suas instituições étnicas, pesava sobre eles, ainda, sua presença pública em manifestações e comícios, principalmente em festejos a seus heróis, tais como Mazzini e Garibaldi, o que contribuiu para que fossem vistos como um empecilho à construção da identidade argentina (Grejo, 2016, p. 115).

Paralelamente, as agremiações italianas ganham destaque também por conta de sua participação no fomento do anarquismo na Argentina.

Trabalhando a respeito de ações revolucionárias individuais de alguns anarquistas argentinos, Osvaldo Bayer²⁰ demonstra a influência dos italianos não apenas ao anarquismo argentino, mas ao movimento operário como um todo, apontando 26 nomes que compunham mais da metade dos 47 delegados que formavam, inicialmente, a Federação Operária Argentina (FOA), organização construída em 1901 após uma breve aproximação entre anarquistas e socialistas residentes na Argentina, tal como demonstrado por Maurício Knevez (2021, p. 39):

Divididos entre as disputas políticas e a solidariedade de classe, anarquistas e socialistas passaram a considerar a criação de uma federação que congregasse todas as organizações operárias do país. A ideia não era nova: entre 1890 e 1900, houve pelo menos quatro tentativas de criar uma federação operária, todas impulsionadas pelos socialistas e contando com a oposição dos anarquistas, que inclusive tentaram fomentar um projeto federativo alternativo ao dos socialistas em 1895 através do periódico *La Unión Gremial*. Desta vez, porém, os anarquistas pareceram dispostos a colaborar com a iniciativa, que partiu de um grupo de sindicatos socialistas que editava o periódico *La Organización*.

²⁰ Após abandonar a faculdade de medicina, Bayer conquistou sua graduação em história na Universidade de Hamburgo, em 1956, onde também estudou jornalismo no intuito de desenvolver uma forma de escrita capaz de transmitir o conhecimento histórico para um público mais amplo, isto é, tornar a história democrática e pública, e não restrita ao meio acadêmico. Ao retornar a Buenos Aires, tem seus primeiros trabalhos publicados na revista *Todo es Historia*, no entanto, suas produções de mais destaque estão nos livros *Los vengadores de la Patagonia Trágica*, de 1972 e *Los Anarquistas Expropiadores*, de 1975; textos que, além de denunciar a repressão do governo argentino contra camponeses e imigrantes, exaltavam a necessidade de um movimento de trabalhadores coeso e revolucionário, fazendo com que o nome de Bayer aparecesse na lista dos subversivos durante a ditadura militar do país, e seus livros fossem queimados.

A formação da FOA inaugurou um período de intensas manifestações sociais e atividade grevista, entretanto, mesmo na segunda metade do século XIX já é possível identificar atividade anarquista ligada principalmente a libertários italianos. Destaca-se, em um primeiro momento, o trabalho exercido por Ettore Mattei. Natural de Livorno, Mattei nasce em 1851 e ainda jovem participa ativamente da I Internacional, fato que o obriga a exilar-se primeiramente na França, antes de precisar buscar refúgio na América, também por conta de perseguição policial. Sua atuação para o anarquismo em Buenos Aires está na criação do *Círculo Comunista Anárquico*, de 1880, definido por Maurício Knevez (2021) como uma agremiação entre padeiros, ebanistas e gravadores, responsável pela realização de conferências e distribuição de periódicos anarquistas europeus para os trabalhadores de Buenos Aires. Apesar de Mattei e o *Círculo Comunista Anárquico* representarem um avanço no que diz respeito à propaganda ácrata na cidade, a historiografia é hegemônica em apontar a chegada de Errico Malatesta²¹, anarquista italiano já conhecido tanto entre os libertários quanto entre as autoridades policiais da Europa, como fundamental para a consolidação do anarquismo em solo bonaerense.

Malatesta tinha 32 anos quando desembarcou na Argentina, em 1885, outra vez fugindo de uma ordem de prisão, realidade que já caracterizava sua vida desde os 14 anos de idade, quando, como apontado por Osvaldo Bayer, é preso após enviar uma carta ameaçadora ao Rei Vítor Emanuel II. De fato, a trajetória pessoal de Malatesta é o exemplo perfeito de uma vida moldada pela perseguição policial ao anarquismo, assim como do florescimento do anarquismo a partir da repressão. Sua contribuição para o fomento da propaganda libertária na região explica-se em diferentes níveis. Iačov destaca o estímulo à propaganda ácrata dada por Malatesta através da criação do *Círculo de Estudios Sociales*²², em 1885, definido por Knevez (2021, p. 22) como “um pequeno grupo de propaganda que contava com a presença de operários padeiros, ebanistas e gravadores”; e a publicação do periódico *La*

²¹ Errico Malatesta (1853-1932) foi um influente anarquista italiano que atuou diretamente na formação de organizações políticas em pelo menos quatro continentes que visitou. Ademais, foi redator dos jornais *L'Associazione*, *Le Révolté*, *La Questione Sociale*, *Pensiero e Volontà* e *Umanità Nova*.

²² “O *Círculo Comunista Anárquico* realizava reuniões e conferências de propaganda e distribuía periódicos da imprensa anarquista europeia em Buenos Aires. Piette, que chegou ao país em 1885, fundou a *Librería Internationale* no bairro de Barracas, tornando-se um centro de difusão de propaganda anarquista e ponto de encontro dos militantes libertários, particularmente daqueles de fala francesa” (Knevez, 2021, p. 23).

*Questione Sociale*²³, a partir de 22 de agosto do mesmo ano, repetindo a fórmula de um jornal repleto de artigos fundamentalmente doutrinários, como já acontecia em Florencia através do também denominado *La Questione Sociale*. Apesar do periódico durar pouco tempo (apenas 14 exemplares), tal iniciativa resultou no aparecimento de outros jornais na cidade, como o italiano *Il Socialista*, por exemplo, periódico de publicação semanal criado por Ettore Mattei, em 1887. Bayer salienta a importância de periódicos libertários para o sucesso inicial do anarquismo em Buenos Aires pelo fato de que mesmo as primeiras edições vinham a público em espanhol ou italiano, ou seja, textos de fato entendidos pela população, diferentemente de jornais socialistas que por muito tempo circulavam pelo país apenas em alemão, produzidos por exilados das leis antissocialistas de Bismarck.

A influência malatestiana para a rápida expansão do anarquismo entre os trabalhadores de Buenos Aires relaciona-se à ideia de uma organização federativa através da formação de sindicatos baseados na solidariedade de classe, visando ainda atingir uma Federação Regional Argentina de Trabalhadores. Nesse sentido, nota-se em Malatesta uma vontade em unir-se com a ala socialista a fim de fomentar as greves e criar sociedades de resistência, ou seja, apesar de defender uma unidade anarquista, vê a necessidade de uma união geral de trabalhadores. Noutra perspectiva, Osvaldo Bayer (2020), em *Anarquistas Expropriadores*, destaca a atuação de Malatesta para o crescimento do anarquismo por conta do conseqüente retardamento da formação de uma corrente propriamente socialista. Assim, entende que a perspectiva organizativa e combativa levantada pelo italiano conversou com o emocional dessa massa imigrante, isto é, enquanto a proposta socialista baseava-se em um diálogo com o Estado a fim de uma cidadania que traria direitos aos estrangeiros, o anarquismo malatestiano reivindicava um diálogo direto com o patrão que os explorava. O historiador Juan Suriano (1997, p. 426) complementa ainda que o próprio conceito de *cidadão* ou *cidadania* eram alvos de críticas dos anarquistas, uma vez que eram entendidos como títulos que desnaturalizavam o indivíduo e criavam privilégios políticos e exclusivos para quem enquadrava-se como tal; assim, o historiador apoia-se na crítica de “uma ilusão de representação universal”, elaborada por Proudhon em meados do século XIX.

²³ Fundado por Errico Malatesta, *La Questione Sociale* aparece como um dos primeiros periódicos voltados para a formação política dos trabalhadores de Buenos Aires.

En otro plano, distinto era el tema de las representaciones no políticas como el caso de las asociaciones gremiales o las federaciones obreras u otras formas de actividades precisas (grupos antimilitaristas, organizaciones de derechos sociales). En estos ámbitos se aceptaba la representación sólo en puntos precisos, con mandatos expresos, y aún así los delegados o representantes debían renovar sus mandatos cada vez que sus representados se lo exigieran. Así, sería sólo una representación directa y temporal en situaciones concretas (Suriano, 1997, p. 426).

Além da crítica teórica dos anarquistas em relação à necessidade e a efetividade da naturalização do imigrante, a historiadora Camila Bueno Grejo (2017) pontua que a conquista de tais direitos também não era interessante para grande parte dos imigrantes, visto que o ato significava a perda da cidadania de seus países de origem, como no caso italiano. Ademais, Oscar Terán (2015), trabalhando em uma perspectiva da história das ideias, identifica uma ineficiência do próprio Estado no que diz respeito à integração desses imigrantes na sociedade argentina, dado que uma identidade argentina ainda soava como algo muito vago e sem um significado concreto. Terán (2015) identifica duas possibilidades para formação e fomento do sentimento nacional entre a população: através de uma formação nacionalista culturalista, onde o argentino é identificado através de aspectos culturais próprios, como a língua, símbolos pátrios e costumes compartilhados; ou uma formação nacionalista constitucionalista, formando uma identidade nacional a partir de um conjunto de leis que definem o argentino como aquele que acata e respeita a Constituição da República Argentina. Dessa forma, enquanto o nacionalismo era imposto à sociedade forçosamente e sem sucesso, a proposta anarquista popularizava-se entre a classe trabalhadora por conta de sua proposta internacionalista e baseada na agremiação por ofícios.

Através de um discurso e postura internacionalista, os anarquistas souberam superar as diferenças étnicas e culturais presentes entre os imigrantes ao estimular a criação de sociedades de resistência que reunissem os trabalhadores por ofício, e não por nacionalidade. Diante da inexistência de canais institucionais que possibilitassem a participação da classe operária na política, o anarquismo propunha a ação direta dos trabalhadores para a conquista de seus direitos (Knevez, 2021, p. 20).

Nesse sentido, enquanto o Estado falhava na criação de uma identidade própria para a Argentina, fábricas, espaços culturais e centros *obrer*os inauguravam uma aproximação entre diferentes agremiações europeias de Buenos Aires, das quais

se revela uma consciência de classe e uma experiência coletiva que se percebe e se representa, principalmente através da imprensa operária.

Los primeros propagandistas, varones y mujeres, trabajaron con su palabra, proponiendo encuentros que facilitaban la distribución de folletos teóricos - muchos de ellos traducidos por inmigrantes- y aportaron al desarrollo de la prensa ácrata que pronto alcanzó una notable variedad de formatos y de propuestas. Los militantes y los intelectuales cercanos al anarquismo también tuvieron una actividad destacada en la creación de otro tipo de organizaciones culturales como los centros obreros, las bibliotecas, las compañías filodramáticas y las orquestas. Todo ello contribuyó a la conformación de una identidad cultural contestatoria en una importante porción de los trabajadores argentinos durante la primera década del siglo XX (Rey, 2017, p. 3).

Enquanto a elite local e a intelectualidade bonaerense alteravam sua opinião em relação aos imigrantes europeus, entendidos ora como responsáveis pelo surgimento de doutrinas violentas na civilizada nação argentina, ora como obstáculos para a formação de uma identidade nacional, os grupos anarquistas atuantes na cidade durante os primeiros anos do século XX também passaram a combater a intensa chegada de imigrantes ao país, preocupados principalmente com o problema populacional de Buenos Aires e a consequente miséria vivida por trabalhadores sem emprego. O periódico anarquista *La Protesta Humana*, apresentado com mais detalhes sequencialmente, tem, na última página do exemplar de 1 de março de 1902, um pequeno texto sob o título de *Avisos y Comunicados*. Trata-se de um documento produzido pelo *Comité Obrero*, assinado então pelas sociedades *Artes Gráficas, Tabaqueros Unidos, Constructores de Carruajes, Ebanistas, Panaderos, Federación Obrera Argentina, Albañiles, Pintores e Fundidores*. Antes de apresentar o manifesto propriamente dito, há um pequeno comunicado afirmando que o comitê foi formado no intuito de “*contrarrestar los pésimos efectos que sobre la clase obrera produce la propaganda inmigratoria*”²⁴. O manifesto inicia afirmando ao leitor que tal ação foi pensada em reunião no dia 13 do mês passado, assim, interessados em “*tratar del mejor medio de contrarrestar la propaganda hecha en los países europeos y especialmente en Italia para dirigir a la Argentina la corriente emigratoria*”²⁵, convoca todas as sociedades de resistência da república para que enviem representantes para

²⁴ *La Protesta Humana*, 1 mar. 1902, p. 4.

²⁵ *Loc. cit.*

nova reunião, marcada para dia *6 de marzo, á las 8 p.m, en el local de la calle Victoria 2040.*

2.3 LA PROTESTA HUMANA: A PROFISSIONALIZAÇÃO DA PROPAGANDA ANARQUISTA BONAERENSE

Uma vez que as práticas políticas sustentadas pelos anarquistas atuavam fora do eixo eleitoral-partidário, mas baseavam-se em métodos de ação direta, a imprensa operária, caracterizada por uma temática de doutrinação/contestação, aparece como a principal articuladora da organização revolucionária do contexto, servindo ora como meio para a divulgação de manifestações públicas e combativas, ora como forma de propaganda do ideal ácrata aos trabalhadores da capital argentina. Assim, um estudo acerca da produção e do conteúdo de um jornal anarquista de Buenos Aires, muito mais que demonstrar as estratégias do referido grupo, revela um conjunto de características e atitudes próprias da cultura política que se formava *desde abajo*, através da socialização de imigrantes perseguidos e argentinos miseráveis, os quais compartilhavam de uma mesma percepção em relação a que realidade combater, e sobre a sociedade que se desejava formar. Nesse sentido, o periódico *La Protesta Humana*, criado em 1897, aparece como exemplo de sucesso do apoio mútuo defendido pela corrente organizativa do anarquismo argentino.

Como mencionado anteriormente, a utilização da mídia para o fomento da ação revolucionária já era uma realidade comum entre os anarquistas e socialistas vindos da experiência da I Internacional, desde as primeiras agremiações operárias e nacionais que se formavam em Buenos Aires, na segunda metade do século XIX. Acompanhando os avanços tecnológicos nos meios de locomoção, novidades nas formas de comunicação como os serviços de correspondência e os telégrafos, alteram não apenas a quantidade de material produzido, mas a própria prática jornalística, distanciando-se de uma demanda ligada ao poder político e ao Estado, e servindo como forma de reconhecimento social, denúncia e profissionalização:

La prensa local de principios del siglo XX participaba del proceso de transformación que los periódicos experimentaban a escala mundial, cuando los diarios se convirtieron en fenómenos culturales de creciente proyección y configuraron un nuevo campo de lectura que satisfacía gustos y tradiciones diversas. En ese periodismo emergente y renovado, un nuevo grupo de intelectuales, provenientes de las capas medias, encontró una vía de

reconocimiento social que ponía su producción literaria a un público ampliado y le proveía del necesario sustento económico (Rey, 2017, p. 5).

Em Buenos Aires, as primeiras manifestações de imprensa anarquista aparecem nos exemplos dos periódicos *L'Avvenire* (1884) e *La Questione Sociale* (1885), representando a corrente organizativa; e *El Perseguido* (1890), como propagador da perspectiva antiorganizadora. Em relação ao *El Perseguido*, Knevit (2021) argumenta que sua construção, assim como o acirramento das disputas internas no anarquismo bonaerense, resulta tanto de uma resposta diferente à realidade de crise econômica, visto que não viam relevância nas sociedades de resistência ou eficácia na prática das greves; quanto de uma extensão dos conflitos internos vividos entre os anarquistas espanhóis. Entretanto, justamente por uma proposta baseada em ações individuais, tal corrente não adquiriu tanto sucesso entre a população urbana da Argentina, perdendo espaço principalmente após a concretude de um projeto de jornal profissional, isto é, uma mídia que conseguisse aparecer com frequência, e em grande escala.

Nesse sentido, o surgimento do *La Protesta Humana* se dá através da fusão dos jornais *La Questione Sociale*, então administrado pelo italiano Fortunato Serantoni, e *El Oprimido*, dirigido por John Creaghe. Eduardo Cunha argumenta que tal iniciativa se tornou possível também por conta do caráter colaborativo visto entre as diferentes agremiações anarquistas da cidade, ao final do século XIX, mas principalmente por conta de uma necessidade de ordem financeira, isto é, a união entre ambos os periódicos representa a concentração de verbas de diferentes grupos organizativos em apenas um representante direto. Assim, o dinheiro coletado vai para as mãos do mercenário catalão Gregorio Inglán Lafargua, primeiro administrador do *La Protesta Humana*:

Esse projeto se tornou mais palpável no ano seguinte, quando a associação entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido* terminou, encerrando suas publicações para apoiar o surgimento de um novo jornal: *La Protesta Humana*, dirigido por Gregorio Inglán Lafargua. O dinheiro que John Creaghe tinha em mãos, oriundo das campanhas de subscrição em favor do *El Oprimido*, foi destinado para iniciar a publicação de *La Protesta Humana*. Fortunato Serantoni foi um dos principais organizadores de campanhas para a arrecadação de recursos financeiros e assinaturas para o novo jornal. Desse modo, o projeto editorial que deu à luz o *La Protesta Humana* serviu como instrumento de organização encontrado pelos anarquistas “organizadores” para se sobrepor aos “antiorganizadores” (Cunha, 2018, p. 115).

Em 13 de junho de 1897, o *La Protesta Humana* aparece nas ruas de Buenos Aires pela primeira vez e inicia uma trajetória de lutas que, apesar de ter “objetivos e funções diferentes, mas com um simbolismo forte” (Poletto, 2011, p. 44), dura até os dias de hoje. De acordo com Eduardo Cunha (2018), a realização do *La Protesta Humana* se deu por uma demanda em aumentar a periodicidade e a tiragem da propaganda libertária, identificada por representantes do movimento anarquista bonaerense. À vista disso, tal projeto se revelou um sucesso tanto no passado, pela consequente hegemonia do ideal entre os trabalhadores da cidade, durante os anos seguintes; quanto no presente, uma vez que os exemplares coletados perdem sua função de organização política mas possibilitam que o anarquismo continue a ser debatido e apresentado como possibilidade de ação política, servindo então como a base para outras formas de divulgação. Em texto do supracitado Piotr Kropotkin (2021, p. 343), o anarquista russo apresentava a função dos jornais doutrinários para a organização revolucionária dos trabalhadores mesmo em anos finais do século XX:

Os jornais socialistas têm muitas vezes tendência para se tornarem uma simples compilação de queixas sobre as condições existentes. Relata-se neles a opressão sob a qual vivem os operários que trabalham nas minas, nas fábricas e nos campos; pintam-se em cores vivas a miséria e os sofrimentos dos trabalhadores durante as greves; insiste-se na sua fraqueza para lutar contra os patrões. E essa sucessão de esforços inúteis e sem esperança, descrita em todos os números, acaba por exercer ao leitor uma influência deprimente. Para contrabalancear um tal efeito, o jornalista deve então contar principalmente com a magia das palavras, por meio das quais procura levantar o ânimo dos leitores, e inspirar-lhes confiança. Pelo contrário, eu entendia que um jornal revolucionário devia aplicar-se antes de tudo em recolher os indícios que de todas as partes anunciam a chegada de uma nova era, a germinação de novas formas de vida social, a crescente revolta contra as velhas instituições.

Apesar da análise de um número significativo de exemplares revelar a forma como determinada história foi construída pelo coletivo em questão, isto é, como tal realidade foi representada; além da evolução dos processos institucionais para a produção do texto como procedimentos editoriais, qual público se pretendia atingir com suas publicações, qual era o alcance do jornal, como se sustentava, etc. Um olhar atento a apenas um exemplar também é capaz de revelar informações valiosas sobre como se apresentava a propaganda libertária. Nesse sentido, a edição de número um do *La Protesta Humana* vem a público contando com quatro páginas e uma divisão dos textos em quatro colunas separadas. Abaixo do título do jornal, escrito em negrito, o caráter político e pedagógico é exposto ao afirmar *Periódico Anarquista*; assim, os

textos presentes nesse jornal se enquadram naquilo que Foucault (1995) identifica como discursos contáveis, isto é, mapeáveis, referindo-se especificamente a um certo gênero de discurso. A data e o local de produção do jornal são encontrados logo acima do título, *Buenos Aires, 13 de junio de 1897*, proporcionando uma ideia do quadro socioeconômico da origem da produção do jornal. Por fim, o cabeçalho da edição revela ainda informações a respeito da periodicidade e do preço inaugural do jornal. Inicialmente, o periódico circula quinzenalmente a preço de 5 centavos, e com a opção de inscrição semestral, custando \$1 ; ou anual, a preço de \$2 . Porém, em outubro do mesmo ano, a edição de número 9 já noticia a periodicidade semanal, *Sala todos los domingos*²⁶ alterando ainda as opções de inscrição, de semestral para trimestral. Em pouco menos de 4 meses, o *La Protesta Humana* já dava um importante passo para o fomento do anarquismo em Buenos Aires, e tem êxito em sua proposta de crescimento, exposta no primeiríssimo texto do exemplar, presente no canto superior esquerdo da primeira página de 13 de junho de 1897, escrito totalmente em negrito e direcionado *A los compañeros*:

*Contra lo que nos habíamos propuesto debido á la falta de medios pecuniarios, LA PROTESTA HUMANA, por el presente, no puede aparecer semanalmente, y aparecerá cada quince días durante el tiempo que tarde recolectar una regular cantidad por suscripción voluntaria destinada á la creación de un fondo de reserva para asegurar la aparición semanal. Los compañeros que han satisfecho el importe de la suscripción por un trimestre, les valdrá ahora por seis meses.*²⁷

Cunha (2018, p. 126) traz detalhes de como se dava esse tipo de subscrição:

Uma maneira buscada era a venda por subscrição, prática recorrente no meio editorial do século XIX. O processo se dava da seguinte maneira: o grupo interessado em editar algum impresso divulgava sua iniciativa, em geral através dos jornais e da distribuição de panfletos. Junto com a divulgação, o grupo imprimia as “listas de subscrição”, isto é, panfletos nos quais incluía uma descrição sucinta do que seria publicado, os valores de venda estipulados e uma lista para que as pessoas interessadas pudessem se inscrever, tornando-se, assim, assinantes e adquirindo previamente os impressos.

Ademais, acompanhar o crescimento do número de publicidades ao longo dos anos, divulgadas na última página de cada exemplar, permite observar o projeto editorial da equipe para a constante profissionalização da prática jornalística desse

²⁶ *La Protesta Humana*, 10 out. 1897, p.1.

²⁷ *Id.*, 7 set. 1901, p. 4.

coletivo, além de analisar como se deu, na prática, o planejamento para o crescimento da propaganda ácrata, o qual mirou sempre a realização de uma periodicidade diária, objetivo que foi alcançado apenas em 1904, quando o jornal apresentava impressionantes 17²⁸ propagandas diferentes em sua última página, diferentemente da total escassez de publicidade identificada em exemplar de 1897, quando o jornal aparecia quinzenalmente e contava somente com o apoio de inscritos e a venda varejeira. Poletto (2011) chama a atenção para algumas publicidades que entravam em conflito com a própria proposta defendida pelo jornal e que, no entanto, representavam ganhos financeiros significativos para um jornal que constantemente sofreu com problemas financeiros ou de repressão:

Apesar de aparecer propagandas de cervejas e cigarros com frequência no *La Protesta*, o periódico defendia uma vida saudável, tendo uma posição favorável ao vegetarianismo e contrária ao alcoolismo (embora não impositiva). No entanto, a publicidade das cervejarias garantia importantes valores ao periódico. Dessa forma, aparecem também propagandas de restaurantes vegetarianos, as quais, embora não garantissem uma soma 64 considerável ao periódico, representavam e reafirmavam a posição do periódico no que concerne à defesa de uma vida saudável e sem vícios (Poletto, 2011, p. 63).

Entretanto, a falta de pagamento de alguns assinantes era uma realidade que só contribuía para os recorrentes problemas financeiros do jornal. Alinhado aos altos custos de impressão, Poletto (2011, p. 41) chama atenção ainda para a inexistência de espaços em branco nas páginas de cada exemplar, os quais eram muitas vezes preenchidos com frases em negrito de pensadores que combatiam o Estado e a Igreja, isto é, “‘frases soltas’ eram, na realidade, estratégias propagandísticas que transmitiam, de uma forma direta e clara, os ideais do periódico e serviam como verdadeiros slogans”. Porém, tais espaços eram também estrategicamente preenchidos com uma comunicação direta da redação com seus assinantes. Em edição de 1901, um pequeno comunicado no centro da terceira página do exemplar, entre dois artigos de natureza doutrinária, chama a atenção por conta de sua fonte em itálico. Trata-se de uma solicitação de pagamento da mensalidade para reverter a situação econômica do jornal:

Recomendamos a nuestros abonados dejan en sus domicilios alguna persona encargada de pagar las suscripciones del corriente trimestre que

²⁸ *La Protesta Humana*, 24 abr. 1904, p. 4.

*vence el 30 del corriente. La situación económica del periódico, poco satisfactoria que acusa nuestro balance administrativo, nos obliga a aprovechar todos los medios de vida de que pueda disponer el periódico.*²⁹

Após dois meses, a solicitação é reforçada por meio de um pequeno comunicado no canto inferior da segunda página, dessa vez escrito em negrito e assinado por *La Administración*, quando diz: “*Se ruega a los suscriptores de la Capital, quieren dejar en su domicilio el importe del 4º trimestre, que en la presente semana pasará el cobrador.*”³⁰ Ambos os comunicados, além de possibilitarem uma interpretação acerca da condição financeira do jornal e a forma como o mesmo se sustentava financeiramente, demonstram um planejamento econômico e uma organização editorial muito mais regular que o tradicional “*Aparece cuando puede y por suscripción voluntaria*”³¹ além de exemplificarem a profissionalização da equipe:

Além disso, outro elemento que contribuiu para a permanência do periódico nas ruas de Buenos Aires e de outras cidades argentinas diz respeito à maneira como o mesmo foi administrado e mantido por seus editores/diretores/administradores; visto que manter um periódico alternativo com publicação diária em circulação exigia esforços permanentes e estratégias eficazes de manutenção. Dentre as estratégias administrativas do periódico *La Protesta* encontra-se a remuneração de seus redatores, o que, por um lado, garantia a dedicação exclusiva de pessoal para o periódico, a constante produção de matérias e, conseqüentemente, a edição diária do periódico, mas por outro, era alvo de críticas por parte daqueles que acreditavam que o *La Protesta* deveria ser um veículo da militância espontânea, da boa vontade individual dos colaboradores e não um trabalho em troca de soldo (Poletto, 2011, p. 49).

Ao mesmo tempo, o jornal contava com o apoio financeiro recebido através da subscrição voluntária e publicava, no canto inferior direito da última página dos exemplares, uma lista com o nome do doador e o valor recebido. Vale lembrar que as verbas levantadas não iam somente para a administração do jornal, mas dividiam-se em prol de ações do movimento anarquista como um todo, desde apoio a um grupo grevista de Buenos Aires ou em prol da criação de espaços culturais, como bibliotecas e centros *obreros*, até doações em auxílio de militantes na Europa. Nesse sentido, além do diálogo com os leitores, principalmente com seus assinantes, o periódico solicitava e recebia qualquer doação oferecida. Em janeiro de 1900, enquanto o jornal conseguia com grandes complicações manter uma publicação semanal, “*Sale un*

²⁹ *La Protesta Humana*, 23 nov. 1901, p. 2.

³⁰ *Id.*, 7 set. 1901, p. 3.

³¹ *La Voz de la Mujer*, 20 febr. 1896, p. 1.

domingo por otro”, é publicado um pequeno texto revelando os problemas econômicos percebidos em diferentes setores da propaganda libertária. O texto *La Protesta Humana Semanal* inicia argumentando que, após o fechamento da *Casa del Pueblo*³², espaço aberto por iniciativa anarquista no intuito de fomentar a educação dos trabalhadores, tornou-se ainda mais difícil reunir “*un fondo de reserva que nos permita asegurar la aparición semanal del periódico*”. O espaço reservado para tal pronunciado foi estrategicamente preenchido, visto que as razões para tal “*no son del caso explicar*”, importando muito mais solicitar “*especialidades de su fabricación, arte ó industria, libros, miniaturas, pinturas, objetos de mesa, de escritorio, de bolsillo, etc.*”. A publicação fecha exaltando o apoio mútuo verificado entre os trabalhadores.

Apesar de problemas financeiros acompanharem os primeiros anos de vida do jornal; a repressão política chega com mais força após 1902 e representa novos problemas para a administração do jornal e para o fomento da propaganda anarquista. No dia 1 de maio de 1903, o jornal dedica pela primeira vez um longo texto tratando especificamente sobre a apreensão de jornais libertários por parte da polícia.

O título ¡*Ladrones! !Ladrones! ¡Que larguen la Prensa!* chama a atenção primeiramente por conta de seu tom exaltado, ao mesmo tempo em que dá a impressão de ser direcionado especificamente para criminosos (nesse caso, a polícia), porém o texto mostra-se muito voltado para os trabalhadores perseguidos, com um claro intuito em revoltá-los, ao passo que apresentam a repressão vivida pela imprensa em questão. A publicação inicia descrevendo o relato da “*compañera de nuestro amigo Serantoni, cuyo negocio de librería fué saqueado tan escandalosamente por los ladrones de la policia*”³³, isto é, apresenta um discurso

³² Em edição de 17 de setembro de 1899, o *La Protesta Humana* noticiava a abertura da *Casa del Pueblo*, espaço que serve como “*Una prueba de este progreso y de esta fuerza que ya poseemos los que a causa de la Anarquía dedicamos nuestros desvelos*”. A divulgação do novo espaço ganha um local de destaque no jornal, o canto superior esquerdo da terceira página do exemplar. Além de noticiar com entusiasmo a realização de um espaço para “*todos los trabajadores, sin distinción de partidos ni de nacionalidades*”, o texto em questão demonstra outro capítulo do fomento do anarquismo em Buenos Aires, afirmando que a instalação representa “*una nova era de lucha por la emancipación de la clase proletaria, contribuyendo ventajosamente para la instrucción y á la educación popular, á la vez que fomentando la conciencia revolucionaria en la masa del pueblo oprimida y esclavizada*”. O caráter mutualista e autogestionário próprio de um espaço anarquista é revelado através de uma solicitação do período: “*Réstanos solo recomendar á todos los amantes de la emancipación humana ayudar en medida de sus fuerzas al sostenimiento y progreso de una institución, tan benéfica en todos conceptos para los trabajadores*”. Nesse sentido, apesar do espaço não ser “*comparable á los palacios espléndidos que los proletarios construyen y los parásitos habitan*”, a redação convida todos os simpatizantes a visitarem o novo espaço situado na Avenida Callao, 353.

³³ *La Protesta Humana*, 1 maio 1903, p. 3.

relatado indireto (Brandão, 1996), no qual o primeiro parágrafo já divide os sujeitos através de efeitos de linguagem para definir as vítimas e os agressores. Dessa maneira, a realidade criada pelo *La Protesta Humana*, através do relato de uma “*pobre mujer*”, conta que, apesar do chefe de polícia prometer que devolveria os livros e folhetos roubados durante o estado de sítio, o mesmo decidiu posteriormente que “*los folletos los iba á quemar todos, y los de los libros detendria un gran numero de tomo bien encuadernados de la Ciencia Social y la Questione Sociale*”³⁴. Após noticiar o caso, o jornal opta por um discurso doutrinário e define claramente a quem está se dirigindo, e por qual propósito: “*Llamamos la atención de los obreros, para que reflexionen hasta comprender la verdad de que, para ellos, no hay derecho ninguno*”³⁵. Além de denunciar abusos policiais, a matéria procura combater também as propagandas imigratórias e a consequente crise social encarada na Argentina, ao chamar a atenção

*[...] de todos los trabajadores en todas partes del mundo en donde circula este periódico, para hacerlos ver que sobre estar este país en condiciones económicas todavía peores que en Europa, en el no respeta ni la propiedad*³⁶.

A denúncia sobre a condição da Argentina é reforçada através de um discurso voltado para a arbitrariedade da Lei de Residência, em atuação desde novembro do ano anterior. A fala do periódico, nesse momento, gira em torno das leis, ora usadas para a proteção da burguesia, ora ignoradas em desprezo do trabalhador estrangeiro. Assim, primeiramente é feita uma pergunta, mesmo que sem a necessidade de uma resposta explícita: “*¿Que hizo Serantoni para que fuese obligado a huir del país, á fin de evitar la prisión y la deportación brutal, con que le amenazaron?*”; e a reflexão segue: “*Si fuera un crimen ser agitador huelguista, él no lo era, limitandose á atender su negocio, vender sus libros y editar sus publicaciones*”³⁷. Sequencialmente, partindo do princípio de que os leitores do *La Protesta Humana* compartilham de uma condição semelhante à da solitária companheira de Serantoni, ou em condição de exílio, como o próprio Serantoni, o discurso manifesta novamente seu caráter pedagógico e exige: “*¡Meditad esclavos! Las leyes sirven para los poderosos, para los ricos, los derechos sólo éstos los tienen; la autoridad ha sido constituida para ello, y á ello solo presta su*

³⁴ *La Protesta Humana*, 1 maio 1903, p. 3.

³⁵ *Loc. cit.*

³⁶ *Ibid.*, p. 3-4.

³⁷ *Ibid.*, p. 4.

*apoyo y protección*³⁸; ao mesmo tempo em que, através da linguagem, tanto os sujeitos do enunciado são construídos, quanto os sujeitos em diferentes condições sociais são separados. Para Benveniste, aparece uma relação de binarismo, onde o sujeito (*ello, los ricos/trabajadores, esclavos*) só se completam em relação com o outro.

Conforme ataques policiais à imprensa operária vão se tornando mais recorrentes, textos em denúncia a esse cotidiano vão ganhando espaços de mais destaque nas páginas do *La Protesta Humana*. A edição de número 218, no dia 20 de junho de 1903, vem a público em formato diferente e, na primeira página do exemplar, o título centralizado *Por la Libertad del Pensamiento* introduz um longo discurso (uma página e meia) em combate aos “*atropellos que contra nosotros lleva ó intenta llevar á cabo semanalmente, sin interrupción, la policía bonaerense*”³⁹. Primeiramente, se destaca a diferença dos conceitos utilizados para definir e separar os dois polos representados no texto. De um lado, a polícia, definida através de falas pejorativas como “*esbirros, bárbaros, fieles cancerberos de un sociedad putrefacta, bochorno para la civilización*”; e do outro, “*trabajadores, gentes honradas, trabajadores del extranjero e anarquistas*”⁴⁰. Entretanto, enquanto problemas relacionados com a polícia são basicamente obrigatórios a qualquer jornal anarquista, o levantamento de exemplares chama a atenção para a enorme quantidade de textos em confronto com outros periódicos burgueses e, principalmente, socialistas. Nesses casos, o discurso do *La Protesta Humana* é construído através de um diálogo com outros textos. Tal relação de polifonia demonstra uma hierarquia entre os discursos, na qual a proposta anarquista é apresentada ao público conforme a socialista é criticada e representada como insuficiente: “*quiere decir que los obreros deben soportar pacientemente todas la imposiciones patronales sin recurrir á uno de los primeros métodos de lucha, la huelga*”⁴¹, isto é, o anarquismo se constrói nos textos como doutrina completa frente à fragilidade do projeto socialista, não sendo necessário apresentar, realmente, o ideal libertário visto que este se forma no discurso a partir da negação do outro. Assim, argumentando a respeito do sufrágio proposto pelo periódico *La Vanguardia*, a edição de número 151 do *La Protesta Humana* diz:

³⁸ *La Protesta Humana*, 1 maio 1903, p. 4.

³⁹ *Id.*, 20 jun. 1903, p. 1.

⁴⁰ *Loc. cit.*

⁴¹ *Id.*, 17 nov. 1900, p. 2.

Es incompatible la libertad política con la esclavitud económica mientras los trabajadores no tengan asegurado el derecho á la existencia, mientras la emancipación económica de los seres no sea completamente un hecho, mientras no haya desaparecido la explotación del hombre por el hombre y mientras ese medio de dominación humana que se llama salario no haya desaparecido de las prácticas sociales, no serán libres ni podrán hacer uso de sus derechos los hombres que sin medios de subsistencia tengan que entregarse moral y materialmente á otros hombres para proporcionasse el cotidiano pan.⁴²

Ao mesmo tempo, enquanto os textos vinculados a denúncias de abusos policiais apelavam para o emocional dos leitores, criando uma dualidade entre vítimas e agressores, ou oprimidos e opressores; os debates com a mídia socialista eram direcionados para a razão do público, convidando-o a refletir sobre a (real) eficácia da proposta socialista, ou sua similaridade com o inimigo burguês.

Em 12 de novembro de 1899, o periódico anarquista *La Protesta Humana* coloca-se como representante legítimo do proletariado bonaerense ao responder críticas vindas do jornal *La Vanguardia*, órgão central do partido socialista argentino. Diferentemente do trato para com a polícia, o texto em questão propõe uma contrarresposta teoricamente fundamentada, isto é, aqui não importa um ataque direto aos rivais no intuito de fomentar o ódio do leitor, mas o texto parece girar em torno de uma propaganda negativa à proposta socialista, em uma ideia de cooptar o leitor (operário) para a doutrina anarquista. Nesse sentido, de competição por conversão do público, o texto inicia já apresentando o *La Vanguardia*, portanto os socialistas, como também possuidores de um *cierto espíritu autoritário*, uma vez que, enquanto os anarquistas conhecem e atuam para proteger as aspirações populares, os socialistas aumentam seu poder através do *sangre del confiado pueblo*, participando de jogos políticos que não contribuem em nada com as reivindicações operárias. Assim, a crítica central do discurso em questão está na discordância dos anarquistas em relação ao programa mínimo proposto pelos rivais socialistas; programa que não possui um final claramente definido e repete uma ilusão já vista na história recente. Assim, o *La Protesta Humana* passa a falar diretamente como os leitores e solicita que esses *obreros de buena fé* não se enganem novamente com caminhos autoritários já propostos por democratas e republicanos:

⁴² *La Protesta Humana*, 7 dez. 1901, p. 1-2.

*Búsquese los programas de los partidos republicanos de Francia, de España y de Itália de mediados século; y dígase que el programa mínimo de La Vanguardia no es ya caducado por lo rancio y muerto por los hechos*⁴³.

Um interessante debate entre ambos os jornais, portanto, entre ambas as propostas, pode ser visto na edição de 4 de fevereiro de 1900, quando o *La Protesta Humana*, em sessão intitulada *Críticos y Criticados*, publica nas primeiras páginas do exemplar uma carta de José Ingenieros⁴⁴ e, sequencialmente, uma resposta de Félix Basterra⁴⁵. O respeito mútuo entre os dois debatentes é exposto logo no início de ambas as cartas. Ingenieros pontua que seu adversário “*tiene derecho de pensar de distinta manera que el que estas líneas escribe*”, Basterra, respondendo ao seu *muy leal adversário José Ingenieros*, promete que sua carta será tão “*serena y sincera cuanto lo son las tuyas*”, uma vez que o respeito entre os homens aparece como uma prova das “*evoluciones equivalentes al desarrollo cerebral y al desarrollo de las necesidades de las agrupaciones humanas*”⁴⁶. Girando em torno do sucesso, ou não, representado pela presença de socialistas no congresso e a conquista da redução das jornadas de trabalho, o debate acaba por sintetizar bem as diferentes perspectivas em relação ao progresso revolucionário. Ambos os autores concordam que tal feito não constitui uma vitória total do proletariado, enquanto Ingenieros pontua que: “*Ni ellos [parlamentares socialistas], ni yo, hemos creído jamás que ella fuera suficiente para arreglar el mundo*”, Basterra sustenta que “*nosotros odiamos, por considerarlo malo, el parlamentarismo; de aqui, pues, que vuestra táctica revolucionária sea odiada*”⁴⁷.

Porém, apoiado em Marx, o debatente socialista defende a ideia de uma emancipação social em progresso, enquanto o anarquista, apoiando-se em Severio Merlino, argumenta que “*La enorme suma de las preocupaciones y constumbres*

⁴³ *La Protesta Humana*, 12 nov. 1899, p. 3.

⁴⁴ “*Ingenieros aparece en la constelación letrada como uno de los primeros intelectuales en el sentido moderno del término, por lo que se entiende a aquel sujeto que legitima su actividad y obtiene su sustento del ámbito estrictamente intelectual. Esto es, su identidad profesional y su prestigio social derivan del desarrollo de una serie de destrezas, saberes y prácticas letradas, es decir, destrezas y saberes literarios, científicos, estéticos, etcétera*” (Terán, 2015, p. 131).

⁴⁵ “*Radicado en Buenos Aires, recorría como conferencista y organizador las localidades del interior del país, contribuyendo al florecimiento de grupos anarquistas. Es colaborador del periódico teórico anarquista Ciencia Social (1897-1900) que dirigía Fortunato Serantoni y en septiembre de 1900 aparece como director de Los Tiempos Nuevos. Revista quincenal de literatura y ciencias sociales (Buenos Aires, 1900), cuya existencia duró hasta el 21 de octubre de ese año y cuyo cuerpo de redacción se sumó al periódico El Sol, dirigido por Alberto Ghirardo*”. Tarcus, Horacio (2020), “Basterra, Félix”, en *Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas*. Disponible en <http://diccionario.cedinci.org>.

⁴⁶ *La Protesta Humana*, 4 fev. 1900, p. 2.

⁴⁷ *Loc. cit.*

*herdadas, constituirá el mayor obstáculo á su desenvolvimiento*⁴⁸, acreditando que o processo deva se dar em diálogo com uma população ainda não preparada para uma sociedade colaborativa. Ao mesmo tempo, Basterra destaca a concordância exposta por Ingenieros em relação à fraqueza representada por vitórias sociais vindas do parlamento quando diz:

*Las conclusiones económicas á que arriba usted en su obrita no se riñen com el parlamentarismo, es muy cierto, solo que reconocer que éste no puede traer la más simple mejora á los trabajadores. Guesde, no obstante sus variaciones guesdistas, opina exactamente igual que usted. Reconoce una ley de bronce rigiendo á los salarios que no hay reforma parlamentaria que la pueda romper. Usted ha completado á Guesde probando que la jornada de trabajo reducida, tampoco es una reforma suficiente para arreglar el mundo de los trabajadores expoliados por otra ley de hierro, marxista, inneutralizable.*⁴⁹

Ademais, destaca-se novamente a concordância de ambos em relação à necessidade de uma aproximação entre anarquistas e socialistas, em um momento em que as vertentes apresentavam um aspecto mais competitivo que cooperativo entre si. Para Ingenieros: “*Cuántas actitudes y cuántas discrepancias desaparecerían si los socialistas y los anarquistas aprendieran á ser leales en sus discusiones y polémicas*”⁵⁰. Basterra complementa: “*Siempre me he lamentado del sectarismo que ciega el razonamiento entre los socialistas legatarios y anarquistas*”⁵¹.

Por sua natureza política, o *La Protesta Humana* tem por intuito maior a emancipação mental da população de Buenos Aires, composta nesse momento, como colocado anteriormente, por milhares de imigrantes que formavam então as camadas obreiras da cidade e apareciam para o jornal como possíveis realizadores da revolução social projetada internacionalmente pelo anarquismo. Logo, a questão da imigração, e seus desdobramentos, coloca-se como pauta fundamental para o coletivo anarquista de Buenos Aires. Por preocupar-se especialmente com a transformação da realidade vivida entre os trabalhadores, principalmente, o *La Protesta Humana* não se interessa tanto pela representação⁵² do imigrante inserido em solo argentino, mas se responsabiliza por atrair tal massa imigrante à doutrina anarquista e direcioná-la

⁴⁸ *La Protesta Humana*, 4 fev. 1900, p. 2.

⁴⁹ *Loc. cit.*

⁵⁰ *Loc. cit.*

⁵¹ *Loc. cit.*

⁵² Porém, no terceiro capítulo da dissertação é proposta uma análise a respeito das formas pelas quais o imigrante foi representado pelo jornal.

para as lutas sociais contra a exploração e em direção a um futuro livre de qualquer forma de dominação. Logo, como abordado no capítulo seguinte, o enfrentamento da influência patriótica aparece com ênfase em diferentes discursos do jornal, tanto a partir de uma análise teórica referente a suas origens e desdobramentos, quanto ao apresentar possibilidades práticas para um novo modelo de concepção de coletividade e pertença. O antipatriotismo, amplamente manifestado por imigrantes anarquistas na capital do país, contribuiu para a crescente aversão ao estrangeiro em um momento quando a formação da identidade argentina aparecia como ponto central entre os intelectuais do país. Antes de abordarmos o trabalho exercido pelo *La Protesta Humana* referente ao combate do patriotismo, isto é, projetando uma perspectiva internacionalista, cabe aqui apresentar a visão do jornal a respeito da intensa chegada de imigrantes no país.

O exemplar do periódico *La Protesta Humana*, no dia 19 de agosto de 1899, apresenta uma interpretação dos anarquistas em relação a propagandas de incentivo à imigração da segunda metade do século XIX, assim como um aviso a respeito da realidade da Argentina aos trabalhadores que ainda acreditavam na possibilidade de melhores condições de vida no continente americano. A publicação intitulada *La Miseria en América (para los proletarios europeos)* encontra-se no canto inferior esquerdo da segunda página do jornal, e inicia introduzindo um pequeno trecho, entre aspas, apresentado como *palabras de ayer*. O trecho selecionado afirma que na R. Argentina *faltan brazos*, outra forma de afirmar ao leitor que o trabalho nessa terra é garantido, uma vez que a escassez de homens representa a falta de concorrência por empregos, no entanto, não apenas a possibilidade de trabalho é garantida, mas o enriquecimento do *trabajador* honrado também, visto que, de acordo com o trecho, existe ainda a possibilidade desses trabalhadores se tornarem proprietários, empresários, capitalistas, banqueiros, etc. Sequencialmente, o próprio texto define a quem está dirigindo a propaganda: “[...] *venid, proletarios europeos a explotar las inmensas riquezas [...]*”, e conclui a propaganda sobre a vida na Argentina prometendo ainda a impossibilidade de (específicas) doutrinas europeias se consolidarem nessa Terra Prometida: “*¿Socialismo? ¿Anarquismo? son productos europeos que aqui no se reproducen, no tienen razón de ser*”⁵³.

⁵³ *La Protesta Humana*, 19 ago. 1899, p. 2.

Dessa forma, a frase parece dizer que entende a razão do surgimento de tais ideologias no problemático continente europeu, no entanto, não há motivos para tais manifestações em um lugar descrito como promissor para quem deseja trabalhar e enriquecer. Ao fechar as aspas, o jornal afirma que esses eram os estereótipos propagados pela *prensa general* antigamente, isto é, não fica claro se a propaganda foi realmente coletada de um jornal europeu de tempos passados, ou trata-se de uma propaganda fictícia criada pelo próprio *La Protesta Humana* no intuito de ilustrar e talvez relembrar ao leitor o que era prometido aos europeus em relação à Argentina. Concluindo esse breve comentário, a matéria passa a apresentar, então, as *palabras de hoy*, e dessa vez, afirma que foram trechos retirados da *archiburguesa Prensa*, do dia 12 de julho de 1899. Os trechos selecionados a fim de apresentarem a atual condição do meio urbano na Argentina, ao proletário europeu, iniciam afirmando que “*El país está en plena crisis económica*”, comparando ainda o cotidiano de Buenos Aires com “*las grandes metrópolis de Europa, donde la falta de trabajo y la gran cantidad de brazos desocupados constituyen una de sus principales características*”⁵⁴.

O primeiro exemplo escolhido para ilustrar tal situação aparece sequencialmente, quando apresentam uma notícia afirmando que, apenas no bairro La Boca, tradicional bairro de imigração italiana, há pelo menos 6.500 *peones* errantes, dos quais, pelo menos 5.000 encontram-se sem trabalho. Vai além: “*El hecho se repite en cien puntos á la vez: de cada barraca o establecimiento industrial, se ven salir grandes grupos de peones con aire de decepción*”⁵⁵. Entretanto, a matéria não se restringe apenas em desmentir propagandas ilusórias sobre a prosperidade argentina, nem se limita apenas em apontar injustiças e condições precárias, mas usa do espaço também para reforçar e exaltar a solidariedade *obrero* vista nessa conjuntura:

[...] *los que consiguen trabajar un día, no pueden hacerlo al día siguiente, pues en medio de sus desgracias y miserias, esos desgraciados conservan un fuerte espíritu de compañerismo, turnándose para obtener tareas*⁵⁶.

Ao fechar as aspas novamente, o texto identifica e ataca seus principais inimigos, apresentando ao leitor como a burguesia (representada através do periódico

⁵⁴ *La Protesta Humana*, 19 ago. 1899, p. 2.

⁵⁵ *Loc. cit.*

⁵⁶ *Loc. cit.*

Tribuna), a Igreja (*La voz de la Iglesia*) e o Estado (representado através do exemplo de Miguel Cané) propõe a solução desses problemas; concluindo que o único remédio realmente eficaz para o trabalhador seria a expropriação, através da posse de produtos que estão “*depositados y encerrados con puertas muy frágiles y por lo regular sin vigilância*”; uma vez que, de acordo com o jornal: “*cuando hay falta de trabajo, es que sobra producción, así pues, consumir es obra de justicia*”⁵⁷.

Até aqui, dissertamos sobre os condicionantes políticos e sociais que ocasionaram o surgimento do anarquismo como necessária resposta teórica e prática aos desdobramentos da economia capitalista e formação dos Estados Modernos, da Europa para a América. Uma vez apresentado o periódico *La Protesta Humana* como principal instrumento de organização anarquista na capital argentina, torna-se necessário explorar como se deu a atuação destes anarquistas, por meio do jornal, em relação ao contexto de imigração massiva para Buenos Aires.

À vista disso, para a realização do capítulo seguinte, no qual trataremos sobre o trabalho protagonizado pelo *La Protesta Humana* em combate às crescentes manifestações patrióticas, ao menos 31 textos foram identificados como referentes ao modo pelo qual o movimento anarquista bonaerense, em torno do *La Protesta Humana*, posicionava-se quanto à ideia de patriotismo e no que tange a grupos patrióticos em atuação no momento, ou seja, foram selecionados discursos que problematizam a memória e a significação construída em torno de determinados símbolos nacionais, atacando assim, ao mesmo tempo, a representação de “heróis do povo”; textos que noticiam e diferenciam manifestações patrióticas classificadas pelo jornal como burguesas ou operárias, concluindo que, em ambos os casos, a nacionalidade era ignorada ao passo que o amor à pátria era denunciado. Entretanto, enquanto as celebrações burguesas eram entendidas pelo jornal como uma confirmação da relação entre os socialmente privilegiados e o Estado Nacional, demonstrações patrióticas operárias eram especialmente criticadas por demonstrarem, de acordo com o jornal, a ignorância dos trabalhadores quanto a sua própria condição de explorados; e contos que pretendem, através da ficção, explicitar os malefícios deixados pelo patriotismo, além de justificar o motivo pelo qual o sentimento patriótico era definido pelo periódico como algo irracional, imposto e artificial. Ademais, pelo menos 30 textos foram identificados, através de análise, como

⁵⁷ *La Protesta Humana*, 19 ago. 1899, p. 2.

interessados em apresentar aos leitores a associação que o patriotismo carrega especificamente com o militarismo e as guerras contemporâneas, ou seja, discursos que, por meio de artigos científicos, procuram demonstrar que as violências entre povos ocorrem por resultado do fanatismo patriótico; cartas e relatos pessoais de soldados e ex-combatentes que eram publicados no jornal por explicitar a brutalidade consequente de uma visão de prosperidade restrita ao território em questão; textos direcionados a jovens em idade de serviço militar, que tinham por intuito afastá-los da vida militar e trazê-los para uma perspectiva internacionalista e racional, de colaboração entre os povos; e manifestos que atacam particularmente a figura do soldado, entendido pelo jornal como a personificação da violência e da ignorância exigidas pelo patriotismo. Além disso, 21 textos pretendiam difundir um modo de organização política e social moderno, contrário a divisões por nacionalidades e antagônico ao patriotismo, voltado então à humanidade e em uma perspectiva internacional e mutualista. Logo, foram encontrados discursos que demonstravam a necessidade de uma transformação mental através de possibilidades modernas de educação, isto é, tanto a educação patriótica quanto a religiosa eram denunciadas pelo periódico por representarem atrasos intelectuais em uma sociedade em constante evolução, porém, uma educação entendida como moderna e racionalista era exaltada, assim, além de textos doutrinários para convencer os leitores sobre a necessidade de uma transformação mental em direção a um futuro pautado na liberdade, o jornal divulgava também a abertura de novas escolas livres de influências ultrapassadas; discursos que apontavam a solidariedade vista entre trabalhadores como demonstrações realmente humanas e diferentes de divisões nacionais e patrióticas entendidas, como já mencionado, como construções impostoras; e textos que, a exemplo do trabalho de Kropotkin (2021) abordado anteriormente, buscavam exemplos na natureza a fim de demonstrar a força do coletivismo.

3 IRRACIONALIDADE, IMPOSIÇÃO E VIOLÊNCIA NO AMOR À PÁTRIA.

Trabalhando a respeito da produção intelectual argentina durante o período de transição do século XIX para o XX; Oscar Terán (2015), em *História de las Ideas en la Argentina*, destaca a obra *Las Multitudes Argentinas* (1899), de José María Ramos Mejía⁵⁸. Graduado em medicina e membro de uma tradicional família da região, Mejía busca uma maior compreensão da psicologia das massas urbanas da Argentina, as quais se aproximavam cada vez mais da esfera política do país, representando também uma ameaça à ordem social de Buenos Aires. Assim, diferenciando o comportamento racional do indivíduo isolado e a conduta emocional característica de um movimento de massas, Mejía conclui que tais setores populares e *obreros* atuam de forma inconsciente, sem racionalidade ou personalidade, apenas reagindo, emocionalmente, a fatores externos. Porém, Mejía exalta a tendência que observa nas *multitudes argentinas* em demonstrar, ferozmente, seu patriotismo, olhando então especialmente para o contexto de independência política do país, quando, sem a influência estrangeira peculiar do momento de produção da sua obra, percebe atos cívicos e heroicos protagonizados por uma população obediente e altruísta.

Também atento à relação emocional que as massas sociais tinham com o patriotismo, o *La Protesta Humana*, que enxergava em tais setores populares os possíveis catalisadores da revolução social projetada globalmente pelos anarquistas, trabalhou especialmente para a emancipação intelectual da população a fim de, através da racionalidade, afastar os operários de qualquer influência patriótica, vista como invenção burguesa para garantir seus privilégios, e doutriná-los em direção a uma concepção de mundo entendida como mais humana e natural, isto é, internacionalista. Logo, os diferentes discursos expostos ao longo do capítulo demonstram uma disputa pela mentalidade das massas na Argentina. Nesse sentido, muito mais que a formação de uma identidade argentina, a ligação dos setores populares com o patriotismo aparece, para o jornal, como um impedimento à horizontalidade social pretendida pelo anarquismo. Em direção contrária, ao mesmo

⁵⁸ “Ramos Mejía era miembro de una familia tradicional, proveniente de la época colonial, formado en las filas antirrosistas. Se graduó de médico en la Universidad de Buenos Aires y se especializó en patología nerviosa. [...] Ramos Mejía escribió *La neurosis de los hombres célebres en la Argentina* y *Las multitudes argentinas*. En cuanto a su actuación dentro del estado, el cargo de mayor relevancia fue el de presidente del Consejo Nacional de Educación, desempeñado entre 1908 y 1912. En esta última gestión, su pensamiento gravitó profundamente sobre un sector tan estratégico como la enseñanza primaria en la Argentina” (Terán, 2015, p. 113).

tempo em que cada vez mais operários (majoritariamente imigrantes) são influenciados por uma concepção de mundo para além das fronteiras políticas argentinas, a falta de uma ligação afetiva da população para com o território nacional que ocupam aparecem como justificativas à aversão do estrangeiro entre membros de famílias tradicionais do país, como Mejía, por exemplo. Assim, enquanto a obediência das massas patrióticas do passado era glorificada por Mejía e outros representantes da Geração de 80, a influência estrangeira e anarquista do presente, que ameaça a ordem e a civilização de Buenos Aires através de greves e costumes estranhos à população “nativa”, constrói uma visão negativa da elite em relação ao imigrante.

Através da análise dos textos previamente selecionados, percebe-se que os discursos do *La Protesta Humana*, principalmente aqueles referentes ao patriotismo, não pretendiam, necessariamente, representar a realidade bonaerense observada, mas transformá-la. Assim, entre os textos apresentados sequencialmente, encontram-se relatos pessoais, artigos científicos, manifestos doutrinários e notícias locais e internacionais que giram em torno da construção de uma nova realidade social a partir da problematização da influência patriótica, suas bases e suas ramificações. Nesse sentido, o presente capítulo vai trabalhar a respeito da forma como o *La Protesta Humana* agiu para a transformação do patriotismo em um senso de comunidade fraternal-universal projetada pelos anarquistas, isto é, deslegitimar o amor à pátria e formar, entre seus leitores, uma mentalidade voltada para o atendimento das necessidades humanas.

Para tanto, em um primeiro momento, a pesquisa volta-se para a forma como o *La Protesta Humana* procurou apropriar-se de determinados símbolos nacionais da Europa e da América a fim de criar uma associação entre a doutrina anarquista e a simbologia de liberdade e luta contra a exploração por trás de tais “mitos”. Assim, nota-se que o periódico buscava expandir a significação destes símbolos para além de fronteiras nacionais e defini-los como em oposição ao patriotismo. Apesar de buscar uma (re)apropriação desses *heróis nacionais*, o periódico apresenta também discussões interessantes sobre a perspectiva libertária em relação à idolatria.

Sequencialmente, a discussão parte da diferenciação que o próprio jornal fazia entre manifestações patrióticas burguesas e obreiras. Enquanto as primeiras eram classificadas, pejorativamente, como festivas, ultrapassadas, elitistas e impostoras, o discurso em apoio ao “*patriotismo obrero*” exaltava o caráter combativo,

revolucionário, popular e coerente de tais manifestações. Nesse sentido, atentamos àqueles discursos que salientam a incompatibilidade da pátria e do patriotismo para com os trabalhadores, assim, nota-se que o antipatriotismo manifestado pelo periódico aparece como uma espécie de “patriotismo moral”, atento à específica condição dos trabalhadores e interessado em formar, entre essa classe em particular, um sentimento de unidade e identidade compartilhada, ao passo que a nacionalidade era rejeitada e mesmo combatida por ser entendida como uma diferenciação arbitrária e imposta pelos Estados.

Em um terceiro momento, apresentaremos projetos protagonizados pelo coletivo anarquista de Buenos Aires em direção ao combate da influência patriótica. Dessa maneira, uma vez que a educação patriótica (e religiosa) impossibilita, de acordo com o jornal, a emancipação intelectual pretendida pelo *La Protesta Humana* em particular, e pelo anarquismo como um todo, percebe-se que o periódico procurava apresentar opções modernas de educação, tanto através de seus próprios textos, quanto a partir da divulgação de escolas libertárias. Assim, a crítica teórica produzida pelo jornal em relação aos malefícios decorrentes da mentalidade patriótica encontra uma ação prática, isto é, voltada para a necessária alteração do pensamento das futuras gerações, em prol da realização do horizonte utópico buscado pelos anarquistas.

Em um quarto momento, abordaremos especificamente textos que denunciavam o perigo do amor à pátria por conta de sua particular relação com o militarismo e com o cenário de guerras do contexto. Nesse sentido, percebe-se que a violência era continuamente denunciada pelo discurso anarquista quando esta se direcionava de um *obrero* a outro, e sob a justificativa de defender o território nacional, portanto, na perspectiva anarquista, em defesa de um Estado opressor; entretanto, verifica-se uma mudança no discurso anarquista relacionado a guerras contemporâneas quando o combate armado, mesmo que exaltado por manifestações patrióticas, operava-se em uma perspectiva revolucionária e em oposição a um regime antiquado e repressivo, isto é, nesses casos de luta contra a exploração e em prol da liberdade, a concepção internacionalista era deixada de lado ao passo que determinado povo, ou luta, era celebrado.

Por fim, deixamos de dissertar apenas em relação ao combate protagonizado pelos anarquistas em relação ao patriotismo e nos voltamos para a apresentação daquilo que o anarquismo desejava construir em resposta e em detrimento à ideia

patriótica e à unidade nacional. Espera-se assim combater visões simplistas que consideram a doutrina anarquista como apenas em negação ao regime atual e sem uma proposta finalista.

3.1 MITOS NACIONAIS E O PROBLEMA DA IDOLATRIA

Em *Obsession Patriótico*, artigo publicado dia 1 de maio de 1899 pelo *La Protesta Humana*, logo no primeiro parágrafo do discurso, a ideia patriótica já é colocada como algo ultrapassado, pertencente aos povos antigos acostumados com uma rotina diária, característica da sociedade dividida por classes. Entretanto, afirmam que tal ideia se apresenta com muita força na América do Sul e, principalmente, na República Argentina. Assim, temendo pelas “*próximas venideras generaciones*”, o texto pontua a necessidade de se falar sobre o patriotismo em um intuito de direcionar a sociedade a um futuro mais humano. Logo nas primeiras linhas do texto, o discurso anarquista segue sua tendência em colocar a organização social contemporânea em um quadro de atraso, ao ponto que o futuro projetado pelos anarquistas, contrário ao contexto em questão, apresenta-se como verdadeiramente compatível à humanidade. Aqui, o texto de caráter fundamentalmente doutrinário é destinado “*á nuestros connacionales de criterio libre*”, diferentemente de textos voltados para a construção de uma organização combativa, os quais direcionam-se aos trabalhadores ou aos anarquistas da cidade.

Sequencialmente, buscando respostas sobre esse atraso intelectual da população argentina, que manifesta euforicamente seu ideal patriótico, o discurso se volta para o curto período de independência política do país, a partir de 1810, “*que ni llega á contar un siglo*”. Dessa forma, novamente apoiando-se em exemplos da natureza, tal como apontado anteriormente através dos textos de Kropotkin (2021), a Argentina politicamente independente é comparada a um organismo que acabou de desenvolver-se por completo, no entanto, tal desenvolvimento político não foi acompanhado por uma emancipação econômica, representando então o primeiro e maior obstáculo à concretização de uma relação humanitária entre a população localizada na Argentina. Nesse sentido, o discurso levanta estrategicamente os

exemplos de José Francisco de San Martín y Matorras⁵⁹, militar argentino e líder dos movimentos de independência no Chile e no Peru, e Giuseppe Garibaldi⁶⁰, atuante nas lutas por independência na Itália e na América do Sul, e os apresenta como homens de espírito livre, guiados estritamente por “*puro amor á libertad*” e em luta “*para libertar de los opresores á todos los pueblos sud-americanos*”, ou seja, ambas as figuras históricas são classificadas pelo jornal como libertários: “*los hubiésemos tenido en este fin de siglo y ambos serían concienzudamente ácratas*”, uma vez que a sociedade projetada por eles, de acordo com o discurso em questão, girava em torno de uma fraternidade universal “*que debía primar sobre todas las otras, dejando á las despóticas y decrepitas naciones de Europa su concepto mezquino, estrecho y sanguinario de patria*”⁶¹. Nesse sentido, apesar de todo o esforço de San Martín e Garibaldi pela fraternidade humana, a continuidade de uma hierarquia econômica permitiu que representantes das classes dirigentes, “*média docena de doctores y magnates y una docena de generales ó caudillos militares*” contivessem o progresso humano através da imposição de Estados Modernos, criando, artificialmente, uma “*pátria donde no había*”⁶². Assim, apesar de contar uma brevíssima história da formação nacional da Argentina, o discurso procura, acima de tudo, combater a forma como o Estado, durante o período de produção do texto, utiliza-se dos símbolos de revolucionários do passado para proteger uma realidade de opressão continuamente negada por San Martín e Garibaldi, de acordo com o texto, isto é, nota-se aqui um confronto pela memória de San Martín e Garibaldi, a qual, como demonstra o exemplar, foi deturpada pelo Estado em um intuito de criar uma história oficial do país que, apesar de falsa, acaba por doutrinar a juventude local, criando “*generaciones rutinarias, faltadas completamente de iniciativas y hasta de virilidad real*”⁶³.

Outro exemplo de uma (re)apropriação dos *libertadores* pelos anarquistas em torno do *La Protesta Humana* aparece em exemplar do dia 28 de maio do mesmo ano. O texto *¡Viva la Libertad!*, escrito inteiramente em negrito, inaugura a edição de número 39 do periódico e, dessa vez, ataca diretamente as comemorações patrióticas vistas ao longo de maio de 1899, mais uma vez enquadrando o patriotismo argentino

⁵⁹ San Martín nasceu em 1778 na província de Corrientes, na Argentina. Aos seis anos de idade, foi para Madrid, onde serviu no exército por 22 anos. Ao retornar para a Argentina, adere aos movimentos pró-independência, dando início à luta pela libertação nacional.

⁶⁰ Para um melhor entendimento da trajetória de Garibaldi no continente americano, ver: Carta (2013).

⁶¹ *La Protesta Humana*, 1 maio 1898, p. 2.

⁶² *Loc. cit.*

⁶³ *Loc. cit.*

como algo carente de qualquer embasamento histórico e restrito apenas a *los de arriba*. Diferentemente do discurso analisado anteriormente, cujo intuito parece mais o de educar/emancipar, o texto em questão volta-se para o descontentamento compartilhado pelos trabalhadores de Buenos Aires, os quais não estão, de acordo com o jornal, contemplados pela liberdade festejada nas ruas da capital durante as comemorações de 25 de maio, aniversário da independência política da Argentina. Assim, através de uma linguagem emotiva, o texto apresenta o motivo pelo qual “*conmemorar la libertad y la independencia hoy, es un insulto que se infiere á las cenizas de nuestros antepasados y un bofetón que se asesta al pueblo en medio de la cara*”; ao mesmo tempo em que constantemente traça um paralelo comparativo entre as diferentes classes sociais da cidade, isto é, “*los puercos y las puercas*” e “*los patriotas pobres*”⁶⁴.

Dessa vez, o *La Protesta Humana* não volta sua crítica à formação de um Estado Nacional, mas segue a destacar a continuidade de uma relação hierarquizada, isto é, um mal que “*está más hondo, en la base, en la institución gobierno*”, representando um impedimento para a concretização da liberdade projetada por San Martín:

*Poned en lugar de los negreros que en otros tiempos vinieran de España á los propietarios de las grandes estancias; en lugar de los antiguos mandarines que apelaban á los actuales comisarios que pegan y matan; suponemos que los antiguos aventureros son los actuales exploradores que se enriquecen á costa de la miseria de lo obreros; que el trono de los virreyes lo ocupa ahora un presidente; que á la antigua y rancia aristocracia ha sucedido esta burguesía aborígena, herdera de todos sus vicios y de sus rutinas, que nos desangra; agregad que á los viejos tributos suplantán los actuales impuestos de dinero y de sangre como el servicio militar, y tendréis el cuadro de los ominosos tiempos de la dominación española reconstituido.*⁶⁵

Nesse sentido, direcionado aos trabalhadores da capital, o texto divide e apresenta três diferentes tipos de patriotas em atuação no momento, sendo eles os imigrantes, os burgueses e os proletários. Assim, enquanto os “*patriotas de alquiler que se han tomado esto como una segunda patria*” e “*los patriotas de arriba han comido, bebido y bailado en sus salones*”, a crítica volta-se diretamente a “*los patriotas de abajo*”⁶⁶, os quais, influenciados pela história nacional que o Estado tentava criar,

⁶⁴ *La Protesta Humana*, 28 maio 1899, p. 1.

⁶⁵ *Loc. cit.*

⁶⁶ *Loc. cit.*

festejam a liberdade durante a noite e voltam a ser explorados pela manhã. Assim, o texto termina com um lembrete:

No es está la libertad por la que se sacrificaron en este siglo germinador de ideales grandes, nuestros abuelos que siguieron á San Martín y a Bolívar en América, á Riego en España; nuestros padres que acompañaron á Garibaldi en Italia, que sucumbieron al pie de la barricadas comunistas en Paris y que formaron los batallones republicanos y cantonales en España, por nuestros hermanos que derramaron y derraman su sangre generosa en Cuba y Filipinas, sino la libertad que borra las fronteras, que pone en manos del pueblo todos los medios de producción, de exportación y de cambio, que declara el trabajo y la consumación libre para todos, la libertad que proclama la anarquía!⁶⁷

Em ambos os exemplos, nota-se que o discurso anarquista centra sua crítica na forma como determinados personagens históricos, assim como outros símbolos pátrios, eram então utilizados em uma perspectiva de se criar um elemento mediador entre diferentes realidades sociais, isto é, um elo comum entre patrões e *obreros*, que procura unificar a população argentina dentro de uma mesma história gloriosa e em celebração à memória dos mesmo ídolos, ao passo que acaba minimizando, ou mesmo ignorando, a disparidade econômica que caracterizava a população de Buenos Aires ao final do século XIX e início do século XX.

O historiador José Reginaldo (2005) argumenta que a adoção de um patrimônio cultural por determinada sociedade não depende exclusivamente da ação do Estado, mas é dependente também da ressonância⁶⁸ junto ao público, ou seja, não resulta exclusivamente de uma ação consciente, mas torna-se, de fato, um símbolo, quando dialoga com a população, estando então “liminarmente situada entre o passado e o presente, entre o cosmos e a sociedade, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória” (Reginaldo, 2005, p. 20). Nesse sentido, e partindo do princípio de que o público leitor do *La Protesta Humana* era composto, principalmente, por trabalhadores imigrantes espanhóis e italianos, o discurso do periódico, nesse momento, não tem como intuito combater ou negar figuras já destacadas como heróis nacionais, como Garibaldi entre os italianos, por exemplo; mas procura (re)apresentar a memória e a concepção de sociedade defendida por eles, de forma que a doutrina

⁶⁷ *La Protesta Humana*, 28 maio 1899, p. 1.

⁶⁸ O conceito *ressonância*, para José Reginaldo (2005, p. 23), toma o significado de algo que atinja além do esperado, isto é, “servem evidentemente a propósitos práticos, mas possuem, ao mesmo tempo, significados mágico-religiosos e sociais, constituindo-se em verdadeiras entidades, dotadas de espírito, personalidade, vontade, etc. Não são desse modo meros objetos”.

difundida pelo periódico, o anarquismo, manifeste-se entre os leitores como compatível ou similar ao ideal propagado por esses homens, pautado no combate à exploração e em defesa de uma liberdade não condizente com a condição dos trabalhadores na Argentina de então.

Enquanto ambos os textos do *La Protesta Humana*, apresentados anteriormente, respondiam a uma demanda particular do mês de maio, por decorrência das festividades em torno do aniversário de independência do país, a perspectiva descentralizada do anarquismo, a qual entendia as massas como a verdadeira força social⁶⁹, obrigava também uma crítica teoricamente fundamentada a respeito da condição de ídolos do povo, muitas vezes difundida pelo próprio povo. Nesse sentido, em 20 de novembro de 1898, o artigo intitulado “*Los Idolos*” tem por intuito combater esse culto a determinados indivíduos, no caso, a discussão gira em torno da construção de uma estátua em homenagem a Garibaldi, na cidade argentina de Lujan. Inicialmente, o texto já afirma que, como anarquistas, são opostos a qualquer tipo de idolatria, mesmo se direcionada à memória daquele que “*en su tiempo, haya sido portador de la antorcha de la verdad*”⁷⁰, por decorrência de que a prática de cultuar o indivíduo representa outro obstáculo ao progresso direcionado à humanidade como um todo. Paralelamente, novamente confirma-se uma corrente no discurso anarquista em mirar sempre para o futuro, o moderno, em uma perspectiva de progresso e evolução e em detrimento do passado, visto que o artigo procura alertar os leitores sobre o perigo representado pela ovação a alguém que viveu em épocas antigas, uma vez que tal personalidade, por mais que fosse defensora de “*bellos principios*”, estava necessariamente presa “*a los defectos de su época*”⁷¹:

*En el culto de un individuo, se pierden de vista los principios, confundiendo los buenos con los falsos; porque en la glorificación del héroe, en su apoteosis, no se admite desperfecto ninguno, y se santifican sus errores junto con los bellos principios que sostenía. Se fanatizan los adoradores del héroe, hasta no permitir la crítica de sus obras, aun cuando sabemos que ninguno puede apartarse de su ambiente, teniendo por consiguiente cada uno, más o menos, los defectos de su época.*⁷²

⁶⁹ “As massas são o poder social, ou pelo menos, a essência desse poder. Mas falaram-lhes duas coisas para se libertarem das condições odiosas que as oprimem: a educação e a organização. Estas duas coisas representam hoje, os verdadeiros fundamentos do poder de todo o governo. Para abolir o poder militar e governante do Estado, o proletariado deve se organizar. Mas como a organização não pode existir sem conhecimento, é necessário difundir entre as massas a verdadeira educação social” (Bakunin, 2022, p. 5).

⁷⁰ *La Protesta Humana*, 20 nov. 1898, p. 3.

⁷¹ *Loc. cit.*

⁷² *Ibid.*, p. 3-4.

Logo, de acordo com a publicação, a construção de uma estátua em louvor a Garibaldi acabaria por ocultar as inúmeras atrocidades vistas na Itália durante o período da produção do texto, “*Cuando se cantan, entonces, las glorias de Garibaldi, debemos echar una mirada à la italia de hoy, aplastada bajo una tiranía peor que la de Rusia, sufocada toda libertad de hablar, y aun de pensar*”⁷³, ao mesmo tempo em que o jornal defende uma visão de que o olhar da população (dos leitores) deveria estar atento para a conjuntura do presente, e uma melhor forma de homenagear a vida de Garibaldi seria combatendo as injustiças cotidianas, projetando, então, em um futuro mais justo e livre, ao invés de desperdiçar forças com a construção de monumentos que em nada contribuem para o estado de luta contra a opressão que a humanidade racional deste presente protagoniza:

*El tiempo no es para estos simulacros de combate que gastan energía que podrían emplearse en la verdadera lucha ya emprendida contra todas las fuerzas contrarias a la Verdad, entre las cuales los ministros del oscurantismo forman hoy la parte más débil.*⁷⁴

Por fim, o artigo sustenta que o louvor a ídolos apenas sustenta o estado de tirania, e finaliza seu argumento através do exemplo da distorção da memória de Jesus Cristo, que representa todo o atual poder da Igreja Católica, “*una institución que no tiene otro objeto hoy día que la explotación, aprovechando de la ignorancia*”. Tanto Jesus quanto Garibaldi são definidos pelo periódico como inimigos mortais da exploração dos homens sobre os homens, entretanto, é justamente a condição de idolatria irracional a tais memórias, e não a prática de seus princípios, que condicionam a permanência das injustiças sociais.

Em novembro de 1901, duas distintas e contrárias publicações fornecem outros dados interessantes sobre a necessidade, ou não, de uma homenagem à memória de libertários do passado, dessa vez, em relação ao próprio Mikhail Bakunin. Em 2 de novembro de 1901, uma pequena convocação presente ao final da penúltima página do exemplar de número 146 do *La Protesta Humana*, acompanhando um movimento iniciado por companheiros de Berna, na Suíça, solicita que “*todos los periódicos y revistas libertarias y periódicos socialistas*” contribuam com a doação de uma quantia a fim de reformar a tumba do grande revolucionário russo, a qual, de acordo com

⁷³ *La Protesta Humana*, 20 nov. 1898, p. 3.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 3-4.

telegrama publicado no próprio texto, “*se encontra en un estado deplorable*”. Dessa forma, no intuito de “*recordar convenientemente á M. Bakounine*”⁷⁵, o jornal afirma estar recebendo doações que posteriormente serão encaminhadas ao comitê formado na Suíça, e fecha sua pequena convocatória sustentando que apoia a iniciativa, expondo também que já fez a doação de \$2 . Duas semanas mais tarde, a edição de número 148 do periódico afirma que o “*La Protesta Humana no tiene más participación en esa idea*”⁷⁶.

O texto *Idolatria*, presente também na penúltima página do exemplar, aparece como um comentário do jornal a respeito de outro artigo publicado pelo periódico anarquista bonaerense *El Rebelde*, o qual, conforme o *La Protesta Humana*, expõe ideias lançadas pelo companheiro *Altair*, em combate a iniciativa protagonizada pelos trabalhadores de Berna e apoiado pelo *La Protesta Humana*, em prol da restauração do túmulo de Bakunin. Infelizmente, não tivemos acesso ao texto de *Altair*, entretanto, a resposta publicada pelo *La Protesta Humana* argumenta que não vê, em tal ação, um princípio de idolatria, mas sim uma forma de “*perpetuar la memoria del gran agitador, tan vilipendiado y perseguido por los enemigos de la Anarquia*” e, principalmente, continuar “*la misión propagandística de los que allí reposan*”, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos através de um mausoléu em respeito aos oito anarquistas acusados de conspiração após confrontos com a polícia em manifestação pela jornada de oito horas de trabalho, sendo conhecidos então como *mártires de Chicago*⁷⁷, servindo como um “*recuerdo á la sociedad burguesa que allí se hallan los restos de sus víctimas injustamente sacrificados, y a los trabajadores que allí reposan cuatro mártires del ideal emancipador*”⁷⁸. Nesse sentido, apesar do *La Protesta Humana* abandonar a ação em prol da restauração do túmulo de Bakunin, nota-se que seu apoio inicial se justifica pelo entendimento de que se tratava de uma

⁷⁵ *La Protesta Humana*, 2 nov. 1901, p. 3.

⁷⁶ *Id.*, 17 nov. 1901, p. 3.

⁷⁷ Após a explosão de uma bomba em ato pela instauração de uma jornada de oito horas de trabalho, datada em 4 de maio de 1886, em Chicago, nos Estados Unidos, ao menos quatro manifestantes foram mortos pela polícia, além de centenas de presos e feridos. Tal episódio é também conhecido como A Revolta de Haymarket. Entre os presos, sete trabalhadores anarquistas foram condenados à morte e outro a 15 anos de prisão, sendo conhecidos então como os mártires de Chicago. Seus nomes eram: Albert Parsons, Louis Lingg, Adolph Fischer, George Engel, August Spies, Michael Schwab, Samuel Fielden e Oscar Nebe. Na edição de número 71 do *La Protesta Humana*, de 12 de novembro de 1899, o jornal apresenta uma edição especial em homenagem aos *mártires de Chicago*, contando com fotos dos manifestantes (Danton, 2010).

⁷⁸ *La Protesta Humana*, 17 nov. 1901, p. 3.

ação voltada para o atendimento de demandas do presente, não sendo então algo celebrativo, mas combativo.

3.2 PATRIOTISMO BURGUEÊS E O ANTIPATRIOTISMO MORAL

Trabalhando a respeito da variedade de posicionamentos dos anarquistas espanhóis, entre os séculos XIX e XX, em relação aos conceitos de nacionalismo e patriotismo, a historiadora Ángeles Barrio Alonso (2021) identifica uma tendência no discurso libertário em negar a nacionalidade como algo unificador e identitário, sendo entendida, então, como uma identidade inorgânica/imposta, além de uma forma de dominação e poder de uns sobre os outros; apesar de apontar também uma propensão no discurso ácrata em apoiar “nações menores”, em combate a poderosos Estados Modernos. Assim, a autora demonstra que, na perspectiva dos anarquistas espanhóis, enquanto o nacionalismo seria uma invenção dos Estados-nação para legitimar seu domínio, o patriotismo aparece como a expressão desse poder pela burguesia, portanto, um sentimento pertencente unicamente aos burgueses proprietários e possibilitado pela sociedade dividida em diferentes classes.

Ao mesmo tempo, a autora salienta que o antipatriotismo dos anarquistas aparece como um “patriotismo moral”, contrário a agrupamentos baseados em semelhanças étnicas, religiosas ou culturais, e voltado para a construção de uma nação-federal, isto é, por conta de seu caráter descentralizador e distante da nação monárquica e clerical, a expectativa de pátria, entre os anarquistas, baseia-se em uma perspectiva de comunidade fraternal-universal. Dessa forma, enquanto a crítica ao patriotismo, pelos anarquistas espanhóis, parte de um olhar às diferentes classes sociais, a projeção de uma sociedade futura as nega, oferecendo então uma finalidade “*que es universalista, en el que el proyecto final de redención del individuo no se reduce al trabajador o a la clase obrera, sino que integra a toda la humanidad*” (Alonso, 2021, p. 409).

Como exposto sequencialmente, textos doutrinários presentes no *La Protesta Humana* costumam seguir a mesma tendência identificada pela professora Ángela Barrio, entretanto, revelam-se também particularidades no discurso ácrata bonaerense por conta, principalmente, de seu público leitor de maioria estrangeira ou descendentes de imigrantes, relacionando o patriotismo ora como algo pertencente

apenas aos ricos, ora como doutrina excludente e incompatível com a heterogeneidade cultural vista na população de Buenos Aires.

Em 4 de março de 1900, sob o título de *História Eterna*, o *La Protesta Humana* publica uma história fictícia sobre um homem “*que se llamase Pedro ó Juan*”, mas a quem a pátria onde nasceu não importava, uma vez que, por nascer miserável “*en humilde aldea ó en ciudad popular*” precisou trabalhar desde pequeno para garantir sua própria sobrevivência, “*¿En qué? En cualquier cosa, en lo que podía, en llevar recados, en avisar á otros pobres como él, en llevar sobre sus hombros pesada carrilla*”⁷⁹. Apesar de a desnecessidade em apresentar formalmente a personagem ser justificada pelo periódico por conta de sua origem humilde, sua inutilidade para com o propósito do discurso se explica pela identificação que o jornal procurava criar entre seu público-alvo e *Pedro* ou *Juan*, ou seja, pretende-se que os leitores encontrem, na estória, uma similaridade com suas próprias vivências.

Uma crítica recorrente que o periódico fazia sobre a economia capitalista atacava o fato de que, pela obrigatoriedade em trabalhar por longas horas, os trabalhadores não tinham tempo e, portanto, acesso à educação e à ciência. Assim, enquanto as demais crianças iam à escola, a personagem “*crecía, endurecendo por la fatiga tenaz los doloridos miembros, aumentada continuamente la ignorancia de los goces lícitos y de los placeres sin nombre de educación adecuada*”⁸⁰. Sem contato com a educação moderna, o texto conclui que a desinformação da personagem, assim como a obrigatoriedade em trabalhar exaustivamente onde podia, fez com que se alistasse no exército aos 18 anos, servindo em defesa daquilo que a burguesia chamava de pátria. Aqui, sem pretender se debruçar muito sobre o assunto, o periódico procurou explorar mais o estilo de vida imposto pela ideia de pátria, que realmente apresentar ao público seu significado. Assim, prezando mais o desprezo do termo pátria, que sua definição, o *La Protesta Humana* procurava demonstrar a seus leitores o que o coletivo anarquista (não) entendia por pátria, cujo argumento usualmente girava em torno da arbitrariedade da ideia, ou de sua exclusividade à burguesia.

No exemplar do dia 7 de janeiro de 1900, a primeira página da edição de número 75 apresenta o artigo *¿Patria ó farsa?*, escrito por José Prat, respondendo possíveis argumentos que pretendem explicitar uma “*palabra que todos pronuncian y*

⁷⁹ *La Protesta Humana*, 4 mar. 1900, p. 1.

⁸⁰ *Loc. cit.*

*que muy pocos definen*⁸¹. Escrito de forma simples, a primeira metade do texto se dá através de perguntas e respostas; como se o leitor estivesse interrogando o jornal por meio de definições a respeito do conceito “pátria”, ou como se o texto apenas explicitasse prováveis reflexões que seus leitores faziam internamente sobre um conceito tão arbitrário: “¿Será acaso la línea fronteriza que cada transtorno político cambia de sitio?”; “¿Es la raza?”; “¿Hay que basarla en los usos y costumbres?”, à medida que as perguntas são expostas, prontamente o texto as responde, explanando, no geral, diferenças pontuais entre as classes representadas em cada caso, “*hay mas comunidad de intereses entre el banquero español y el alemán, por ejemplo, que entre estos y los labradores de sus respectivos países*”; e, no particular cenário da América Latina, para a pluralidade de idiomas, raças e costumes encontrados dentro dos limites de cada território nacional, por conta da enorme presença de estrangeiros “*¿y las naciones americanas formadas de pueblos distintos?*”⁸². Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o discurso anarquista não vê a possibilidade de existência de uma e outra pátria, por conta da falta de similaridades entre uma mesma “nação”, a específica condição compartilhada, mundialmente, pelo proletariado, impede que esse coletivo em particular enquadre-se em limites políticos ou étnicos, ou seja, de acordo com o artigo de Prat, as diferenças econômicas e sociais se sobressaem a qualquer outra semelhança.

A necessidade de se combater o *patriotismo* na Argentina, sentida pelos anarquistas em torno do *La Protesta Humana*, dá-se por decorrência do crescente número de manifestações patrióticas expressas, principalmente, ao final do século XIX, em torno de uma crise econômica que assolava o país e a possibilidade de uma guerra com o Chile. Nesse sentido, para a historiadora Ana Leonor Romero (2021), as mobilizações patrióticas do contexto, cujo principal exemplo está na formação da *Liga Patriótica Argentina*, coletivo radical criado em 1898; justificam-se por uma urgência de “retorno à ordem”, ameaçada então, na perspectiva desses vigilantes, pela imigração radical.

Em 10 de julho de 1898, o artigo *Legión de Malhechores* expressa a preocupação do coletivo anarquista em relação à formação de uma legião ítalo-argentina em apoio ao exército argentino. Visto que, como apontado anteriormente, a nacionalidade nunca foi um ponto central na crítica anarquista ao ideal patriótico, mas,

⁸¹ *La Protesta Humana*, 7 jan. 1900, p. 1.

⁸² *Loc. cit.*

sim, o atraso representado pela ideia e sua relação com as formas de domínio; nota-se que o referido texto procura relacionar tal coletivo patriótico à ignorância dos trabalhadores presentes na legião, infectados também por uma visão militar. Assim, o texto falha em noticiar, de fato, como se dava a atuação da legião, resumindo apenas que *“su misión es esta: ejercitarse en el manejo de las armas para la destrucción de pueblos y la matanza en montón de niños y mujeres que ninguna noción tienen de ese salvajismo que se llama guerra”*, entretanto, aparece como uma ferramenta de doutrinação do público leitor, preocupada em afastá-los de uma *“disputa entre la burguesía argentina y chilena por 400 leguas de terreno más ó menos”*⁸³ e convocá-los para uma guerra realmente necessária aos trabalhadores, isto é, contra a exploração:

*Quando internacionalmente los intereses de la burguesía peligran, internacionalmente se coaliga para mejor defenderse. Igual conducta debemos observar los trabajadores, uniéndonos todos sin distinción de raza ni nacionalidad, y luchar con entusiasmo por nuestra emancipación*⁸⁴.

Nota-se que o enunciador do discurso se coloca como semelhante aos leitores *“uniéndonos todos”*, logo, o propósito do texto opera na necessidade de fomentar a propaganda antipatriótica já manifestada, isto é, convidar os próprios trabalhadores⁸⁵ a mudar a mentalidade de *“millones de trabajadores ignorantes embrutecidos por las privaciones de todo género, dispuestos á convertirse en mercenários e pillos”*, ou seja, o que estava em negação não era necessariamente o agrupamento de trabalhadores em uma ação combativa, e, sim, o seu propósito final:

*Nuestra misión es, por lo tanto, propagar, hablar á los cerebros y arraigar en las conciencias de las ideas de regeneración. Dirijamos hoy nuestras voces á estos futuros autómatas que van á formar esa legión.*⁸⁶

Ao mesmo tempo e procurando novamente definir o que significava a pátria pela qual estão lutando, o texto narra a condição compartilhada por milhões de

⁸³ *La Protesta Humana*, 10 jul. 1898, p. 1.

⁸⁴ *Loc. cit.*

⁸⁵ É comum encontrar nas páginas do *La Protesta Humana* solicitações que o próprio jornal fazia aos leitores para que, no intuito de educar aos demais trabalhadores, mandassem textos para a administração contando seu posicionamento e o motivo pelo qual. Em 7 de setembro de 1901, a fim de combater *“ridículas farsas patriotas”*, propagadas por patriotas italianos, um pequeno aviso no canto direito da segunda página do exemplar pede que *“Cuantos deseen colaborar en dicha publicación, pueden mandarnos sus trabajos en espanol ó italiano”* (*Id.*, 7 set. 1901, p. 2).

⁸⁶ *Id.*, 10 jul. 1898, p. 1.

imigrantes italianos que, em algum grau, também formavam vigilantes da referida legião:

*Y ahí están unos cuantos millares de trabajadores italianos, que el despotismo y la miseria arrojó de su tierra nativa, que la dura lucha por la existencia en esta sociedad de intereses antagónicos trajo á este continente americano*⁸⁷.

Seguindo a tendência em denunciar manifestações *obreras* em prol da pátria, o artigo “*¡Pobres Obreros!*”, já evidenciando no título o pesar para com alguns trabalhadores, inaugura a edição de 19 de janeiro de 1901 e ataca a convocatória realizada pelo diário anticlerical *La Razón*, do Peru, a respeito de uma celebração patriótica. Ao longo do texto, o adjetivo *obrero* é constantemente escrito em itálico, dando um tom irônico à palavra que, na perspectiva defendida pelo *La Protesta Humana*, perdeu seu real significado uma vez que se aproximou do ideal patriótico. Nesse sentido, de tratar “*obrero*” como uma espécie de título, e não necessariamente de condição social; o discurso já manifesta sua insatisfação inicial com tal movimento:

*Hemos de pronunciarnos contra el Congreso obrero perunano, porque consideramos que con el se hace, consciente ó inconscientemente, con intención ó sin ella, una traición á los trabajadores, una mistificación de los ideales emancipatorios del proletariado y que, por ende, queriéndolo ó sin querer, se infiere un insulto á la clase obrera consciente de sus derechos*⁸⁸.

Dessa maneira, o texto segue expondo os pilares do discurso anarquista crítico à pátria, apontando o atraso intelectual daqueles que a defendem: “*los trabajadores peruanos [...] más explotados y desgraciados que nosotros, porque desconocen todavía las causas de su esclavitud*”; e a obrigatória relação que mantém com a dominação estatal, servindo como obstáculo à emancipação dos trabalhadores: “*esa farsa que tiende á divorciar á los trabajadores de uno á otros país y convertirlos en enemigos de sí mesmo en beneficio de los capitalistas*”⁸⁹. Por se tratar de uma grave aproximação dos *obrer*os ao ideal patriótico, o discurso em questão ganha um lugar de destaque no exemplar, isto é, tal contato dos trabalhadores à ideia demonstra que o patriotismo não representa um ideal pertencente apenas às elites de cada país, como muitas vezes o periódico anarquista apontava, mas manifesta-se também entre

⁸⁷ *La Protesta Humana*, 10 jul. 1898, p. 1.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 1.

⁸⁹ *Loc. cit.*

os próprios trabalhadores, ameaçando assim a realização de uma sociedade fraternal construída de baixo, ou seja, aqueles *obreros*, que deveriam ser os protagonistas de uma revolução desejada, acabam por se tornarem os próprios sustentadores do atrasado e opressivo regime em atuação.

Em contrapartida, manifestações patrióticas protagonizadas pela burguesia, apesar de denunciadas, não ganharam tanta evidência nas páginas do *La Protesta Humana*, como visto, por exemplo, em edição de número 69, datada em 15 de outubro de 1899, quando o periódico apresenta, em sua última página, um pequeno comunicado produzido anteriormente por “*los anarquistas de San Paulo*”, a respeito de celebrações patrióticas organizadas por patriotas italianos residentes no Brasil, identificados pelo coletivo libertário brasileiro e traduzido pela edição do *La Protesta Humana* como “*vuestros patronos*”.

À medida que manifestações patrióticas *obreras* eram denunciadas nas páginas do jornal, movimentos internacionais em combate à ideia, protagonizados pela classe trabalhadora em seus respectivos países, representavam motivos de celebração em cada exemplar e serviam como modelo a ser seguido na realidade bonaerense. Em 2 de março de 1901, ao mesmo tempo em que noticiava uma série de protestos contra a restauração borbônica, realizados na Espanha, o texto “*La Espana Revolucionária*”, presente ao final da segunda página do exemplar, elogia o povo espanhol por conta de seu caráter combativo. Chama a atenção que, aqui, os méritos são direcionados especificamente para “*el pueblo español*”, não se referindo, necessariamente, aos trabalhadores ou coletivos libertários do país, como corriqueiramente. Assim, o discurso exclama: “*Digan lo que quieran gentes superficiales, el actual pueblo español no es el que pintan algunos*” e, em tons de louvor, passa a narrar uma série de levantes espanhóis contra regimes tirânicos, iniciando com “*las luchas por la libertad y contra el absolutismo y el clericalismo*”⁹⁰, referenciando a superação do absolutismo pelo constitucionalismo e a república, e, por fim, em um movimento um tanto quanto *evolucionista*, concretizando a realização de federações internacionais, provando, conforme o periódico, que “*no puede tachárseles por cierto, de estacionario y retrógado*”⁹¹. Nesse sentido, dando continuidade à corrente do jornal, abandonam-se heróis nacionais ou símbolos pátrios

⁹⁰ *La Protesta Humana*, 2 mar. 1901, p. 2.

⁹¹ *Loc. cit.*

para celebrar ideias e lutas de massa, interpretadas, pelo *La Protesta Humana*, como em combate à dominação e orientados para um futuro comunitário.

Pensamento ultrapassado, consequência do poder estatal e defensor dos interesses burgueses; tais são, resumidamente, os principais pontos da crítica anarquista ao patriotismo, isto é, ideias manifestadas, de acordo com o jornal, através da vida militar. Nesse sentido, segundo o *La Protesta Humana*, o “patriota” toma a forma, de fato, através da figura do soldado, o qual é classificado, pejorativamente, como alguém ignorante/embrutecido, obediente a um poder artificial e desconhecedor de sua própria condição social. Dessa maneira, o combate ao patriotismo, como ideia, segue um extenso trabalho de conscientização antimilitar publicado por meio de diferentes textos direcionados tanto àqueles que já formam as fileiras dos exércitos nacionais, quanto aos jovens em idade de serviço militar, além de se buscar, também, a aversão ao militarismo, portanto, do patriotismo, entre a população.

3.3 A RACIONALIDADE CONTRA O PATRIOTISMO

Em 21 de janeiro de 1900, a segunda página do exemplar de número 76 publica uma pequena carta escrita por Paul Roberts, apresentado pelo periódico como voluntário da oitava companhia do regimento de Washington, nos Estados Unidos, e exemplo perfeito do que significa ser um patriota. Na carta, o soldado norte-americano descreve com prazer sua experiência no campo de batalha, narrando que apesar de “*peligroso este oficio de la guerra, ya me va gustando*”⁹². Assim, após Roberts apontar que “*otro individuo y yo recibimos orden de incendiar el poblado y ardieron como dos mil casas*” e confessar que, por fim, sentiu deleite ao ver “*por todas partes niños y mujeres gritando al ver sus moradas reducidas á escombros*”, uma vez que “*hay que respetar al tio Samuel*”; a carta termina e a publicação segue com comentários de G. Inglán, pontuando que “*Eso es un patriota*”⁹³. Ao longo dos comentários de Inglán a respeito da carta, destaca-se as passagens mais violentas do relato do soldado, relacionando tal brutalidade com a mentalidade primitiva, “*sin intelectualidad, sin lazos morales que le vinculen a los demás hombres, sin ideas*”⁹⁴.

⁹² *La Protesta Humana*, 21 jan. 1900, p. 2.

⁹³ *Loc. cit.*

⁹⁴ *Loc. cit.*

Apresentar os horrores da guerra aparece como estratégia amplamente utilizada pelo periódico a fim de afastar seus leitores da vida militar e, conseqüentemente, do amor à pátria. Nesses casos, apesar de vincular tal comportamento violento com a ignorância intelectual, o discurso costuma apostar no bom senso do público, isto é, não se torna necessário um longo texto dissertativo apontando o motivo pelo qual tal prática é condenada pelo jornal, mas com a mera ilustração da realidade vivida pelos soldados ao redor do globo, o jornal espera combater visões que colocam a prática militar como um feito heroico. Nesse sentido, cartas direcionadas para o próprio jornal, ou retiradas de outras mídias, aparecem ocasionalmente nas páginas do *La Protesta Humana*, sendo escritas ora pelos próprios combatentes, como no exemplo anterior, ora pelos familiares dos soldados, sendo então expostas no periódico em um movimento que confia no juízo moral de seus leitores.

Em 28 de dezembro de 1901, assinado por “*Una madre*” e direcionado “*Á las madres*”, um pequeno texto é apresentado argumentando que o abandono do amor à pátria representa um ato de amor e cuidado para com seus filhos. Assim, sem uma apresentação realmente completa da autora do relato, o texto já inicia classificando as guerras patrióticas como um obstáculo à marcha evolutiva da humanidade, visto que, além de impossibilitar a criação de novas famílias “*que dejan de crearse porque les falta una de las principales bases, esto es el hombre que ha de crearla y sostenerla*”⁹⁵, corrompem toda a criação materna exercida desde o nascimento:

*Ah! si las madres pensaram, cuando proveen y cuidan sus hijos con tanto cuidado y solicitud, que todo lo que han hecho es para que lo destruya un tirano ó un déspota con un solo capricho, no dejarían ir su hijos á ser soldados, y preferirían mil veces ahorcarlo al nacer que permitir que más tarde, cuando han llegado á ser hombres, sean fraticidas con sus hermanos de otras naciones.*⁹⁶

Outro exemplo em que o relato de mães contra o patriotismo e o alistamento militar de seus filhos é utilizado pelo periódico a fim da conscientização de seus leitores aparece em 23 de agosto de 1902. Assinada por Nia Brucuyá, a carta intitulada *Educación Patriótica* prontamente argumenta que “*la mujer de buenos sentimientos y de buen corazón no puede ser patriota, y forzosamente tiene que combatir esa idea*

⁹⁵ *La Protesta Humana*, 28 dez. 1901, p. 2.

⁹⁶ *Loc. cit.*

*malsana (pátria) que á tantos domina*⁹⁷. Diferentemente do exemplo anterior, em que o relato gira em torno apenas da tristeza decorrente da perda de seus filhos em campos de batalha, o discurso em questão aparece como conselho de uma mãe às demais a respeito da forma correta de educação,

*[...] las madres deberían inculcar en el ánimo de sus hijos el amor á todos los hombres y á todos los seres útiles, en vez de fiarlo todo únicamente en una parte más ó menos pequena de territorio*⁹⁸.

Assim, a autora nota que, desde a infância, mesmo que inconscientemente, os filhos já são introduzidos na prática militar, “*hoy se le dan al niño para jugar escopetas, sables, cañoncitos y con esos instrumentos se les induce a pelear*”, fazendo com que, quando mais velhos, acreditem estar fazendo um bem ao lutar contra outras nações. Logo, concordando com a necessidade de criar homens fortes e valentes, argumenta que tais valores devem ser utilizados “*no para destruir sino para crear*”⁹⁹. Ambos os verbos são escritos em itálico, aparecendo em destaque no texto. Nesse sentido, uma educação construtiva, em detrimento de uma patriótica, acompanha o necessário processo de emancipação mental e cultural, sempre desejado pelo discurso anarquista, ao mesmo tempo em que traz a mentalidade das futuras gerações para uma relação de amor à natureza, isto é, ao solo, e não à nação:

*Enseñad á los niños á amar la naturaleza, á conocer sus maravillas. ¿Acaso no gozará más el niño manejando un instrumento para ensayarse en cualquier trabajo ó arte que no esgrimiendo instrumentos de muerte? ¿Acaso no se dignificará más la conciencia del niño enseñándole á conocer la tierra y sus elementos, el poder maravilloso del sol, los astros, el agua, los vientos, en fin, todo lo que eleva el alma y ennoblece el corazón, en vez de mantenerlo sujeto á las mil rutinas y preocupaciones que son el sello característico de nuestra decantada civilización?*¹⁰⁰

Uma semana mais tarde, assinado por *Pellico* e direcionado “*a mi buena amiga Nia Brucaýá*”, o texto “*Amor con amor si paga*” aparece como resposta e acessório ao discurso da semana anterior. Nesse sentido, os apontamentos referentes aos malefícios da formação moral decorrentes da educação patriótica são complementados com uma análise a respeito da influência religiosa na educação das

⁹⁷ *La Protesta Humana*, 23 ago. 1902, p. 3.

⁹⁸ *Loc. cit.*

⁹⁹ *Loc. cit.*

¹⁰⁰ *Loc. cit.*

crianças, especificamente: a jesuítica, a qual representa uma das bases para a atual opressão vivenciada pelas mulheres e para a mentalidade patriarcal da sociedade. Para tanto, *Pellico* argumenta que os revolucionários do passado falharam em perceber os males deixados pela atuação da Igreja nas escolas, ignorando assim a necessidade pela emancipação das mulheres e crianças em seu horizonte libertário, as quais tornaram-se, então, alvos da doutrinação religiosa:

*[...] muy anticlericales ellos, nuestros padres y abuelos, casi ateos capaces de pegar fuego à todos los templos, como lo hicieron, no notaron la profunda malicia y perversidad de los clérigos y jesuitas, que se esforzaban en conquistar las mujeres y los niños*¹⁰¹.

Assim, a exemplo do ensino patriótico, o religioso acaba por formar gerações ignorantes, doutrinadas por uma visão de amor excludente, incompleta e, principalmente, hierarquizada: “*y he llamado la atención de todos á apartar de sí cuántas costumbres ponen el pensamiento del niño en la imitación y veneración de lo que nos oprime y martiriza*”¹⁰². Logo, combater o patriotismo implica em também enfrentar a religião, visto que, na perspectiva anarquista exposta pela autora, o fanatismo patriótico aparece como um novo capítulo do religioso, devendo, então, ser negado em prol da racionalidade e do progresso humano: “*regirnos por la verdad y la justicia, ó, mejor expresado, por la Ciencia, por la Naturaleza, por la Libertad, por el Amor, por la Fraternidad, sin opresiones de ningún género*”¹⁰³.

Os três textos apresentados anteriormente pretendem combater o patriotismo e o conseqüente militarismo a partir de uma educação libertária¹⁰⁴. Em relação ao texto de dezembro de 1901, o relato volta-se para o emocional do leitor, e ataca o patriotismo a partir de suas implicações imediatas, isto é, a guerra e a conseqüente possibilidade da morte de filhos. Assim, girando em torno da preocupação pelo bem-estar e a segurança de *seus* filhos, o relato de “*una madre*” manifesta a necessidade de se “destruir” a mentalidade militar e patriótica que corrompe a sociedade atual. Em

¹⁰¹ *La Protesta Humana*, 30 ago. 1902, p. 2.

¹⁰² *Loc. cit.*

¹⁰³ *Loc. cit.*

¹⁰⁴ Um dos principais articuladores da educação libertária nesse início de século XX foi o anarquista catalão Francisco Ferrer y Guardia. Educador, Francisco Ferrer y Guardia inaugurou seu projeto de pedagogia libertária com a criação da Escola Moderna, em 1901, enfatizando as ciências naturais com uma proposta de metodologia baseada na cooperação e respeito mútuo. Ferrer foi executado pelo Estado Espanhol em 13 de outubro de 1909. Para um contato direto com as propostas de Ferrer, ver: Guardia (2014).

paralelo, os trabalhos de Nia Brucoya e Pellico, publicados em agosto de 1902, pretendem expor, através da argumentação, caminhos possíveis para a redução de ideais violentos e irracionais, ao mesmo tempo em que demonstram que uma necessária alteração na forma de educar representa um importante e obrigatório passo em direção à conquista de uma liberdade real e completa, ou seja, universal.

Enquanto a necessidade por uma educação progressiva era exposta através de relatos pessoais e artigos, o coletivo anarquista bonaerense divulgava com orgulho seu próspero projeto de criação de escolas sem a influência patriótica ou religiosa. Em 7 de janeiro de 1900, inaugurando a edição de número de 75 do *La Protesta Humana*, o texto escrito por Paraire busca noticiar o trabalho conjunto de diferentes *obreros* da capital argentina, demonstrando também, para o leitor, a força revolucionária empreendida por meio de um trabalho coletivo. Assim, narrando os esforços de “*nuestros compañeros en la República Argentina*”, Paraire destaca a formação de escolas libertárias “*que preparem las nuevas generaciones para el goce de todos los derechos y de todas las libertades en la sociedad libre que indefectiblemente se establecerá*”, chamando a atenção também para a possibilidade de acesso a qualquer trabalhador da cidade, visto que, até agora “*han aparecido individualmente de todos los ámbitos de la ciudad, oriundos de todas las partes de la tierra é hijos del país*”¹⁰⁵.

Ademais, em 9 de agosto de 1902, na última página do exemplar, geralmente destinada para publicidades e comunicações diretas com o público, é divulgada a criação de uma nova escola libertária por iniciativa de anarquistas residentes no bairro La Boca, destinada “*a proporcionar á los hijos de los trabajadores una educación libre, racionalista, purgada de toda infección patrioter y religiosa*”¹⁰⁶. Além de auxiliar na visualização de ações anarquistas em prol da construção de uma sociedade futura, a partir da educação. O texto em questão fornece informações pertinentes a respeito da rotina dessas escolas, como o horário das aulas: “*de 8 á 11 mañana y de 1 á 4 tarde. Hay clases de noche*”; o valor: “*Precio por mes: Grados 1º y 2º: \$1. Grado 3º y 4º: \$2*” e, finalmente, os conteúdos estudados, com destaque para aulas de “*labores propias de su sexo*” destinada especificamente às meninas, além de ensinamentos de leitura, escritura, aritmética, geografia, gramática, geologia, história natural, anatomia, física,

¹⁰⁵ *La Protesta Humana*, 7 jan. 1900, p. 1.

¹⁰⁶ *Id.*, 9 ago. 1902, p. 4.

astronomia e sociologia para “*alumnos de ambos sexos conforme á los más perfeccionados sistemas pedagógicos y con la mas escrupulosa verdad científica*”¹⁰⁷.

3.4 PAZ ENTRE NOSOTROS

Também no intuito de combater o patriotismo e as consequentes guerras fomentadas por essa ideia, a partir da conscientização, determinados textos publicados no *La Protesta Humana* eram direcionados especificamente para os soldados e jovens em idade de alistamento. Ana Leonor Romero (2021), em *Movilizaciones patrióticas y crisis política*, argumenta que ao final do século XIX, enquanto crescia a tensão e a possibilidade de uma guerra com o Chile, surgiam da própria população argentina novas iniciativas de reação militar ao conflito, destacando então a compra de navios de guerra a partir do apoio voluntário da população, a criação de grupos patrióticos e a grande busca da população pelo alistamento militar:

A medida que crecía este enfrentamiento con Chile surgieron de la sociedad civil argentina distintas iniciativas para apoyar la causa. Tres nacieron al calor del incidente creado por la publicación del libro del Perito Moreno: la compra de un buque de guerra, la formación de la Liga Patriótica y una suscripción nacional. Las reacciones fueron diversas y combinaron entusiasmo y escepticismo. Las iniciativas revelaron la potencialidad de la movilización patriótica y evidenciaron la falta de acuerdo sobre cómo debía juzgarse este fenómeno y sobre qué valores debían asociarse al patriotismo. Para finales de siglo, la cultura de la movilización formaba parte del arco de opciones con las que la ciudadanía manifestaba su opinión y peticionaba al gobierno (Romero, 2021, p. 3).

Observando tais movimentos, o periódico anarquista publica, na primeira página do exemplar de 12 de junho de 1898, um longo texto intitulado “*La Patria y el militarismo*”. Inicialmente, chama a atenção a fonte utilizada para o título em negrito e o fato de estar centralizado, algo muito incomum entre os exemplares do ano, revelando assim a urgência em se tratar sobre o tema. Prontamente, o discurso já esclarece a quem está se dirigindo: “*A vosotros, jóvenes que en nombre de la ley vestis el traje del soldado; á vosotros á quienes dan el seductor (escrito em itálico) nombre de guardia nacionales, dedicamos estas líneas*”¹⁰⁸. Nesse sentido, seguindo o padrão em salientar a miséria econômica compartilhada por seus leitores, é

¹⁰⁷ *La Protesta Humana*, 9 ago. 1902, p. 4.

¹⁰⁸ *Id.*, 12 jun. 1898, p. 1.

perguntado se durante “*los momentos de angustia, cuando la necesidad os acorrala, en los días sin pan, cuando el hambre asoma vuestros hogares [...] ¿habéis preguntado alguna vez a vosotros mismo qué es la pátria?*”¹⁰⁹. Assim, após a narração dos cotidianos sacrifícios realizados por seus leitores, salientando também a falta de assistência da pátria nessas rotinas, o discurso passa a noticiar a surpreendente movimentação por alistamento militar protagonizada por “*la clase de 20 años*”¹¹⁰ e, claramente preocupando-se com a intensificação da força militar do Estado, novas perguntas são feitas aos leitores, colocando-os como possíveis novos soldados e convidando para que reflitam sobre qual atitude vão tomar a respeito das próximas manifestações de protesto:

Vuestros jefes han recibido órdenes superiores y están dispuestos á cumplirlas... y mandan que disparéis vuestros fusiles sobre aquellos revoltosos que indudablemente les mueve un anhelo de justicia, el deseo de vengarse de la explotación feroz de que son víctimas. Pero ¿acaso vosotros primero que soldados no habéis sido también obreros? Como aquello revoltosos ¿no habéis sufrido el escarnio sangriento á vuestros esfuerzos con un salario mezquino?¹¹¹

Aqui, novamente o termo *obrero* é tratado como um título e não como condição social; título esse que, como o texto faz parecer, é perdido uma vez que se opta pela vida militar. Nesse caso, além da perda da “posição” de *obrero*, esse (novo) soldado é entendido, então, como uma espécie de traidor, visto que se coloca no polo oposto da luta social, isto é, ao lado do patriotismo. De fato, por representar a personificação do patriotismo e do militarismo, a figura do soldado era principalmente deteriorada pelo periódico, que a apresentava como inimiga do povo, ignorante/violenta e defensora da opressão. Em 14 de outubro de 1900, através do texto “*Basta de Farsas*”, é feito um apelo ao público para que não prestem homenagens a soldados.

Presente no canto inferior direito da segunda página do exemplar, o discurso começa com um relato pessoal (o autor do discurso não é definido) noticiando o regresso do navio de guerra *La Sarmiento*, o qual foi recebido no porto de Buenos Aires por “*toda la patriotéria.*” O discurso não especifica como se deram as celebrações pelo retorno do navio e dos soldados presentes na expedição, mas

¹⁰⁹ *La Protesta Humana*, 12 jun. 1898, p. 1.

¹¹⁰ *Loc. cit.*

¹¹¹ *Loc. cit.*

salienta a surpresa do autor pela vasta presença de trabalhadores identificados no recebimento ao navio:

*La cosa no tendría gran importancia si todo pasara entre el parasitismo, la holgazanería burguesa y esa oficialidad que ha ido á adiestrarse en el arte de matar, pero lo más curioso es que muchos obreros actúan de monos sabios en esas estúpidas farsas.*¹¹²

Assim, o texto deixa de noticiar o regresso de *La Sarmiento* e passa a condenar as atitudes de orgulho demonstradas pelos operários no local, ao mesmo tempo em que procura explicitar ao leitor o erro representado por tais manifestações, apresentando, em um primeiro momento, a condenável tarefa dos soldados que ali eram tratados como heróis: “¿Festejar á los galoneados del ejército no es aplaudir el fusilamiento de las masas del pueblo, cuando con justicia y con razón se sublevan hartas de miseria y de servidumbre?”¹¹³; e, sequencialmente, reduzindo a importância da viagem empreendida por meio do *La Sarmiento*:

*¿Acaso se ha realizado en pos de algún nuevo descubrimiento, de exploración, de ciencia, de algo benéfico á la humanidad? No, nada de eso. Ha sido un viaje de recreo para los que mandan; de sufrimiento y de palizas para los que obedecen; y de instrucción en el arte de matar y de destruir pueblos, para todos ellos.*¹¹⁴

Nota-se que ao mesmo tempo em que o soldado é destacado no discurso como inimigo dos trabalhadores, explicitando assim o absurdo representado por uma homenagem *obreira* a esse *instrumento* do patriotismo, o texto procura explorar e intensificar entre os leitores um sentimento de solidariedade de classes, pontuando que a violência protagonizada pelo militar é direcionada especificamente contra os demais trabalhadores, ou seja, as diferenças nacionais não importam ao passo em que uma mesma classe se vê ameaçada: “¿Y contra quién va á ser utilizada esa instrucción en el manejo de las armas, sino contra los mismo trabajadores soldados de los otros países ó ciudadanos del propio?”¹¹⁵.

Em 26 de abril de 1902, utilizando-se de texto publicado originalmente no diário *La Prensa*, o *La Protesta Humana* tenta amenizar a procura por alistamento a partir

¹¹² *La Protesta Humana*, 14 out. 1900, p. 2.

¹¹³ *Loc. cit.*

¹¹⁴ *Loc. cit.*

¹¹⁵ *Loc. cit.*

da exposição de males sofridos pelos próprios soldados, assim, a abordagem utilizada para a reprovação da vida militar não dialoga com uma possibilidade de empatia de classes, mas demonstra os traumas pontuais daqueles que optaram pelo militarismo.

De acordo com o noticiado pelo *La Prensa*, ao menos três soldados pertencentes ao 12º batalhão de infantaria de Rosário relatam ter sofrido torturas de seus superiores. São eles Alejandro Avalos, que recebera “*un cutazo en el pecho que lo dejó tendido en tierra, dando gritos durante más de media hora*”¹¹⁶ após ter solicitado folga de suas obrigações militares; Muñoz, que falecera após agressão do sargento Enrique Gutirrez; e Silverio Solís, que teve seu braço quebrado pelo sargento Duberti.

Encerrando o trecho retirado do *La Prensa*, a notícia torna-se uma ferramenta de doutrinação a partir dos seguintes comentários feitos pelo *La Protesta Humana*, direcionados especificamente para “*los jovens conscriptos*”, quando diz “*Así os trata la patria después de aniquilar en vosotros todo rasgo noble y elevado*”¹¹⁷. Ao apontar a pátria como responsável pelo sofrimento dos soldados, e não necessariamente o alistamento, o discurso acaba por combater o que entende como a raiz do militarismo, isto é, caso o discurso optasse apenas pela deslegitimação da vida militar, reduziria a manifestação prática do patriotismo, mas não contribuiria para a emancipação mental dos leitores em direção à perspectiva federal e livre que o anarquismo tentava construir.

Trabalhar para a alteração da mentalidade de jovens atraídos pelo amor à pátria e sua manifestação radical, o militarismo, implica, conforme tendências identificadas na análise de discursos do *La Protesta Humana*, em explicitar a vergonha representada pela obediência militar. Em 25 de outubro de 1902, um pequeno conto construído por Victor Hugo expõe a irracionalidade do soldado obediente e volta-se “*Para los conscriptos de la República Argentina*”, conforme título escolhido pelo *La Protesta Humana*:

- Soldado: ¿de qué color es ese muro?
- Blanco, mi general.
- Te digo que es negro, ¿de qué color es ese muro?
- Negro, mi general.
- Eres un buen soldado!¹¹⁸

¹¹⁶ *La Protesta Humana*, 26 abr. 1902, p. 2.

¹¹⁷ *Loc. cit.*

¹¹⁸ *Loc. cit.*

Na perspectiva sustentada pelo discurso anarquista, a obediência militar, nesse sentido, segue os mesmos problemas da religião e do patriotismo, isto é, a falta de um entendimento sobre a realidade social dos trabalhadores. Na Buenos Aires do contexto em questão, a fome aparecia para o *La Protesta Humana* como principal ponto de diferença entre a burguesia e os obreros. Assim, enquanto guerras patrióticas eram constantemente denunciadas, a guerra contra a fome e, portanto, contra a exploração do Estado e do patrão era incentivada e celebrada. A questão da fome, abordada no *La Protesta Humana*, será trabalhada com mais ênfase no capítulo seguinte. Aqui, sem se estender demasiadamente, importa vincular tal realidade com a forma como o periódico usou da condição para a negação do patriotismo e das guerras entre nações.

Em edição de 12 de novembro de 1899, através do artigo “*Los Idealistas y el estómago*”, não apenas o patriotismo é colocado como ideal de pouca importância para o progresso humano, mas as demais doutrinas que, “*luchando por la libertad ó por la traición*”¹¹⁹, acabam por minimizar a gravidade da fome, no entendimento do discurso em questão. Assim, o texto presente no canto inferior esquerdo da terceira página do exemplar pretende distanciar o campo das ideias do campo da realidade, isto é, “*primo vivere, deinde filosofare*”¹²⁰. Para tanto, é feita uma pequena síntese dos valores defendidos em diferentes momentos da história, destacando então o lema de “*libertad, civilización y progreso*” característico do século XIX, de acordo com o texto e presente de certa forma, como já demonstrado, no discurso anarquista; porém com a pontuação de que “*no basta ser libres y civilizados, si, como en los tiempos de barbarie, el hambre mata y la miseria acorrala*”¹²¹. Por “*tiempos de barbarie*”, o discurso enquadra os valores religiosos, patrióticos e monárquicos que, mesmo que ainda (muito) influentes no período de produção do texto, 1899, são colocados no discurso como característicos do passado, sustentando mais uma vez a perspectiva de progresso da humanidade que exige então a superação de tais ideologias.

[...] moramos por Dios, la patria y el rey”, exclamaron los hombres del pasado. Y unos y otros peleaban valientemente creyendo combatir en su enemigo al enemigo de la humanidad. Y el enemigo de la humanidad no es sino el hambre. Por eso los hombres del presente luchan por el pan.¹²²

¹¹⁹ *La Protesta Humana*, 12 nov. 1899, p. 3.

¹²⁰ *Loc. cit.*

¹²¹ *Loc. cit.*

¹²² *Loc. cit.*

Ao final do texto, novamente “*los derechos individuales, la libertad, la civilización y el progreso*” são colocados como comprovantes da evolução humana, que, assim, abandona crenças artificiais e ultrapassadas. Entretanto, fazendo uma diferenciação entre intelectuais: “*Los moralistas siguen predicando, los idealistas soñando*”, e trabalhadores miseráveis: “*masas de infelices hambrientos que son carne de cañon, carne de lupanar y carne de presidio*”¹²³. O discurso acaba por exclamar a incompletude do desenvolvimento humano e da liberdade pretendida pelo anarquismo, que só se tornará completa quando toda a humanidade possuir as mesmas possibilidades de acesso, nesse caso, ao alimento. “*Luego es preciso luchar por algo más que por las libertades, es preciso luchar por el pan*”¹²⁴.

3.5 RELAÇÕES ESPONTÂNEAS E DESENVOLVIMENTO NATURAL

Como salientado anteriormente, muito do trabalho intelectual produzido pelos anarquistas, globalmente, nesse contexto de início do século XX, encontra sua base a partir da observação da natureza e baseando-se em uma perspectiva evolucionista. Assim, enquanto a irracionalidade da ideia de pátria era exposta pelo *La Protesta Humana* através, também, da sua não conexão com a vida natural, a associação espontânea era apresentada como realmente compatível com a natureza humana, não precisando, assim, ser intermediada por um Estado e não devendo ser limitada por fronteiras políticas e artificiais.

Em 15 de janeiro de 1899, a primeira página do exemplar apresenta interpretações anarquistas a respeito da coletividade humana, a qual, de acordo com o periódico, deveria seguir os demais exemplos observados na natureza a fim de uma relação realmente harmoniosa com o universo e entre os seres humanos. Assim, no intuito de atender as *reais* necessidades dos seres vivos, o texto destaca a obrigatoriedade de agrupamentos humanos, em detrimento de perspectivas divisórias:

Observando la organización y las costumbres de los animales, vemos imponerse la a asociación familiar, en primer término, como complemento necesario de la vida individual, y luego ensancharse este agrupamiento hasta constituir verdaderas sociedades, á causa de necesidad fuertemente sentidas, como lo demuestran entre los pequeños animales las hormigas y

¹²³ *La Protesta Humana*, 12 nov. 1899, p. 3.

¹²⁴ *Loc. cit.*

*abejas, y entre los mayores, los búfalos, orangutanes, elefantes, etc. Siendo el hombre el animal más perfecto y más consciente, necesariamente hubo de constituir una sociedad, y en relación directa de sus percepción, mas elevada y compleja su sociabilidad. En consecuencia, la sociedad humana se fundamenta en la Naturaleza*¹²⁵.

Uma vez que o contato entre os homens parte de uma demanda natural, isto é, necessária para o bem-estar de todos, o discurso argumenta que tal relação horizontal, sem domínio, deveria acontecer também entre a humanidade e a natureza, ou seja, ao mesmo tempo que o privilégio de uns sobre os outros representa uma relação inorgânica, portanto maléfica para a humanidade como um todo,

*[...] puesto que si involucra el bienestar individual con el colectivo de tal suerte, que no posible la satisfacción particular con el malestar general, ni el goce común con la desdicha del individuo*¹²⁶.

O domínio do ser humano sobre a natureza, representado através da pertença de determinado território a um povo, governante ou Estado em particular, impossibilita também o desenvolvimento natural de todos seus indivíduos:

*De esto se sigue que la sociedad humana no puede hallarse en su centro natural, en la plena posesión de los grandes goces que Naturaleza y la ciencia le ofrecen, sino á condición de establecerse de perfecto acuerdo con una y otra*¹²⁷.

Assim, o contato entre os humanos, que acaba por formar uma sociedade, acontece, de acordo com a perspectiva defendida pelo jornal, de forma orgânica e em atendimento a exigências naturais, enquanto a imposição de determinados títulos que procuram limitar determinado grupo para além de sua simples condição de seres humanos, como “*nacionalidad, religión, leyes, prácticas y costumbres*”¹²⁸, representam então um distanciamento da humanidade de sua verdadeira natureza. Na Buenos Aires do período em questão, a diferenciação entre os seres humanos a partir de seu país de origem, assim como a criação de leis artificiais em oposição às leis da natureza, aparece, para o *La Protesta Humana*, como origem da angústia vivenciada por trabalhadores miseráveis de origem estrangeira. Sequencialmente, a

¹²⁵ *La Protesta Humana*, 15 jan. 1899, p. 2.

¹²⁶ *Id.*, 12 nov. 1899, p. 3.

¹²⁷ *Loc. cit.*

¹²⁸ *Id.*, 10 dez. 1899, p. 1.

presente pesquisa vai se debruçar sobre o trabalho exercido pelo jornal em relação à opressão imposta pelo Estado argentino especificamente a imigrantes.

De fato, a reflexão acerca do sentimento patriótico ocupou a produção intelectual de diferentes pensadores ao redor do globo nesse momento de transição do século; ora denunciando sua escassez, ora alertando para seu perigo. Tolstói¹²⁹, romancista e filósofo russo, em sua obra *Patriotismo e Governo*, produzido originalmente em 1900 e dividido em sete exemplares do *La Protesta Humana*, a partir de 31 de janeiro de 1903¹³⁰, prontamente define o patriotismo como um sentimento que, “*en nuestros tiempos*”, tomou uma forma antinatural, irracional e, portanto, prejudicial a toda a humanidade, devendo então ser reprimido por todos os homens racionais. Em um primeiro momento, Tolstói problematiza a dupla existência de um bom e um mau patriotismo, isto é, enquanto o primeiro se define como um sentimento de “*desejar para nuestro pueblo ó Estado todos los beneficios positivos que no restrinjan el bienestar de la otras naciones*”¹³¹, o segundo resume-se apenas em uma aversão radical ao estrangeiro. Entretanto, o pensador russo argumenta que tal desejo pela felicidade não deve restringir-se apenas em relação ao próprio povo, visto que direcionar tal sentimento benéfico apenas a um coletivo específico impossibilita a realização de uma fraternidade universal, ou seja, a continuidade de uma visão restrita para o “*meu*”, representa a permanência da exclusividade imoral. Assim, visto que o autor não concorda com a existência de um *bom patriotismo*, o ideal patriótico é apresentado como uma ideia ultrapassada, mas que permanece em evidência por conta da influência que exerce sobre os demais, mantendo assim uma forma de política baseada na dominação, a exemplo da permanência da ideia religiosa, descrita por Tolstói como uma mentira necessária para manter o poder dos sacerdotes:

*La causa es que los sacerdotes, cuya posición lucrativa depende de la antigua idea religiosa, haciendo uso del poder que tienen, mantienen en el pueblo el culto de ella. Igual cosa acontece, y por iguales razones, en la esfera política respecto á la idea patriótica, sobre la cual descansa toda dominación*¹³².

¹²⁹ Leon Tolstói é considerado um dos principais representantes da literatura realista. Nasceu na cidade de Tula, no Império Russo, e ingressou na Universidade de Kazan, em 1844. Entre suas principais obras, destaca-se *Guerra e Paz*, de 1865, *Ana Karenina*, de 1877, e *A Lei do Amor e a Lei da Violência*, de 1901.

¹³⁰ A obra completa de *Patriotismo y Gobierno*, de León Tolstói, encontra-se dividida no *La Protesta Humana* entre os exemplares de número de 201, 202, 203, 208, 211, 217 e 221.

¹³¹ *La Protesta Humana*, 31 jan. 1903, p. 4

¹³² *Loc. cit.*

Nesse sentido, Tolstói relaciona a dominação exigida pelo patriotismo com a mentalidade militar vista na Europa, propagada por classes dominantes, “*no solamente por los gobernantes actuales con sus subordinados, sino á todas las clases que gozan de una posición excepcionalmente ventajosa*”¹³³, as quais inflamam o povo através da mídia, escolas patrióticas, espetáculos, festas e monumentos; fazendo com que a população local não atribua seu descontentamento aos próprios dominantes, mas a outras nações e ao estrangeiro. Como exemplo do violento patriotismo europeu, Tolstói lembra de como a lei de serviço militar obrigatório, projetada na Alemanha, na segunda metade do século XIX, pelo Imperador Guilherme II, governante entre 1888 e 1918 e definido pelo periódico como “*el más desvergonzado de los potentados*”¹³⁴, inaugurou uma sequência de reações militares dos países vizinhos. Assim, Tolstói preocupa-se primeiramente com a falta de oposição ao militarismo pelo povo alemão, já intoxicado pelo patriotismo, ocasionado em assassinatos de povos de outras nacionalidades, vitórias militares do Império Alemão e, posteriormente, a criação de exércitos por toda a Europa sob a justificativa de proteção de suas próprias fronteiras:

*Cada aumento del ejercito de una nación (y cada nación estando en peligro, trata de aumentar su ejército por razones patrióticas), obliga a sus vecinos á aumentar el suyo tambien por patriotismo, y eso reclama otro aumento de parte de la primera nación é igual cosa sucede en los armamentos y en la escuadras; si un Estado ha construído diez acorazados, su vecino construye once, y entonces el primero hace doce y así hasta la infinidad*¹³⁵.

Em síntese, os argumentos de Tolstói em oposição ao patriotismo giram em torno do atraso intelectual e da irracionalidade da ideia patriótica, a qual é fomentada através de simbolismos e por meio de uma educação incoerente; sua relação com as diferentes formas de domínio; e sua influência para o crescimento do militarismo, gerando, então, uma restrição à consolidação de uma mentalidade colaborativa em nível mundial e a criação de uma sociedade fraterna. Leon Tolstói, que nunca se declarou anarquista, aparece no maior periódico ácrata de Buenos Aires, conforme suas ideias se conectam com os fundamentos do pensamento libertário e, assim, com a corrente presente no discurso do jornal.

¹³³ *La Protesta Humana*, 14 fev. 1903, p. 4.

¹³⁴ *Loc. cit.*

¹³⁵ *Id.*, 7 fev. 1903, p. 4.

4 TEMOR A ANARQUISTAS E AVERSÃO A IMIGRANTES EM BUENOS AIRES

No capítulo anterior, demonstramos como o *La Protesta Humana* atuava para a doutrinação dos trabalhadores a partir de uma perspectiva internacionalista e consequente negação da unidade nacional e do patriotismo, isto é, através do estímulo à consciência de classe, fomentar o conflito social visando a substituição de uma relação hierarquizada e baseada na dominação, em que o Estado aparece como responsável pelo desequilíbrio de forças e o patriotismo como a manifestação burguesa desse domínio, para um poder autogestionário, sem a necessidade de forças artificiais e impostas que pretendem regular as naturais relações humanas. Logo, a crescente influência do anarquismo em solo argentino, ideologia estimulada por imigrantes, de acordo com Miguel Cané, aparece para o senador e demais representantes da tradicional burguesia argentina como um movimento a fim de desintegrar a própria unidade do país, ou seja, além de um conflito de classes sociais, a presença do anarquismo em Buenos Aires evoca uma disputa entre nacionalismo e internacionalismo.

Nesse sentido, os imigrantes que deveriam confirmar a consolidação do Estado argentino por meio de valores “modernos”, como acreditava a intelectualidade local da primeira metade do século XIX, tornam-se, por conta desta específica crítica do anarquismo a perspectivas nacionais, ameaças à própria unidade e identidade argentina. Logo, a fim de impedir a entrada e a propagação dessa ideia internacionalista em território nacional, a República Argentina atua para a proibição de estrangeiros já identificados como anarquistas de desembarcar no país, realidade denunciada no *La Protesta Humana* pela primeira vez através de um pequeno comunicado presente ao final da edição de 2 de janeiro de 1898.

No canto inferior esquerdo da última página do exemplar, um pequeno comunicado escrito inteiramente em negrito sob o título *Ultima Hora* fecha a edição de número 21 do *La Protesta Humana*. Trata-se de uma notícia exclusiva que avisa ao público sobre a detenção de Francisco Ros, apresentado apenas como anarquista. De acordo com a matéria, as autoridades argentinas, “*que, blasonado de liberales, son, sin embargo, el colmo del más feroz absolutismo*”¹³⁶, deteram Ros, sua companheira e seu *hijito*, logo no desembarque em Buenos Aires. A escolha pelo

¹³⁶ *La Protesta Humana*, 2 jan.1898, p. 4.

diminutivo em referência ao filho de Ros parece ser uma tentativa por parte do redator em transmitir aos leitores um sentimento de dó pela criança. Devido à exclusividade do ocorrido, o periódico avisa que tratará melhor sobre o caso em sua próxima edição, porém, afirma aos leitores que “*algunos elementos liberales de la capital*” já estavam em movimento para a liberdade do anarquista, o qual, de acordo com o texto, permanecia preso devido ao fato de que “*las autoridades argentinas persisten en la arbitraria idea de no permitirle la entrada en esta república hospitalaria*”, adjetivo escrito inteiramente em letras maiúsculas, destacando-se no discurso e tornando claro ao leitor o tom sarcástico da frase¹³⁷. Enquanto o discurso em questão, produzido às pressas, como o próprio periódico afirma, ganha um local de pouco destaque no exemplar e representa o primeiro exemplo de publicação do *La Protesta Humana* alertando diretamente sobre o combate ao estrangeiro e ao anarquista na Argentina, cinco anos mais tarde, em 7 de fevereiro de 1903, o exemplar de número 202 traz no centro de sua primeira página uma longa lista apresentando os nomes de estrangeiros “*sospechosos de ser anarquistas ó agitadores que incitan á la violencia á las clases obreras*”; isto é, um documento produzido pela polícia bonaerense, apesar de não ficar claro como a equipe do periódico teve acesso a tal documentação, apresentando os nomes daqueles “*no aprehendidos que deben ser deportados*”, incluindo o nome de Gregório Inglán, obrigado, assim, a deixar o posto de diretor do jornal após a assinatura da Lei de Residência, em novembro de 1902, trabalhada com mais detalhes no capítulo que segue¹³⁸.

Como apontado anteriormente, parte da crítica anarquista à ideia de unidade nacional denunciava a identidade compartilhada que tal construção política tentava formar entre a população, isto é, uma ilusão de semelhança entre polos tão opostos social e economicamente, como burgueses e trabalhadores, por exemplo, unidos por uma mesma pátria e representados através dos mesmos símbolos nacionais. Oposto à existência de tais similaridades, criadas, de acordo com a perspectiva anarquista, por um Estado explorador, o discurso libertário procura acima de tudo elucidar diferenças pontuais entre condições sociais antagônicas, criando assim, entre os trabalhadores, uma consciência de classe que, ao mesmo tempo, seja capaz de transformar a realidade em questão. Logo, a ação política protagonizada pelos anarquistas bonaerenses girava em torno da propaganda libertária e do fomento de

¹³⁷ *La Protesta Humana*, 2 jan.1898, p. 4.

¹³⁸ *Loc. cit.*

greve trabalhistas. Enquanto a propaganda libertária, por meio de periódicos, atuava para a conscientização da classe trabalhadora, buscando gerar uma solidariedade de classe em perspectiva revolucionária. A prática da greve aparecia como a manifestação concreta das reivindicações destacadas em cada exemplar do *La Protesta Humana* e demais jornais anarquistas da cidade.

Por meio de uma imprensa militante voltada especificamente para a união combativa e potencialmente revolucionária do operariado, o anarquismo, globalmente, atua para a transformação da realidade social, de baixo para cima; assim, as reivindicações anarquistas ocupam a responsabilidade de ameaçar a ordem burguesa projetada pela economia capitalista e assegurada pela formação de Estados Nacionais. Ao mesmo tempo, os anarquistas enxergam, na criação de leis, uma forma de a burguesia, representada pelo Estado, proteger seus privilégios sociais e garantir a ordem vigente. Nesse sentido, as práticas de controle migratório aparecem para o anarquismo como um dos principais instrumentos de repressão estatal, voltado unicamente para o enfraquecimento da proposta internacional defendida pelo socialismo libertário. Como apontado por Knevez (2021), é justamente essa perspectiva baseada no ofício e na condição de explorados, e não na nacionalidade, que define o sucesso da proposta libertária para com a população residente em Buenos Aires nesse final de século XIX e início do século XX. Uma vez que tal pilar fundamental do anarquismo, o internacionalismo, gerava um obstáculo para a plena formação de uma identidade argentina, a proposta anarquista era entendida pela elite local como algo derivado do imenso número de imigrantes que ocupavam o território nacional argentino e protagonizavam conflitos sociais classificados por esses representantes da burguesia como criminosos. Logo, mais que atuar para a contenção dos imigrantes, leis direcionadas para o controle migratório, e os consequentes casos de deportação, atuam principalmente para frear a influência que a doutrina anarquista exercia sobre a classe trabalhadora. Assim, partindo do princípio de que o controle estatal ao estrangeiro, em Buenos Aires, é justificado como segurança nacional, isto é, uma tentativa de o Estado conter a influência anarquista entendida então como ameaça à unidade nacional por sua proposta internacionalista e classista, no presente capítulo, trabalharemos a respeito da relação entre a aversão aos imigrantes e o antianarquismo vistos na capital argentina durante a transição do século, e como se deu a atuação do *La Protesta Humana* nessa conjuntura.

Em um primeiro momento, exploraremos diferentes representações construídas nos discursos do *La Protesta Humana* referentes ao movimento migratório e à presença do imigrante na cidade. Assim, nota-se um combate à imigração, desempenhado pelo jornal, que operava tanto na conscientização dos trabalhadores europeus sobre a realidade de fome e desemprego vista em Buenos Aires, quanto a partir de uma demanda em frear o problema populacional já presente na cidade. Com uma abordagem diferente, os imigrantes apareciam representados nas páginas do jornal sob duas formas diferentes, aqueles em estado de passividade quanto a suas próprias condições de explorados na Argentina, portanto, que devem ser mentalmente emancipados por meio da propaganda libertária exposta no jornal, e aqueles já conscientes da opressão estatal, isto é, os imigrantes anarquistas, sendo, então, especialmente perseguidos pelo Estado argentino.

Sequencialmente, a pesquisa volta-se para o contexto de produção e decreto da Lei de Residência. Logo, demonstraremos como o periódico posicionava-se em relação ao perceptível movimento global antianarquismo, e como esse combate ao anarquismo se manifestou em Buenos Aires. Assim, nos atentaremos ao papel desempenhado pelo jornal diante da conjuntura de perseguição política direcionada especificamente ao imigrante anarquista, e quais foram as transformações observadas nos discursos do jornal a partir dessa nova realidade de opressão inaugurada, ou reforçada, com o decreto da Lei de Residência.

Em um terceiro momento, propomos uma reflexão em torno do posicionamento do movimento anarquista em torno da violência, isto é, uma vez que as práticas de controle migratório partem de uma demanda baseada na segurança nacional, ameaçada pelos anarquistas de acordo com o projeto base para a Lei de Residência, refletir sobre como o coletivo libertário em torno do *La Protesta Humana* entendia que a questão da violência contribui para uma compreensão mais completa sobre as bases teóricas do anarquismo e evidencia o motivo pelo qual o anarquismo tornou-se questão criminal no início do século XX. Assim, além de uma apresentação a respeito da corrente insurrecionalista do anarquismo, favorável à prática do terrorismo contra figuras de autoridade, nos atentaremos à abordagem utilizada pelo periódico a respeito dessa prática, visto que o *La Protesta Humana*, adepto a um movimento de organização revolucionária das massas, não concordava com a eficácia de ações violentas individuais para a concretude da revolução projetada, porém, procurava justificar ações terroristas protagonizadas individualmente por anarquistas ao redor do

globo, atento também a sua responsabilidade, como meio de propaganda ácrata, de atrair os trabalhadores para a doutrina anarquista.

4.1 A IMIGRAÇÃO E OS IMIGRANTES

Enquanto a influência exercida pelo anarquismo à classe trabalhadora alterava as percepções da elite e da intelectualidade argentina a respeito do imigrante, e apesar da defesa de uma perspectiva internacionalista e do movimento anarquista enxergar nessa massa estrangeira, alocada na Argentina, possíveis catalisadores da revolução social pretendida pelo anarquismo, propagandas de incentivo à imigração para a Argentina eram especialmente combatidas pelo *La Protesta Humana*, tanto no intuito de alertar os trabalhadores europeus sobre a penosa realidade social de Buenos Aires, contrariando, assim, propagandas de incentivo à imigração e negando a imagem da Argentina como país acolhedor e de oportunidades, como demonstrado no primeiro capítulo; quanto com o propósito de conter os problemas oriundos da crise econômica que o país vivia, já sentidos por imigrantes famintos e sem oportunidades de trabalho.

Assim como demonstramos no primeiro capítulo, o anarquismo emerge a partir de implicações negativas deixadas pelo avanço da economia capitalista e formação dos Estados Modernos. Impactos sentidos, diretamente, pelos trabalhadores. Na Buenos Aires do começo do século XX, a fome aparecia como consequência direta da modernidade pretendida ao mesmo tempo que o problema populacional decorria, para o *La Protesta Humana*, por consequência das políticas de incentivo à imigração, construídas no intuito de atender o projeto capitalista. Em 4 de fevereiro de 1900, o *La Protesta Humana* apresenta, em sua segunda página, um pequeno trecho retirado do jornal *El País*: “*debemos convenir que no presenta esta ciudad signo alguno del malestar económico que pregona*”¹³⁹. A resposta dos anarquistas vem sequencialmente, sem a necessidade, dessa vez, de longos discursos doutrinários ou críticas direcionadas ao atual modelo de sociedade, mas a simples narrativa de acontecimentos contemporâneos torna-se suficiente para contrariar o que foi divulgado na imprensa burguesa:

¹³⁹ *La Protesta Humana*, 4 fev. 1900, p. 1.

El obrero Leon Bysatti de 34 años de edad se ha suicidado ayer en la calle Tacuari, 605. El suicida se clavó un puñal sumamente afilado en el vientre, revolví el arma dentro de la herida, destrozándose los intestinos, desesperado por no producirse la muerte hechó el puñal al suelo, tomó un machete y se dió en la cabeza. En las pocas palabras que pronunció Bysatti antes de morir, dijo que había resuelto suicidarse por POBREZA, por no poder sostener bien á su familia.¹⁴⁰

O texto segue apresentando outros casos de suicídio de trabalhadores, pontuando sempre, em letras maiúsculas ou em negrito, que a causa das mortes forçadas se deu por decorrência de miséria, falta de trabalho e fome. Um ano mais tarde, na edição de 7 de setembro de 1901, o periódico anarquista volta a publicar em suas páginas trechos retirados da *prensa burguesa* de Buenos Aires, apresentando-a como uma das responsáveis pelo problema populacional oriundo de intensos movimentos migratórios decorrentes de propagandas mentirosas a respeito das oportunidades de trabalho para europeus na capital argentina:

[...] que hasta hace poco pregonara á los cuatros vientos las tan decantadas floescencias de este país de la abundancia en el cual la emigración de otros pueblos menos afortunados encontrara ancho campo para enriquecerse¹⁴¹.

Assim, de acordo com a publicação, “*existen actualmente en esta capital, no menos de 20.000 obreros sin trabajo, ó con trabajo alternado*”¹⁴².

Tal realidade social opõe, para o *La Protesta Humana*, diferentes percepções a respeito das políticas de imigração e do imigrante. Por políticas de imigração, o jornal entende um aumento do problema populacional de Buenos Aires e, conseqüentemente, o aumento da fome entre os trabalhadores da capital. Para o anarquista e redator do periódico Felix Basterra, em 13 de maio de 1900:

[...] dijo hace meses La Prensa que en Buenos Aires habia 40.000 hombres sin ocupación, las estadísticas nos acusan mensualmente más de 4.000 inmigrantes (algo más llegaron en el mes de abril pasado); trimestralmente la oficina de colocación de inmigrantes nos da por colocado de 500 á 600. ¿Puede haber ó no hambres en la Argentina?¹⁴³

Logo, por conta desta conjuntura de fome e desemprego, o incentivo à imigração era especialmente combatido pelo jornal. Em 15 de março de 1902, após

¹⁴⁰ *La Protesta Humana*, 4 fev. 1900, p. 1-2.

¹⁴¹ *Id.*, 7 set. 1901, p. 2.

¹⁴² *Loc. cit.*

¹⁴³ *Id.*, 13 maio 1900, p. 1.

noticiar uma manifestação pública de trabalhadores por *pan y trabajo*, o jornal alerta que a miséria tende a aumentar, visto que “*indudablemente se impone el fomento de inmigración [...] que solo promete hambre a los infelices trabajadores*”¹⁴⁴. Ao final da mesma edição, o periódico convoca para uma importante reunião “*para iniciar una serie de trabajos contra la interesada propaganda inmigratoria*”¹⁴⁵. Sábado seguinte, na edição de número 167, o jornal noticia uma palestra de Gori, na Itália, em negação à propaganda migratória à capital argentina. Assim, de acordo com o jornal, parte do discurso de Gori foi obtido graças à comunicação entre o *La Protesta Humana*, que o traduziu, e os jornais italianos *L’Avvenire Sociale* e *Cafaro*. De acordo com a notícia, Gori argumentou, em Génova, que “*los salarios no son elevados como en Norte América, sobre todo por la concurrencia y la inconsecuencia del elemento obrero que á chorro continuo llega de Itália*”, porém, salienta também que percebe uma crescente no movimento ácrata da cidade, “*el proletariado consciente tiene ya en la Argentina y en las Repúblicas vecinas sus nacientes instituciones de mejoramiento y de resistencia, y el principio cooperativo como base de lucha economica*”¹⁴⁶.

Ademais, são identificados recorrentes textos procurando desmentir propagandas migratórias, portanto, afastando os trabalhadores europeus da Argentina através de alertas para “*los obreros europeos, habituados á la vida de la civilización, lo que les espera si fijan sus ojos en este país: la barbarie del capitalismo y la barbarie de la corrupción*”¹⁴⁷, e discursos que comemoravam a emigração da Argentina, tal como visto em 12 de setembro de 1903 quando, após apresentar um trecho do jornal *La Prensa* informando a intensa saída do país “*pero en su mayoría obreros, que aprovechan esa coyuntura (diminuição do preço das passagens) para abandonar esta República*”, finaliza com uma exclamação de “*¡Viva la emigración!*”¹⁴⁸. Além de textos que buscavam justificar o movimento emigratório por conta da brutalidade da Lei de Residência:

*[...] es ridículo pretender que que los extranjeros, despojados tan brutalmente de sus derechos, quieran exponerse á las persecuciones de la policía, á merced de la cual se hallan, y á la expulsión con que están continuamente amenazados, empeñándose dentro del país en una campaña semejante.*¹⁴⁹

¹⁴⁴ *La Protesta Humana*, 22 mar. 1902, p. 2

¹⁴⁵ *Id.*, 15 mar. 1902, p. 2.

¹⁴⁶ *Loc. cit.*

¹⁴⁷ *Id.*, 28 jun. 1902, p. 2.

¹⁴⁸ *Loc. cit.*

¹⁴⁹ *Id.*, 12 set. 1903, p. 2.

Assim, a aversão às políticas de imigração fica, de fato, evidente no texto “*Contra la Inmigración ¡Inmigrantes, emigrad!*”, de 31 de outubro de 1903, quando o periódico notícia, através de informações retiradas do *La Prensa*, que “*más de 2.000 inmigrantes se dirigen á esta República*”¹⁵⁰. Nesse sentido, o jornal ressalta a ilusão compartilhada por esses imigrantes em relação à vida na Argentina “*no saben qué clase de país es el que vienen á habitar y á buscar trabajo, no se dieron cuenta todavia que mejor hubiera sido para ellos ir en busca de trabajo al Africa ó a la India*”¹⁵¹.

Ao contrário do controle estatal ao movimento migratório, baseado em uma perspectiva de assegurar a integridade nacional ameaçada pela influência anarquista e internacionalista, as críticas impostas pelo *La Protesta Humana* às políticas de incentivo a imigração denunciavam a relação de tal movimento com a expansão da economia capitalista, isto é, o discurso anarquista via nessa movimentação uma certa aceitação dos trabalhadores às promessas estatais de enriquecimento próprio, quando deveriam, na verdade, organizar-se internacionalmente em combate a essa realidade. Logo, de acordo com a visão anarquista, a chegada de cada vez mais imigrantes em busca de trabalho no solo argentino representava, além do problema populacional, um aumento da influência capitalista. O que estava em denúncia não era, necessariamente, a imigração, mas suas causas e implicações para a realidade da classe trabalhadora argentina.

Quanto ao imigrante, o *La Protesta Humana* os representava como uma população oprimida em dois polos diferentes, um econômico e outro político. No econômico, a população imigrante enquadrava-se dentro de uma única classe trabalhadora, portanto, as semelhanças quanto à escassez ou carga exaustiva de trabalho, fome, carência de abrigo e condição de explorados, sobressaiam-se ao país de origem e não exigiam, do periódico, uma representação particular que não a condição de *obreros*. No campo político, a população estrangeira tomava uma representação particular do jornal por conta da particular forma em que eram oprimidos pelo Estado, isto é, vítimas diretas das leis de controle migratório e especificamente desprezados pelo governo argentino. Dessa forma, a partir de uma mesma condição social de imigrante no território argentino, identificamos pelo menos duas formas de representação que o *La Protesta Humana* criava ao tratar sobre o

¹⁵⁰ *La Protesta Humana*, 31 out. 1903, p. 2.

¹⁵¹ *Loc. cit.*

assunto: o estrangeiro enganado sobre as oportunidades de trabalho na Argentina; e o imigrante anarquista.

Em relação ao *imigrante enganado*, essa forma de representação construída pelo jornal aparecia, principalmente, em discursos narrativos quando o propósito do texto estava na formação de uma mesma consciência de classe e no direcionamento da frustração do leitor para o Estado. Nesse sentido, o *imigrante enganado* aparece como um exemplo teórico que conduz o texto ao mesmo tempo em que pretende dialogar com antigas expectativas e atuais descontentamentos do leitor em relação a sua vida em Buenos Aires. Por servir como elo entre a consciência dos leitores e o propósito doutrinário da publicação, o *imigrante enganado* não ganha, nesses discursos, uma apresentação detalhada: ele deve representar o próprio leitor. Assim, vemos exemplos desse tipo de representação do imigrante pelo jornal tanto em contos, como “*La Gesta de Luiggin*”, publicado em 12 de setembro de 1903, quando a personagem *Luiggin* é colocada como nova imigrante em Buenos Aires, esperançosa com as possibilidades na cidade:

*El que trabaja hace camino en este país: todo el mundo me lo ha dicho. Así pensaba Luiggin, el marido de la linda Marietta, al desembarcar en Buenos Aires por el antiguo muelle de pasajeros con pocas liras en el bolsillo y muchas ilusiones y esperanzas en la cabeza.*¹⁵²

Quanto em manifestos políticos, nos quais o *imigrante enganado* não toma forma em uma personagem claramente definida, mas aparece, indiretamente, conforme o discurso aponta o abandono do imigrante por parte do governo e da burguesia, tal como visto, por exemplo, em publicação de 6 de fevereiro de 1902, quando o jornal lembra os imigrantes europeus de suas expectativas em relação à nova vida na Argentina e coloca o Estado como principal culpado pela miséria da população: “*¿Es todo esto lo que la Argentina ofrece á los obreros que vienen o vendrán de Europa á cultivar los extensos terrenos de un país libre únicamente en los papeles mojados de la Constitución?*”; ou como visto no texto “*La Caridad y el Gobierno*”, de 09 de novembro de 1901, no qual o periódico noticia as dificuldades de uma família de imigrantes, “*séres valientes que confiados en la humanidad de los hombres arrostraron los peligros de internarse en un país que no conocían y cuyo idioma no hablaban para ver de conseguir su alimento diario*”, que, abandonada pelo

¹⁵² *La Protesta Humana*, 12 set. 1903, p. 2.

Estado, encontra socorro através de ação colaborativa dos demais trabalhadores “*La iniciativa privada socorrió a esos pobres mártires de la vida*” á esos míseros pero valerosos brazos dispuestos al trabajo que les niegan!¹⁵³.

Com uma abordagem diferente, o *imigrante anarquista* era retratado pelo periódico como vítima do controle de pensamento:

*Saben que su poder termina tan pronto como los hombres piensen con libertad, tan pronto como tengan conciencia de su fuerza, saben que la base de la autoridad es la ignorancia de la masa popular y como los anarquistas trabajan para esclarecer los espíritus, son, naturalmente, los peores enemigos de los autoritarios*¹⁵⁴.

Diferentemente do *imigrante enganado*, que servia como uma representação do leitor, a abordagem utilizada para referir-se aos abusos contra o anarquista destacavam o atraso intelectual entre as autoridades de Buenos Aires. Logo, além de noticiar casos de violência policial direcionada especificamente aos libertários, tais discursos exaltavam o anarquista como possuidor de uma razão moderna e evoluída, superior aos inúmeros inimigos da classe trabalhadora, isto é, os exploradores. Dessa forma, a agressão retratada não se limita aos homens e mulheres apresentados no discurso, mas, através do *La Protesta Humana*, tornam-se ataques à própria evolução da humanidade e, principalmente, à mentalidade emancipatória. Tratando sobre as crescentes medidas antianarquistas observadas na Europa, o periódico pontua que:

*Si los ideales pudieran encerrarse en un frasco, tiempo ha que viviríamos sin ellos, porque la tiranía lo habría hecho añicos. Pero la fuerza de una idea es tan poderosa, tiene tal expansión, que nada logra destruirla, ni por el fuego, ni por el plomo, ni por el cadalso: ahí está la historia probándolo en cada una de sus páginas. Cuando se la ha perseguido, so ha comprimido para estallar más tarde con mayor poder y glorificación. Como esto es un hecho constante sociológico, del cuál todo el mundo está ya convencido, no es menester más esfuerzo para evidenciar que esas grandes medidas represivas no interrumpirán un momento la marcha de los principios libertarios, y muy al contrario, adquirirán esa aureola majestuosa que envuelve á las ideas perseguidas y á los mártires sacrificados por el progreso humano.*¹⁵⁵

Ao mesmo tempo, percebe-se que os discursos referentes ao maltrato para com os anarquistas eram construídos através de comparações, ou seja, o anarquista era posto como o maior injustiçado na capital argentina, sendo então mais perseguido

¹⁵³ *La Protesta Humana*, 8 fev. 1902, p. 1.

¹⁵⁴ *Id.*, 10 nov. 1900, p. 3.

¹⁵⁵ *Id.*, 19 ago. 1900, p. 1.

que os “verdadeiros” criminosos em Buenos Aires. Assim, vemos em 12 de fevereiro de 1899, uma publicação noticiando que Andrés Camozzi, “*señalado como anarquista, arbitrariedad cometida ya anteriormente con otros compañeros que fueron obligados á volverse á Europa*”¹⁵⁶, foi impedido de desembarcar na capital. Sem entrar em muitos detalhes, a notícia apenas pontua que:

*Aqui pueden venir ladrones y asesino de toda especie, comentadores que han desvalizado los bancos, traficantes de carne humana, exploradores aventureiros sin entrañas y se les recibirá á son del Himno Nacional; pero que vengan trabajadores con convicción y conciencia es lo que no se tolera.*¹⁵⁷

Outro exemplo da especial aversão aos anarquistas em Buenos Aires, identificada pelo periódico, aparece em 28 de junho de 1902, quando o *La Protesta Humana* traz a notícia de que “*días atrás llego á este puerto un vapor cargado con mujeres mundandas*”¹⁵⁸. Assim, também sem entrar em muitos detalhes sobre o desembarque, o discurso aponta que “*las prostitutas no son malas ni peligrosas; ¡qué han de ser! las prostitutas, señores míos, no son anarquistas*”¹⁵⁹, portanto, foram recebidas no desembarque sem qualquer desavença, diferentemente do proceder para com aqueles realmente perigosos, exemplificados através de grandes intelectuais, anarquistas, como Piotr Kropotkin e o geógrafo Élisée Reclus¹⁶⁰.

Enquanto o anarquista era então retratado como alguém consciente de sua própria condição de oprimido, portanto, que luta para a transformação social; a Lei de Residência, ou “*Ley contra los extranjeros*”¹⁶¹, como apresentada pelo próprio jornal,¹⁶² aparecia como principal tentativa estatal para frear esse processo emancipatório protagonizado por anarquistas, isto é, por imigrantes conscientes alocados na capital da Argentina, como observado tanto em textos produzidos no intuito de dissertar sobre a Lei de Residência:

La sancón de una ley inícuca, como la de expulsión de extranejeros, ley draconica, cobarde y cruel, que pone en manos del poder policial la vida y la

¹⁵⁶ *La Protesta Humana*, 12 fev. 1899, p. 3.

¹⁵⁷ *Loc. cit.*

¹⁵⁸ *Id.*, 28 jun. 1902, p. 3.

¹⁵⁹ *Loc. cit.*

¹⁶⁰ Élisée Reclus (1830-1905) foi um geógrafo francês atuante durante a Comuna de Paris. Além de responsável pela revisão e edição de algumas obras de Bakunin, Reclus desenvolveu também parcerias com Kropotkin no campo da ciência e da política. Entre suas principais obras, destacamos *A Terra, A Nova Geografia Universal* e *O Homem e a Terra*.

¹⁶¹ *La Protesta Humana*, 21 mar. 1903. p. 3.

¹⁶² O jornal se refere à Lei de Residência, também, como *Ley de expulsion* ou *Ley Cané*.

*hacienda de hombres consciente y altivos que luchan para obtener un alivio en su vida agria de explotados [...].*¹⁶³

Quanto em discursos noticiando nova deportação: “*otra víctima de la infame ley de expulsión dictada á fines de Noviembre con la sana intención de exterminar á los hombres de carácter y de empotrar á los obreros extranjeros*”¹⁶⁴. Ao mesmo tempo, o restante da população, omissa quanto à condição dos anarquistas na Argentina, era representada pelo periódico como cúmplice do estado de opressão visto em Buenos Aires: “*Y es cuando esa juventud tolera la injusticia, tolera el abuso, tolera la infamia, todo está muerto sin duda, y el pueblo no existe*”¹⁶⁵; gerando críticas pontuais, também, aos rivais socialistas em duas diferentes publicações no exemplar de número 201, quando o *La Protesta Humana* informa em sua primeira página que

[...] uno de los últimos número del órgano oficial del Partido Socialista Argentino, delata á una persona como autora del manifiesto de la Federación Obrera sindicandola á la policía para que le aplique la ley de residencia,

reforçando a crítica aos socialistas em “*La Obra de... ellos*”:

*Sabíamos ya, por experiencia que los legalistarios, sin reparar en medios, hubieran hecho cualquier villanía con tal de hacernos mal; sabíamos ya que en cualquier ocasión, para llegar á fines tan miserables, se unirían a los burgueses para vejarnos, insultarnos ó perseguirnos, pero, para comprobar todo eso, nos hacía falta la ocasión, y la ocasión ha llegado. La obra de los socialistas ha sido de lo más infame, de lo más villana que pueda darse.*¹⁶⁶

Nesse sentido, através da difamação da proposta socialista pelo discurso anarquista, conclui-se que os imigrantes apareciam, para o *La Protesta Humana*, também como uma massa a ser persuadida, isto é, atraída para o anarquismo à medida que ambas as correntes, o anarquismo e o socialismo legalitário, competiam pela captação do imigrante. Em relação ao combate protagonizado pelo *La Protesta Humana* contra a proposta socialista, identificamos, principalmente, discursos de negação à prática do voto:¹⁶⁷

¹⁶³ *La Protesta Humana*, 14 mar. 1903, p. 4.

¹⁶⁴ *Id.*, 27 jun. 1903, p. 2.

¹⁶⁵ *Id.*, 31 jan. 1903, p. 1.

¹⁶⁶ *Loc. cit.*

¹⁶⁷ Outros textos referentes à ilusão representada pelo sufrágio, em relação a uma melhora da condição social, foram identificados em edições de número 88, 143, 148, 165, 182 e 223.

[...] á ese pueblo dócil que no obstante haber sufrido infinitas decepciones de ese medio de lucha” que se llama sufragio universal, todavía sigue esperando pacientemente y cree aún que los delegados por él elegidos podrán hacer algo de bueno, que redunde en beneficio de su clase¹⁶⁸.

Reforçados ainda por crítica pontuais ao Estado¹⁶⁹:

Si el Estado pasase á manos de la clase obrera, aún cuando fuese accidentalmente, como pretende Cárlos Marx, nunca dejaría de ser la personificación del privilegio en los que lo manogasen, por que al ampliar su radio de acción como también sus libertades, hace accesible á la burguesía el gobierno¹⁷⁰.

E discursos que, conceitualmente, procuravam apresentar as diferenças entre o anarquismo e o socialismo¹⁷¹:

El socialismo moderno dividese principalmente en dos fracciones que difieren en la táctica y en los medios para la realización del ideal. Conócese una fracción en el nombre de Socialismo autoritario ó legalitarios, y la otra llamáse Socialismo libertário ó anarquista. Las doctrinas de Carlos Marx [...] Se el proletariado quiere emanciparse dek denigrante yago que sobre él pesa, debe organizarse independiente como partido de clase, francamente enemigo del actual modo de ser de lo sociedad y opuesto á los demás partido burgueses. Constituido el proletariado en partido de clase dispuesto á la lucha, su primer objeto será apoderarse del poder político. [...] El socialismo libertário, iniciado por Proudhon y desarrollado por Bakounin, pretende la realización del ideal socialista por medios directos, francamente revolucionarios, sin admitir la lucha política, que cree inmoral y enervante, y sin recurrir á la intermediación de un Estado obrero que consideran prejudicial y peligroso.¹⁷²

Em concordância com historiadores como Maurício Knevitz (2021) e Juan Suriano (1997), que atribuem o sucesso do anarquismo entre a classe trabalhadora bonaerense a sua proposta internacionalista, interessante então à enorme heterogeneidade nacional da população, destacamos ainda que a crítica à dominação, pilar fundamental do anarquismo, como demonstrado no primeiro momento da dissertação, definiu a hegemonia da doutrina entre a população imigrante residente na capital do país, isto é, foi especialmente atrativa para estrangeiros oprimidos pela escassez de oportunidades de trabalho ou exaustivas jornadas de serviço, mazelas próprias da crescente economia capitalista; e, como continuamente apontado pelo *La*

¹⁶⁸ *La Protesta Humana*, 15 out. 1899, p. 2.

¹⁶⁹ Outros textos criticando especificamente a confiança dos socialistas no Estado aparecem em edições de número 67,108, 195, 200 e 206.

¹⁷⁰ *La Protesta Humana*, 26 jan. 1901, p. 1.

¹⁷¹ Outros textos fazendo uma comparação entre as propostas anarquistas e socialistas foram identificados em exemplares de número 58, 110, 118, 173, 179 e 184.

¹⁷² *La Protesta Humana*, 18 out. 1902, p. 1.

Protesta Humana, proibidos de exercer seu livre pensamento, estando sujeitos a deportações caso manifestem sua insatisfação com o excludente Estado argentino.

4.2 OS DEPORTADOS E OS QUE PERMANECEM

Analisando a relação entre o anarquismo e as políticas de deportação do início do século XX, Eduardo Domenech (2015) concluí que determinadas construções políticas e sociais de grupos ou ideias taxados pelo Estado como criminosos aparecem como justificativa básica para a criação de leis direcionadas ao controle migratório, assim, demonstra que o anarquista aparecia como principal exemplo de um imigrante indesejado:

Mi interés particular en los anarquistas dentro del amplio y heterogéneo colectivo de extranjeros “indeseables” radica en una de sus singularidades: a diferencia de otros excluibles/excluidos de la época, los anarquistas de finales del siglo XIX y comienzos del XX fueron portadores y productores de una ideología anticapitalista que desafiaba al Estado nacional, las fronteras políticas y el ordenamiento jurídico y conllevó una denuncia particular de la violencia de Estado, erigida como legítima. Esto los constituyó en uno de los grupos sociales que mayormente fueron objeto de persecución, detención y deportación en el pliegue del siglo XIX y XX (Domenech, 2015, p. 170).

Em Buenos Aires, a vasta presença de imigrantes ligados ao movimento anarquista reforça ainda mais a necessidade capitalista em controlar a entrada e executar a expulsão de determinados estrangeiros do território nacional, entretanto, Domenech demonstra que o temor e a repressão específica a “estrangeiros criminosos” não se restringiu somente à conjuntura argentina, mas acompanhou a realidade de diversos países sul-americanos após seus respectivos processos de independência política, como na Colômbia¹⁷³ e no Equador¹⁷⁴; além de exemplos também nos casos da Itália, com a *Conferência de Roma para la Defensa Social*

¹⁷³ “En Colombia, por su parte, durante los dos últimos decenios del siglo, con la llegada de proletarios europeos, especialmente italianos, y su instalación en el país, se extendió el miedo a la subversión política y social, restringiéndose la preferencia por la inmigración “latina”, delineada en la década anterior, a la inmigración española” (Domenech, 2015, p. 173).

¹⁷⁴ “En Ecuador, por ejemplo, la figura de la expulsión, utilizada a partir de 1837, estuvo asociada en sus inicios a la pena de destierro o confinamiento en lugares inhóspitos del país y era aplicada a personas que hubieren cometido delitos políticos fundamentalmente. Con la Constitución de 1869, las prácticas de ‘extrañamiento’ se extendieron y fueron fundadas en razones de seguridad interior o exterior del Estado. Por otro lado, la ley de extranjería de 1886 determinaba que los extranjeros podían ser ‘expelidos’ del territorio cuando participaran en disensiones civiles o cuando cometieran actos perniciosos para la moral y las ‘buenas costumbres’” (Domenech, 2015, p. 173).

contra el anarquismo¹⁷⁵, em 1898, definida pelo autor como “uno de los primeros intentos gubernamentales de alcance continental por contener el avance del movimiento anarquista”¹⁷⁶, e noticiado por meio do *La Protesta Humana* como “unos 20 selvajes enguantados y perfumados que representan otras tantas naciones para acordar medida internacionales contra el anarquismo”¹⁷⁷;¹⁷⁸ e nos Estados Unidos, por meio de tratado com países sul-americanos entre dezembro de 1901 e janeiro de 1902, quando, através da *Segunda Conferência Panamericana*, uniformiza os códigos penais contra o anarquismo:

El tratado resultante, firmado por Estados Unidos y la mayoría de los países latinoamericanos, entre ellos la Argentina, formó parte de una iniciativa conjunta de cooperación para enfrentar al anarquismo a nivel regional. Pero no solo se trataba de un temor a la propagación de una ideología política que atentaba contra el Estado y sus leyes, favorecida por la existencia de redes transnacionales anarquistas. Un breve estudio preliminar de este tratado sugiere que esta pretendida cooperación entre países se debió también a los cambios que algunos de ellos, en especial Estados Unidos, buscaron imprimirle a la Unión de Repúblicas Americanas. En la Primera Conferencia Panamericana, realizada en 1889, ya se había acordado avanzar en un derecho penal americano con el objeto de conseguir la integración de sus códigos penales (Domenech, 2015, p. 178).

Ao final do século XIX, a proibição de desembarque no país e a imediata prisão de anarquistas já era uma realidade vivida por estrangeiros ligados ao movimento libertário mesmo sem leis direcionadas especificamente para combater o anarquismo e controlar o fluxo migratório na Argentina, argumento este amplamente utilizado pelo *La Protesta Humana* para expor a injustiça praticada contra os anarquistas em Buenos Aires. Como prometido pelo jornal, a edição de número 22 do *La Protesta Humana* aborda com mais detalhes a prisão do anarquista Francisco Ros logo após seu desembarque na capital do país. O texto “*Otro Calvário*”, título em referência à crucificação de Jesus, portanto, deixando claro que pretende tratar sobre outro caso de violência e injustiça, aparece no centro da terceira página do *La Protesta Humana*.

¹⁷⁵ “Organizada por iniciativa del gobierno italiano a partir de ciertas presiones de Estados vecinos. Este evento propició que, algunos años más tarde, diez países europeos firmaran el Protocolo de San Petersburgo (1904), un acuerdo policial antianarquista, que especificó, entre otras medidas, los modos de ejecutar la expulsión. A pesar de los intentos, el evento en Italia – que reunió 54 delegados de 21 países, entre los cuales predominaron funcionarios de policía y juristas – no produjo una definición penal del anarquismo ni una tipificación del “delito anarquista” (Domenech, 2015, p. 177).

¹⁷⁶ *La Protesta Humana*, 4 dez. 1898, p. 1.

¹⁷⁷ *Loc. cit.*

¹⁷⁸ *Loc. cit.*

Francisco Ros é apresentado desta vez como um honrado trabalhador catalão que já havia sido preso com outros 400 trabalhadores pela “*inmunda policía barcelonesa*”¹⁷⁹.

Ao tratar Ros como honrado, o adjetivo já contesta a criminalidade do acusado, portanto, a injustiça de sua prisão. Porém, antes de tratar sobre sua detenção no desembarque em Buenos Aires, o jornal apresenta uma narrativa do sofrimento do anarquista em Barcelona, onde ficou encarcerado sem julgamento por 17 meses, vivendo um período de “*hambre, de miserias, de angústias morales y materiales... Hay para volverse loco*”¹⁸⁰. A narração do sofrimento de Ros revela uma tentativa por parte do jornal em fazer com que o leitor crie um vínculo de solidariedade com o libertário, assim como um sentimento de ódio contra injustiças praticadas pelo governo e pela polícia.

Sequencialmente, o leitor se depara com um pequeno parágrafo escrito em negrito: “*el por que de esta agonía de tantos meses?*” A resposta vem imediatamente: “*Uma simples sospecha de ser anarquista*”¹⁸¹. O negrito destaca a perseguição sofrida exclusivamente por anarquistas e serve, justamente, para denunciar as razões do encarceramento.

Apesar de não haver uma conversa com Francisco Ros, a notícia afirma que o período em que esteve preso serviu para que pudesse meditar sobre o que significava viver em um regime monárquico, levando-o então a tentar uma nova vida na República que, teoricamente, seria mais acolhedora; no entanto, “*esta Argentina que no niega asilo à ladrones y asesinos, pero que cierra sus portas a trabajadores anarquistas que ningún delito han cometido*”¹⁸².

Também em 1898, o discurso *Y Van Tres*, de 17 de abril, informa que novamente a polícia marítima impediu o desembarque de imigrantes identificados como anarquistas pela polícia europeia. Assim, comenta que “*los temibles anarquistas*”¹⁸³ eram trabalhadores espanhóis expulsos de seu país por conta da *Ley de Sospechosos*, do governo de Cánovas del Castillo, governador da Espanha assassinado em 1897 pelo anarquista italiano Michele Angiolillo, que, mesmo suspensa, deportou os *obreros* após meses de prisão. De acordo com o *La Protesta Humana*, os três homens vinham para a Argentina por acreditar que nesse país

¹⁷⁹ *La Protesta Humana*, 9 jan. 1898, p. 3.

¹⁸⁰ *Loc. cit.*

¹⁸¹ *Loc. cit.*

¹⁸² *Loc. cit.*

¹⁸³ *Id.*, 17 abr. 1898, p. 1.

podiam trabalhar, “*ganharse honradamente el sustento sin ser molestados por nadie*”¹⁸⁴, entretanto, mesmo antes do desembarque, foram encaminhados novamente para a Europa.

Após a narração do ocorrido, a reportagem passa para uma escrita interrogativa, questionando, primeiramente, o Ministro do Interior, responsável por tais deportações, sobre em qual lei tais ações estavam se apoiando, ao mesmo tempo, em tom provocativo, questionam como

*[...] se atreve el Ministro del Interior á desmentir aquella de que la República Argentina es la tierra hospitalaria, frase estereotipada en la mollera de los que cantan con lira destemperada las tradicionales libertades de este país*¹⁸⁵.

Assim como na notícia sobre o caso de Francisco Ros, que finaliza com a máxima: “*Las leys prohiben pensar anárquicamente? No!*”¹⁸⁶, o discurso em questão demonstra a injustiça em ambos os casos através do argumento da não existência de aparatos legais por trás de tais ações. De fato, ao final do século XIX, apesar de alguns casos de deportações ou prisões de imigrantes anarquistas, a falta de uma legislação voltada propriamente para a contenção desses libertários possibilitava que, em pouco tempo, voltassem a fomentar a propaganda anarquista nas ruas de Buenos Aires, como visto na edição de 15 de abril de 1899 quando, através de um discurso intitulado “*Liberación*” o *La Protesta Humana* comemora a liberdade de Fermin Galocha, quem havia sido “*condenado à 12 años de presidio por supuesta complicación en la sublevación anarquista*”¹⁸⁷, mas que voltava para casa após pouco tempo de cárcere; ou como narrado por Vicente Delucca, que teve sua carta publicada na terceira página da edição de 12 de fevereiro de 1899, contando que foi detido pela polícia bonaerense enquanto entregava manifestos “*por los cuales invitaba á los trabajadores del puerto á una reunión para tratar asuntos referentes al gremio*”, porém, foi posto em liberdade após 24 horas “*en un calabozo*”¹⁸⁸.

O senador Miguel Cané percebe essa deficiência da legislação argentina e, não acreditando que qualquer medida legislativa seja capaz de conter o perigo iminente do anarquismo, afirma que a expulsão é o único meio realmente eficaz para garantir

¹⁸⁴ *La Protesta Humana*, 17 abr. 1898, p. 1.

¹⁸⁵ *Loc. cit.*

¹⁸⁶ *Loc. cit.*

¹⁸⁷ *Id.*, 15 abr. 1899, p. 3.

¹⁸⁸ *Loc. cit.*

a ordem social. Nesse sentido, crê que a responsabilidade de agir sobre os estrangeiros deve partir exclusivamente do Poder Executivo, isto é, de acordo com o senador, uma vez que não há, na Argentina, qualquer controle sobre a entrada de imigrantes, diferentemente de outros países onde o estrangeiro recebe do Estado uma permissão para fixar-se no território, a mediação do judiciário, nesse processo, implicaria na possibilidade de o estrangeiro proteger-se das acusações, como de fato acontecia. Entretanto, visto que o projeto baseia-se em uma demanda de segurança nacional, Cané (1899) acredita que a atuação soberana do Executivo ao estrangeiro impossibilitaria qualquer garantia para o imigrante-criminoso.

Por mi parte, después de mucha reflexión y de alguna vacilación, me he resuelto, en el proyecto de ley que he tenido el honor de presentar, por conferir única y exclusivamente al P.E. la facultad de expulsión del extranjero. He creído que era esa la única manera de hacer eficaz la medida. Por otra parte, las legislaciones extranjeras que conceden á los individuos alcanzados por un decreto de expulsión, el derecho de apelar ante los jueces, (muy raras, como se verá) hacen la distinción entre el extranjero domiciliado, esto es, con permiso otorgado por la autoridad para fijarse en el territorio - y el que no lo es. Sólo á los primeros es concedido, algunas veces, el recurso. Pero entre nosotros no es posible hacer esa distinción, estando nuestro país abierto sin restricción al extranjero, al que no se exige declaración de voluntad previa de ningún género, ni aun la mera inscripción policial (Cané, 1899, p. 17).

O projeto de Cané aparece pela primeira vez no *La Protesta Humana* sem grande destaque. Em 25 de junho de 1899, Gregorio Inglán pontua uma série de acontecimentos cotidianos de Buenos Aires através de uma pequena lista intitulada “*Crónica de la quincena*”. Assim, entre “*obreros sin trabajo*” e “*suicidios por miseria*”, o discurso informa ao leitor sobre “*proyectos liberticidas para impedir la entrada al país y expulsar á los extranjero peligrosos – Senador Cané que lo importa de Europa á falta de mejores productos*”¹⁸⁹. Poucos meses mais tarde, Cané volta aparecer sem grande relevância em “*Del Natural*”, texto produzido por Gilmón e publicado em 3 de setembro de 1899, alertando apenas que “*tenemos el proyecto Cané corregido y aumentado por varios senadores, gracias al cual los extranjeros peligrosos no tendrán entrada en la tierra de la libertad*”¹⁹⁰. Porém, é em 5 de agosto de 1900 que a preocupação em relação ao projeto de Cané manifesta-se, de fato, pelo *La Protesta Humana*. Publicado inteiramente em negrito, o texto “*¡Alerta, Anarquistas!*” informa que “*Sábado pasado se leyó en el Senado un mensaje del poder ejecutivo*

¹⁸⁹ *La Protesta Humana*, 25 jun. 1899, p. 2.

¹⁹⁰ *Id.*, 3 set. 1899, p. 2.

*acompañado un proyecto de ley reglamentando el derecho que la constitución acuerda á los extranjeros para entrar, permanecer o salir de la república*¹⁹¹. De caráter mais informativo que doutrinário, a notícia em questão apresenta aos leitores quais as circunstâncias previstas pelo projeto que implicariam na proibição de entrada ao país, tais como:

[...] haber tomado parte en asonadas ó acontecimientos anarquistas en su propio país ó en cualquier otro, estar afiliado a alguna de las sociedades secretas de anarquistas, ó conocidas ó tenidas con este carácter, haber sido condenado por ataques contra la propiedad y las personas [...] (Cané, 1899, p. 17).

Posteriormente, na edição de 18 de outubro de 1902, poucas semanas antes do decreto da Lei de Residência e o consequente encerramento prévio das publicações do jornal, o *La Protesta Humana* volta a falar sobre o perigo representado pelo projeto de expulsão dos estrangeiros. Dessa vez, o argumento contrário a tal controle migratório explana a opressão direcionada ao trabalhador faminto, e não especificamente ao anarquista como nos demais discursos apresentados. Assim, a publicação de “*Contra la clemencia de los pueblos*” inaugura a segunda página do exemplar por meio da narração de uma história fictícia de “*un chicuelo en medio del arroyo sin pan, sin comida*” que, tomado pela fome, “*se atreve; agazápase en el quicio de la puerta, mira el reajo, dá un salto, roba un pan y huye*”, sendo, sequencialmente, capturado pela polícia e deportado do país¹⁹².

Assim, antes do decreto da Lei de Residência, nota-se uma preocupação do periódico a respeito da hostilidade para com os anarquistas bonaerenses, isto é, uma aversão não tanto ao imigrante europeu ou aos estrangeiros em geral, mas especificamente aos anarquistas em atuação, denunciando então casos de policiais infiltrados em grupos anarquistas, registrados, por exemplo¹⁹³, em exemplar de 26 de janeiro de 1901, quando a foto de Aquiles De-Santis aparece na primeira página do exemplar seguida por um pequeno texto alertando os leitores que o homem que “se

¹⁹¹ *La Protesta Humana*, 5 ago. 1900, p. 3.

¹⁹² *Id.*, 18 out. 1902, p. 2.

¹⁹³ Além da publicação sobre o espião Aquiles De-Santis, foram identificados textos alertando sobre novos infiltrados em grupos anarquistas em exemplares de número 134, quando é noticiada a descoberta de policiais infiltrados em grupos anarquistas dos Estados Unidos: “*un nuevo espía al servicio del consulado italiano*” (*Id.*, 3 ago. 1899, p. 2); e 176, quando a foto de Rafael Molinelli é seguida de uma pequena descrição: “*es alto, flaco, ojos claros, rubio, cara de idiota*” e um aviso: “*espía y delator descubierto por nuestros compañeros de Bahía Blanca*” (*Id.*, 31 maio 1902, p. 3).

decía amigo íntimo de Malatesta y de outros conocidos compañeros” era na verdade um “*espía del gobierno italiano y confidente de la policia argentina*”, informação confirmada por “*pequeño grupo de compañeros, observando el proceder algo irregular de este vegestorio*”¹⁹⁴; casos de demissões de trabalhadores identificados como anarquistas, como em 16 de fevereiro de 1901, quando o periódico noticia em sua última página que “*El dueño de la cigarrería y fábrica de tabacos La Imperial, Juan Bertolotti despidió la semana pasada al obrero de la misma Francisco Martín, por profesar ideas anarquistas*”¹⁹⁵, e 23 de março de 1901, quando é noticiado que pelo menos quatro trabalhadores anarquistas foram despedidos da fábrica de cigarros *La Protectora* por professar sua doutrina, ao mesmo tempo em que o periódico convoca os trabalhadores para um boicote contra Silvestre Costa, proprietário da fábrica: “*Nosotros pedimos á los compañeros del mismo oficio de esa ciudad no acepten trabajo de Costa [...] la solidaridad entre trabajadores nos obliga á hacer este pedido y todo explotado debe proceder así*”¹⁹⁶; e propagandas antianarquismo vistas em demais jornais argentinos, como em trecho retirado do periódico *La República* e publicado pelo *La Protesta Humana* em 19 de janeiro de 1901, noticiando uma visitação à *Casa del Pueblo* a fim de conhecer a doutrina anarquista, concluindo que

[...] hemos podido convencernos que es un mal que se va arraigando en nuestra tierra y que si la autoridad encargada de corregirla no procede con mano firme dará sus frutos bien pronto que transtornará nuestro orden social¹⁹⁷.

Ou como visto em 22 de junho de 1901, quando o *La Protesta Humana* responde a acusações do jornal *La Nación* a respeito de formações de *complots* anarquistas em Buenos Aires; além de casos de violências policiais, como já abordado anteriormente.

Ao final de 1902, a Argentina era palco de inúmeras greves e intensas manifestações trabalhistas. Como resposta estatal às manifestações operárias, em 22 de novembro de 1902, baseada no projeto de Cané, é decretada a Lei n. 1.444, ou Lei de Residência, obrigando o encerramento das atividades do *La Protesta Humana* por dois meses. A principal diferença entre o projeto pensado por Cané e o que foi

¹⁹⁴ *La Protesta Humana*, 26 jan. 1901, p. 1.

¹⁹⁵ *Id.*, 16 fev. 1901, p. 4.

¹⁹⁶ *Id.*, 23 mar. 1901, p. 2.

¹⁹⁷ *Id.*, 19 jan. 1901, p. 3.

aprovado pelo governo diz respeito aos critérios de residência e permanência. Entretanto, ambos têm a questão do controle das práticas anarquistas como sua principal meta.

El proyecto del gobierno adoptaba un criterio de “residencia” o de “permanencia”, que el de Cané desconocía, y proponía un uso más acotado de la expulsión. El capítulo I habilitaba al poder ejecutivo a prohibir la entrada a aquellos extranjeros que reunieran alguna de las condiciones estipuladas. Entre ellas, se hacía mención al anarquismo: la participación en “asonadas ó sucesos anarquistas en supropio país, ó en cualquier otro” y la afiliación a alguna de “las sociedades secretas tenidas por anarquistas” estaban contempladas entre los impedimentos al ingreso. El capítulo II, relacionado con la residencia de los extranjeros, otorgaba a los inmigrantes la posibilidad de no ser expulsados del país después de dos años de residencia en caso de que cumplieran con alguno de los requisitos establecidos en el proyecto de ley como, por ejemplo, el desempeño en alguna actividad laboral de carácter comercial, industrial, científico, profesional o artístico. Finalmente, el capítulo III, que disponía sobre la expulsión de los extranjeros, fijaba una relación directa entre delito, peligrosidad y expulsión. De acuerdo al proyecto de ley, el presidente quedaba facultado para expulsar del territorio nacional a los extranjeros que hubieran sido condenados con pena de cárcel o reincidieran en la comisión de un delito contra la propiedad. Para los extranjeros que “se hiciesen peligrosos”, el proyecto proponía dos nuevas categorías que combinaban un destierro interno y externo: podían ser “removidos” o “expulsados”. También determinaba que “en ningún caso la ley sería aplicable personalmente á mujeres”, no obstante, los extranjeros expulsados podían “exigir que sus esposas é hijos menores los acompañasen á salir del territorio” (Domenech, 2015, p.182-183).

Com o retorno das atividades do *La Protesta Humana* após dois meses de estagnação, desde o decreto da Lei de Residência, além de mudanças na direção do jornal, agora administrado por Alcides Valenzuela, nota-se alterações no próprio conteúdo de seus textos. Olhando para os exemplares de 1903, ao menos 69 cartas foram identificadas no ano, representando mais que o dobro das 26 correspondências encontradas no ano anterior. Entre cartas publicadas no jornal, encontram-se atualizações sobre companheiros deportados pela nova lei em vigor, como os relatos de Francisco Berri, publicado pela primeira vez em 18 de abril de 1903, quando Berri agradece o trabalho exercido por companheiros em movimento por sua liberdade: “*por mi parte no hago más que aplaudir la actitud asumida por el gremio de panaderos y apoyada por los demás trabajadores concientes*”¹⁹⁸, traz detalhes sobre seu julgamento em 1 de agosto de 1903: “*tanto la policía como el juez de instrucción emplearon medios ilegales, buscaron testigos falsos, inventaron acusaciones,*

¹⁹⁸ *La Protesta Humana*, 18 abr. 1903, p. 4.

*acumularon pruebas infundadas*¹⁹⁹ e comemora sua liberdade em 1 de agosto de 1903, “*Y no se diga que los jueces han obrado con justicia con ponerme á mi y á mis compañeros en libertad, no; porque para hacernos justicia sería necesario hacer un nuevo proceso*”²⁰⁰; ou o relato do deportado Juan B. Calvo González, que, de Barcelona, escreve que “*No sanciones con tu silencio los crímenes de noviembre, levántate de esa postración, que aún hay remedio para los males que nos afligen, para quebrantar la tiranía que nos oprime*”²⁰¹; além de cartas de familiares buscando informações sobre entes desaparecidos, como visto em carta de Carlos Gualberti, por onde “*se desea saber el paradero de Julio Gualberti, de 16 años, que trabajaba como panadero en esta capital*”²⁰² ou pedindo auxílio para os familiares que permaneceram em Buenos Aires, visto em carta²⁰³ “*que no envía la compañera de Navarro, deportado á Espanha*”, por onde pede “*os ruego, compañeros, que hagáis algo en favor de estas cinco creaturas, pues no se encuentra trabajo de ninguna clase y ya supondréis la causa: ‘por peligrosos’*”²⁰⁴.

Ademais, percebe-se uma diminuição no número de convocatórias para greves e reuniões trabalhistas que, como posto anteriormente, apresentavam uma crescente. Enquanto 117 convocatórias foram identificadas em 1902, apenas 80 apareceram nos exemplares de 1903. De acordo com o texto “*La Ley de Expulsión*”, publicado pelo *La Protesta Humana* em 28 de março de 1903, o decreto da Lei de Residência aparece, principalmente, como resposta do governo diante dos levantes trabalhistas do ano anterior: “*lograron sufocar aquellas manifestaciones de protesta con que el proletariado argentino comenzaba á revelar su enorme potencialidad, pero no por eso se extinguieron los gérmenes de la rebelión*”²⁰⁵. Apesar de manifestar que tal movimento combativo e internacionalista não pode ser freado a partir de deportações:

[...] nos deportaron á Europa en la creencia de que nos sería imposible volver á reunirnos con nuestros hijos y compañeras. Pero de nada sirvieron las tramas que los esbirros urdieron contra nosotros. Los que como yo, hemos preferido dejar á nuestras familias para no exponerlas al peligro y al desprecio

¹⁹⁹ *La Protesta Humana*, 18 abr. 1903, p. 4.

²⁰⁰ *Loc. cit.*

²⁰¹ *Loc. cit.*

²⁰² *Loc. cit.*

²⁰³ Ao final da última página do exemplar de 20 de setembro de 1903, Felisa, a companheira do anarquista deportado Navarro, volta a aparecer no jornal. Dessa vez, o periódico informa estar recebendo doações a favor de Felisa e seus filhos.

²⁰⁴ *Id.*, 9 maio 1903, p. 4.

²⁰⁵ *Id.*, 28 mar. 1903, p. 1.

*con que siempre acecha la ignorancia, nos encontramos de nuevo á su lado.*²⁰⁶

Enquanto o fomento de uma consciência de classe em perspectiva revolucionária e internacionalista gerava preocupações ao Estado argentino em relação a influência doutrinária do anarquismo, episódios de violências individuais contra figuras de autoridade definiam o anarquismo como doutrina terrorista em diferentes partes do globo.

4.3 ANARQUISTAS PELIGROSOS

No primeiro capítulo, através dos exemplos de Bakunin, Kropotkin, Malatesta e Goldman, sintetizamos as principais estratégias de luta utilizadas por uma corrente do anarquismo definida como societária, organizativa ou de massa, que defende a necessidade de uma organização trabalhista direcionada à revolução social por meio de graduais reformas populares e através do fomento da propaganda libertária. No entanto, enquanto o anarquismo se define por uma base política e ideológica bem definida, diferentes estratégias voltadas para um mesmo fim representam variedades de correntes dentro dessa mesma doutrina. Opostos à necessidade de uma organização burocrática e críticos à eficácia de reformas pontuais, a corrente insurrecionalista do anarquismo, também classificada como individualista ou antiorganizativa, acredita que a ação violenta contra os opressores aparece como caminho mais vantajoso para a revolução pretendida pelo anarquismo e a consequente construção de uma nova sociedade.

[...] os insurrecionalistas acreditam que o anarquismo não deve ser difundido por palavras ou escritos, mas, principalmente, por fatos, sendo estes compreendidos como atos de violência contra capitalistas/burgueses e membros do Estado, tomando corpo em assassinato, atentados à bomba e insurreições – neste último caso, sem bases populares organizadas de antemão ou mesmo vinculadas às ações. Eles consideram que os atos individuais de violência servem como vingança, mas, principalmente, que podem funcionar como um gatilho para influenciar trabalhadores e camponeses a aderir, a partir deles, a movimentos insurrecionais e revoltas populares, capazes de levar a cabo a revolução social (Corrêa, 2022, p. 286).

²⁰⁶ *La Protesta Humana*, 28 mar. 1903, p. 1.

Knevitz (2021) enxerga um predomínio da corrente insurrecionalista no anarquismo bonaerense durante a última década do século XIX, após o retorno de Malatesta para a Europa, em 1889, em um momento em que a crise econômico-financeira da Argentina começava a ser sentida com mais gravidade pela classe trabalhadora local. De acordo com o historiador, a corrente insurrecionalista de Buenos Aires era composta, principalmente, por anarquistas espanhóis dissidentes da *Federación de Trabajadores de la Región Española* (FTRE) que, a exemplo dos opositores ao sindicalismo na Espanha, formaram, na Argentina, o grupo “*Los Desheredados*” e, posteriormente, criaram o periódico *El Perseguido*, principal meio de propaganda anarquista do contexto.

Estes militantes, eram figuras bastante ativas no movimento anarquista daquele período. As prisões e deportações iniciadas em 1893 foram um golpe duro para os antiorganizadores, que ainda naquele ano tiveram de lidar com a morte de dois de seus militantes mais importantes, Rafael Roca e Luigi Gervasini. Ambos morreram jovens e em um intervalo de poucos meses de diferença. E, aos poucos, o movimento operário dava sinais de recuperação. A oposição que os antiorganizadores faziam às greves e sociedades de resistência os deixavam em uma situação difícil frente ao desenvolvimento de novas agitações trabalhistas (Knevitz, 2021, p. 30-31).

Nesse sentido, os insurrecionalistas apontam a possibilidade de tiranos formados a partir da criação de organizações trabalhistas reformistas, colocando-se, portanto, contrários a sindicatos “considerados um movimento que tende à burocratização e à busca exclusiva dos ganhos de curto prazo, por esse motivo, um perigo ao anarquismo” (Corrêa, 2022, p. 286). Para o *La Protesta Humana*, principal periódico da corrente organizativa do anarquismo bonaerense:

*La unidad no es la tiranía. Concebir la unidad sin la variedad es como concebir al hombre sin sus múltiples y diferentes órganos y substancias. los anti-organizadores frecuentemente adolecen de esta aberración de la inteligencia: allí donde ven una vasta distribución de funciones, admiten como forzosos que ha de coexistir, con ellas, la autoridad, la tiranía.*²⁰⁷

Ademais, repetindo o argumento da desnaturalidade representada por realidades distantes da ideologia anarquista, tese amplamente utilizada pelo jornal a respeito da sociedade contemporânea, como demonstrado anteriormente, nota-se que o *La Protesta Humana* ataca justamente a individualidade defendida pelos

²⁰⁷ *La Protesta Humana*, 1 dez. 1900. p. 2.

insurrecionalistas, entendida então como contrária aos demais exemplos da vida natural:

*Y tuviesen ó no razón contra tales ó cuales organizaciones. dejarían el absurdo de llamarse anti-organizadores, porque ello está fuera de la naturaleza, ni la sociedad libre que todos queremos podría sustituir sin organización, porque sociedad y desorganización ó anti-organización son términos que se repelen, pues sin organización no hay sociedad posible.*²⁰⁸

Apesar de crítico a ações individuais, isto é, favorável à prática da greve geral, entendida como meio de luta realmente eficaz e revolucionário, “*Bajo el régimen capitalista, estas rebeldias han tomado el carácter particular de huelgas del trabajo [...] que caracteriza el conflicto permanente entre el capital y el trabajo*”²⁰⁹, é justamente em relação à violência particular a figuras de autoridade que o *La Protesta Humana* encontra concordância com a corrente insurrecionalista do anarquismo, uma vez que, apesar de não entender tais atos como possíveis catalisadores de uma revolução, enxergam neles uma forma de justiça social e, principalmente, vingança pessoal. Em 17 de agosto de 1901, “*Verguenzas Americanas, El meeting de Desocupados*” inaugura o exemplar de número 136 do *La Protesta Humana* noticiando um discurso do presidente Julio Argentino Roca para “*10.000 obreros sin trabajo que fueron á la casa de gobierno á... no sabemos á lo que fueron*”²¹⁰. Assim, o texto aparece como lembrete da condição de fome vivenciada, especificamente, pela classe trabalhadora, e serve como denúncia à passividade vista em manifestação trabalhista de terça-feira, dia 13 de agosto, “*los obreros se fueron tan tranquilos, como si el frío no entumeciera sus miembros y el pan no les faltara en casa; como si tuvieran aseguradas tres comidas diárias*”²¹¹.

Ademais, em 6 de fevereiro de 1898, o periódico noticia o decreto da *Ley de Vagância*, pontuando que tal medida governamental atinge diretamente a classe trabalhadora do país, impondo assim a obrigação de trabalhar e comprovar sua profissão através de registro. Logo, o discurso critica a falta de ação dos *obrerros* contra a lei: “*¿lo ha perdido, el elemento obrero, que así impunemente deja pasar tamaño bofetón, sin devolverlo con creces en la persona de sus amos provinciales?*”,

²⁰⁸ *La Protesta Humana*, 26 fev. 1901, p. 4.

²⁰⁹ *Id.*, 17 ago. 1901, p. 1.

²¹⁰ *Loc. cit.*

²¹¹ *Loc. cit.*

e convoca, simbolicamente, os obreiros para uma reação contrária, não de forma organizada, mas dando sua opinião sobre uma maneira correta de proceder:

Y la mejor manera de hacérselo comprender así, sería yendo en masa á buscarles en el recinto de sus honorables (!que risa!) Cámaras legislativas y arrojarlos por la ventana²¹².

Ambos os textos inauguram suas respectivas edições. Assim, apesar de não servirem, necessariamente, para uma emancipação intelectual do leitor, diferentemente de artigos publicados geralmente na segunda e terceira página do exemplar, apresentando, então, as bases teóricas da doutrina anarquista, servem para direcionar a insatisfação compartilhada entre a classe trabalhadora bonaerense para as figuras de autoridade do país; ou seja, o discurso inflamado, característico das primeiras publicações de cada exemplar, aparece como um meio para atrair os leitores à propaganda anarquista e, conforme a leitura segue, o periódico apresenta discursos voltados para a doutrinação, além de convocatórias para manifestações públicas de revolta, alinhando a teoria e a prática combativa/revolucionária.

O historiador Juan Suriano (1997) argumenta que a violência, ou o terrorismo, nunca representaram as principais estratégias de luta ácrata em Buenos Aires, mesmo entre “*Los Desherdados*”, entretanto, atentados contemporâneos na Europa e nos Estados Unidos eram celebrados, justificados ou apareciam nas páginas do jornal através de paralelo comparativo entre o sofrimento de distintas classes sociais, como o assassinato do Rei Humberto I, na Itália, pelo anarquista Gaetano Bresci, abordado na edição de número 93 do periódico afirmando que: “*No, no podemos derramar lágrimas, ni depositar flores sobre la tumba real que acaba de abrir la desesperación humana personificada en un solitario*” visto que “*odiamos ciertamente a los reyes [...] ninguno de los detalles del drama nos impresiona tan intensamente como la caída de un pobre obrero de un andamio*”²¹³; ou o homicídio do presidente norte-americano William McKinley, apresentado em exemplar de número 140 como “*el verdadero director de la guerra*”, ao passo que o ato de seu algoz, o anarquista russo Leon Czolgosz, aparece como “*un resultado (la violencia de abajo, sin organizacion repeliendo á la violencia de arriba) y como tal debemos mirarlo todos los que analizamos los hechos*”, posicionamento reforçado ainda na edição seguinte ao falar:

²¹² *La Protesta Humana*, 6 fev. 1898, p. 1.

²¹³ *Id.*, 16 set. 1900, p. 3.

*“hallamos natural el acto de Czolgosz, si señores, muy natural! Y mañana le hallaremos como hoy, siempre igual”*²¹⁴.

Apesar de atos terroristas não representarem a opção de luta preferida pelo anarquismo em geral, e pelos anarquistas de Buenos Aires, em particular, tais ações enquadram o conceito *anarquismo* como sinônimo de violência entre seus opositores. Para Miguel Cané, em *Expulsion de Extranjeros* (1899, p. 123): *“nuestra tierra sirve de refugio á los anarquistas que vienen á rehacer, con el trabajo fácil que ella les ofrece, las cajas exhaustas de sus asociaciones criminales”*. Assim, apresenta um projeto de lei que visa dar ao Poder Executivo controle total sobre a entrada de imigrantes já identificados como criminosos, isto é, anarquistas, em território argentino: *“armarse vigorosamente para perseguir al anarquista hasta en sus guaridas más secretas”* (Cané, 1899, p. 10). Dessa forma, além de buscar exemplos em outras nações para confirmar o atraso argentino em relação ao combate ao anarquista, como ao longo de seu trabalho, o então deputado procura salientar a falta de medidas legais para conter o avanço anarquista na Argentina:

Ese país, es necesario decirlo? es el nuestro, la tierra de promisión para todo vagabundo, ó delincuente que no encuentra ya cabida en Europa. Y así, se van formando, principalmente en los bajos fondos sociales de nuestro primeros centros de población, verdaderas asociaciones de criminales, que si no cometen el acto punible entre nosotros, reúnen recursos y organizan los golpes de mano ó los atentados salvajes que más tarde llevan á cabo en Europa (Cané, 1899, p.11).

Eduardo Domenech pontua que o projeto apresentado por Cané em 1899 não gerou grande interesse por parte do governo, entretanto, ganhou repercussão nos meios acadêmicos à medida que a presença do estrangeiro em Buenos Aires tornava-se mais evidente, isto é, conforme crescia o número de greves e manifestações trabalhistas na cidade. Em 1902, ano em que as bases do projeto proposto por Cané materializam-se na Lei de Residência, em vigor a partir de novembro, ao menos 117 convocatórias para greves ou reuniões operárias foram identificadas no *La Protesta Humana*, representando um aumento de 76% se comparado às 28 convocatórias encontradas nos exemplares de 1899. À vista disso, entendemos que a aversão ao estrangeiro e, é claro, ao anarquista, na Argentina do começo do século XX, surge também a partir da relação que a doutrina levava, entre seus opositores, com a

²¹⁴ *La Protesta Humana*, 14 set. 1901, p. 1.

criminalidade e o terrorismo. De fato, mesmo o *La Protesta Humana*, em tom sarcástico, costumava referir-se aos anarquistas como figuras violentas e perigosas. Por meio de adjetivos escritos geralmente em itálico, o periódico libertário ridicularizava sua fama de criminoso: “los *temibles* anarquistas no eran otros que [...]”²¹⁵; “¿*que resultó ser el famoso complot anarquista internacional descubierto en Ancona?*”; “*extranjeros peligrosos*”²¹⁶. Porém, o mesmo jornal que procurava disseminar o anarquismo à população e afastar a doutrina de qualquer relação com a violência e o terrorismo: “*Anarquía quiere decir el mayor grado de perfección humana, grado de perfección tal que se hacen inecesarias las leys y sus ejecutores, por que la conciencia de cada uno es suficiente garantía para obrar el bien*”²¹⁷, ensinava em suas páginas, também, o passo a passo para a fabricação de bombas caseiras:

*Se mezcla la parte sólida con la líquida. Hecha esta operación revuélvase inmediatamente sobre una plancha de plomo con espátulas ó rodillos de madera y cuando la masa forme un todo compacto ú homogéneo puede introducirse cuidadosamente en un cilindro de zinc. También es utilizable el pergamino ó el caucho. El explosivo hecho de esto modo tiene una potencia ocho veces mayor que la pólvora.*²¹⁸

Entre justificativas para ações individuais de violência e discursos fomentando a ação coletiva e combativa, o periódico traz textos contra-argumentando outros trabalhos que colocam o anarquista como malfeitor, fazendo críticas, principalmente, ao projeto de lei ofertado por Cané e ao trabalho “*Los Anarquistas*”, do psiquiatra italiano Cesare Lombroso, o qual procura provar a condição hereditária dos anarquistas para uma pré-disposição ao crime. Em 10 de novembro de 1900, enquanto Lombroso é colocado como pertencente a “*este número de desequilibrados, de maniáticos*”, sua obra aparece como desprovida de embasamento científico, “*ni de lógica vulgar siqueira; es ramploneria pura, un compuesto informe de gedeonismos á alta escuela*”²¹⁹. Porém, é em edição de 1 de dezembro do mesmo ano que o periódico propõe uma análise mais atenta à obra do psiquiatra, assim, inicia o artigo “*El Criminal Nato*” buscando as origens do crime: “*Dentro de la ética más pura, todo lo que conforme con el placer, con el deporte físico y moral del hombre y con el bienestar de*

²¹⁵ *La Protesta Humana*, 15 abr. 1898, p. 1.

²¹⁶ *Id.*, 25 jun. 1899, p. 2.

²¹⁷ *Id.*, 18 maio 1901, p. 3.

²¹⁸ *Id.*, 31 out. 1903, p. 2.

²¹⁹ *Id.*, 10 nov. 1900, p. 3.

*la sociedad es bueno; y todo lo que produzca dolor en ambos sentidos es malo*²²⁰. Imediatamente, o discurso classifica o ato criminoso como qualquer obstáculo aos direitos naturais da sociedade humana:

Su derecho no se limita al alimento, la reproducción y el abrigo: por el contrario, se extiende á las delicias que brotan del hecho de haberse asociado á sus semejantes y haber producido con estos una civilización.

E enxerga um limitante (criminoso) a tais direitos básicos do homem a partir da existência de figuras de autoridade “*un, ministro, un presidente, un general ó un arzobispo*”, concluindo então que o *crime* nunca parte de um indivíduo isolado, mas decorre de “*esa fuerza externa aludida antes, porque solo esa fuerza lo comete en contra del individuo mismo, desde que impide que este goce de la vida*”²²¹. Nesse sentido, a crítica imposta pelo periódico ataca a hipótese lombrosiana que pretende identificar traços de alguma *patologia criminal* a partir de um olhar para a fisionomia de determinados sujeitos “*examinar una nariz ó unas orejas y en grabar sobre blanda masa la estructura exterior de los dedos? una sola cosa: el ridiculo*”. Entretanto, atento a sua responsabilidade doutrinária, o *La Protesta Humana* dirige o texto a seu público alvo, os trabalhadores de Buenos Aires majoritariamente imigrantes, e convida-os para uma reflexão a respeito dos criminosos limitantes de seus próprios direitos naturais, “*Basta que el lector, haciendo un examen de si mismo, se la conteste, viendo antes de nada si hay una fuerza externa que le limite este derecho, cuando no se lo niegue rotundamente*”²²², isto é, ao mesmo tempo em que o discurso protege o indivíduo rebelde/anarquista, colocado então como um protetor dos direitos básicos de qualquer ser humano, pretende também desprestigiar formas de poder vistas como não naturais, portanto, criminosas.²²³

²²⁰ *La Protesta Humana*, 1 dez. 1900, p. 1.

²²¹ *Loc. cit.*

²²² *Loc. cit.*

²²³ Além das publicações apresentadas na dissertação, também foram identificados discursos referentes ao trabalho de Cesare Lombroso nos exemplares do *La Protesta Humana* de número 99, 165, 166 e 206.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edição de número 231 do *La Protesta Humana*, de 26 de setembro de 1903, vem a público com algumas mudanças em sua primeira página. Um pequeno aviso logo abaixo do título, que até a última edição informava o preço de \$1 para inscrições trimestrais e \$4.00 para a opção anual, informa que, a partir do próximo sábado, cada exemplar do jornal será vendido pelo preço de dois centavos. Logo abaixo, inaugurando o exemplar, é informado que Valenzuela acabara de abandonar o posto de diretor do jornal, portanto, toda a correspondência enviada para publicação futura, deve agora ser encaminhada para “*calle Méjico 1602*”. Sequencialmente, um pequeno aviso publicado inteiramente em negrito informa que, a partir do ano seguinte, com publicações diárias, o jornal passará a circular pelas ruas de Buenos Aires como *La Protesta*: “*el calificativo Humana resulta una redundancia agregado à la palabra Protesta*”, pontuando ainda que

*No cabe duda de que el número de personas que se interesan en estudiar nuestras ideas aumenta día a día, y nosotros, impulsados por la ola que crece, nos vemos obligados á poner en práctica nuevos métodos que armonicen con el aumento de movimiento.*²²⁴

A fim de contar uma história da imigração a Buenos Aires por meio do maior periódico anarquista da capital argentina, acreditamos, ao término da pesquisa, que esta contribui como acessório para demais trabalhos relativos à história do anarquismo na América do Sul, principalmente por expor, ao longo do trabalho, correntes presentes no discurso libertário bonaerense que permitem então uma definição do anarquismo a partir de suas bases políticas e ideológicas. Assim, ao optar por uma análise aprofundada dos discursos presentes em uma mídia específica, o *La Protesta Humana*, acreditamos explorar a forma pela qual os princípios básicos da doutrina anarquista foram apresentados e remodelados para o específico contexto de Buenos Aires, caracterizado pela exploração capitalista e o controle estatal da população imigrante.

Ao mesmo tempo, entendemos as limitações de uma pesquisa que se restringe a apenas uma mídia em particular, assim como estamos cientes de que os discursos analisados ao longo do trabalho podem apresentar diferentes interpretações e

²²⁴ *La Protesta Humana*, set. 1903, p. 1.

significados. No entanto, não pretendemos esgotar os estudos referentes ao anarquismo, mas incentivá-los. Assim, pontuamos que nossas conclusões sobre a forma como o anarquismo dialogou com a população imigrante de Buenos Aires devem ser problematizadas em pesquisas futuras.

Por meio do *La Protesta Humana*, conclui-se que as causas apontadas pelo movimento anarquista bonaerense a respeito do grande movimento migratório à Argentina, entre a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX, estão tanto no atraso político, intelectual e moral vistos na Europa, decorrentes da permanência de forças ultrapassadas, como a Igreja e as monarquias, as quais eram encaradas como obstáculos para o progresso natural da humanidade e limitadores de valores modernos como a liberdade individual, a igualdade e a fraternidade; quanto, e principalmente, por conta do avanço de uma estrutura de dominação capitalista que exigia uma relação vertical, de dominação, entre minorias privilegiadas e uma maioria populacional explorada por longas jornadas de trabalho e péssimas condições de vida, em um momento quando recentes experiências históricas já demonstravam, para os trabalhadores, a necessidade de um projeto emancipador próprio para o atendimento de necessidades específicas das classes dominadas. Assim, enquanto o atraso da Europa representava uma restrição ao pleno desenvolvimento humano, a recém-formada República Argentina, constitucionalmente acolhedora ao trabalhador europeu, aparecia como detentora de oportunidades de trabalho e possibilitadora do crescimento individual.

Entretanto, conforme visto no jornal, a continuidade de um Estado mediador e a chegada da economia capitalista na Argentina acabam por repetir a condição de exploração inaugurada na Europa e transformam os fluxos migratórios em problemas populacionais e econômicos, isto é, a falta de uma emancipação mental e a permanência de influências ultrapassadas traz malefícios próprios aos trabalhadores em Buenos Aires. Nesse sentido, enquanto a imigração decorre de uma necessidade em fugir da exploração vista na Europa, ela ocasiona na fome e na miséria de trabalhadores, não tanto pelo fluxo migratório em si, mas, principalmente, pela continuidade de uma forma de política baseada na dominação e a expansão de uma economia regida pela concentração de capitais, competição entre os próprios trabalhadores e a propriedade privada dos meios de produção.

Por conta disso, o período de intenso movimento migratório aparece, para o *La Protesta Humana*, também como uma possibilidade para o desenvolvimento do

anarquismo a partir de uma ação doutrinária capaz de fomentar, entre as camadas populares e exploradas de Buenos Aires, um conjunto de valores modernos integrados com práticas políticas capazes de alterar as relações de poder contemporâneas, isto é, transformar essa massa imigrante e miserável em uma agremiação consciente e revolucionária, unida a partir de interesses classistas comuns.

Ao mesmo tempo, salientamos que a presente dissertação aparece como uma contribuição científica para o enfrentamento de correntes conservadoras atuantes no presente. Assim, ao apresentar as críticas realizadas pelos anarquistas em torno do patriotismo, ao longo do segundo capítulo, pretendemos também denunciar o perigo representado pelas manifestações autointituladas patrióticas vistas no Brasil ao final de 2022 e início de 2023, pautadas na confiança pela força militar e no fanatismo cego para com ídolos políticos. Acreditamos que a crítica anarquista produzida ao longo do *La Protesta Humana*, quando adaptada para o atual contexto, fornece acessórios teóricos e práticos para o enfrentamento de políticas opressoras.

REFERÊNCIAS

- ALBERDI, Juan Bautista. **Bases y Puntos de Partida para la organización política de la Republica Argentina**. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.
- ALONSO, Ángeles Barrio. Discursos sobre nación y patria en el anarquismo español de entre siglos. **Historia Contemporánea**, [s.l.], n. 66, p. 403-432, 2021.
- ARGENTINA. **Constitución de la Nación Argentina**. Buenos Aires: Biblioteca Virtual Universal, 2017.
- BAKUNIN, Mikhail. **Sobre o Sindicalismo Revolucionário: Escritos de Mikhail Bakunin**. [S.l.]: Terra sem Amos, 2022.
- BAYER, Osvaldo. **Anarquistas Expropriadores e Outros Ensaio**s. Feira de Santana: Adandé, 2020.
- BRAGA, Márcio Bobik. Juan Bautista Alberdi: o pensamento econômico e um liberal latino-americano no século XIX. **Economia e Sociedade**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 1-31, 2014.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- BUELA, Juana Rouco. **Historia de un ideal vivido por una mujer**. Buenos Aires: Confederación Sindical Solidaridad Obrera, 1964.
- CANÉ, Myguel. **Expulsión de extranjeros**. Buenos Aires: Imprensa de J. Sarrailh, 1899.
- CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- COGGIOLA, Osvaldo; BILSKY, Edgardo. **História do Movimento Operário Argentino**. São Paulo: Xamã, 1999.
- CONDE, Roberto Cortés. O crescimento da economia argentina, c. 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: de 1870 a 1930**. São Paulo: Ed. USP, 2013. v. 5. p. 475-508.
- CORRÊA, Felipe. **Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.
- CUNHA, Eduardo Augusto Souza. **Editar a revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905)**. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DANTON, José Antonio Gutiérrez. **Los Mártires de Chicago**: Historia de un crimen de clase en la tierra de la democracia y la libertad. Chile: Editorial Quimantú, 2010.

DOMENECH, Eduardo. "Inmigración, anarquismo y deportación: la criminalización de los extranjeros "indeseables" en tiempos de las "grandes migraciones". **REMHU**: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, [s.l.], v. 23, n. 45, p. 169-196, 2015.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 7. ed. São Paulo: Martins Pontes, 1995.

GOLDMAN, Emma. **Sindicalismo**: sua teoria e prática. [S.l.]: Ateneu Diego Giménez, 2010.

GOLDMAN, Emma. **Questão Feminina**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.

GONÇALVES, Paulo Cesar. Um Imperialismo Possível: fluxos migratórios e estratégias colonialistas na Europa mediterrânea (1870-1914). **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 335-358, 2011.

GREJO, Camila Bueno. A Construção da identidade internacional argentina por estanislaio zeballos. **Antíteses**: Revista de Derecho, Historia y Letras, [s.l.], v. 10, n. 19, p. 64-88, 2017.

GREJO, Camila Bueno. **Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros**: entre o científico e o político : pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880-1920). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GREJO, Camila. Uma nação de estrangeiros: a imigração na revista de Derecho, Historia y Letras. **Outros Tempos**: Pesquisa Em Foco – História, São Luís, v. 13, n. 21, p. 108-124, 2016.

GUARDIA, Francisco Ferrer y. **A Escola Moderna**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

KNEVITZ, Maurício Moroso. **Inculcar nos operários os princípios econômicos e filosóficos do comunismo anárquico**: concepções e práticas sindicais do anarquismo argentino (1905-1915). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

KROPOTKIN, Piotr. **A Conquista do Pão**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2022.

KROPOTKIN, Piotr. **Apoio Mútuo**: Um Fator de Evolução. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

MALATESTA, Errico. **Tomar a Terra**. São Paulo: Entremares, 2022.

MEÍJA, José Maria Ramos. **Las Multitudes Argentinas**. Peru: Imprenta y Casa Editora de Coni H•0, 1899.

PIOTR, Kropotkin. Communist Kitchens, **Freedom**, [s.l.], set. 1914, p. 1.

POLETTO, Caroline. **Tão perto ou tan lejos?** Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

POY, Lucas. **Los orígenes de la clase obrera argentina:** huelgas, sociedades de resistencia y militancia política en Buenos Aires, 1888-1896. Buenos Aires: Imago Mundi, 2014.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade?** 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

REGINALDO, José. Ressonância, Materialidade e Subjetividade. As Culturas como Patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

REY, Ana Lía. Periodismo y periodistas anarquistas en buenos aires a comienzos del siglo XX. **Improntas de la Historia y la Comunicación**, [s.l.], n. 4, e12, 2017.

ROMERO, Ana Leonor. Movilizaciones patrióticas y crisis política: La Liga Patriótica, Argentina 1898. **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, [s.l.], v. 20, n. 2, e124, 2021.

ROMERO, Ana Leonor. Viajes, política y patriotismo: un terreno cultural compartido entre España y la Argentina. **Iberoamericana**, Madrid, v. 14, n. 53, p. 49-68, 2014.

SAMIS, Alexandre. **Negras Tormentas:** o Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris. São Paulo: Entremares, 2022.

SURIANO, Juan. Las Prácticas Políticas Del Anarquismo Argentino. **Revista de Indias**, [s.l.], n. 57.210, p. 421-450, 1997.

TERÁN, Oscar. **Historia de las ideas en la Argentina:** Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

VAN DER WALT, Lucien. Anarchism/Syndicalism as a Vision, Strategy and Expression of Bottom-up Socialist Democracy: a reply to Darly Glaser. **Politikton:** South African Journal of Political Studies, [s.l.], v. 40, n. 2, 2013.

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS PRESENTES NOS EXEMPLARES DE 1897

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
13/06/0897	1	3	3	0	1	0	2	1
27/06/1897	2	4	5	0	1	1	1	1
15/07/1897	2	7	6	0	0	0	3	1
01/08/1897	1	4	7	0	2	2	3	1
19/08/1897	2	1	6	0	2	0	2	0
02/09/1897	0	0	8	0	1	1	2	0
15/10/1897	0	5	5	0	1	0	3	1
01/10/1897	3	2	5	0	1	1	4	1
10/10/1897	0	4	6	0	1	3	3	0
17/10/1897	0	10	4	0	1	0	3	1
10/10/1897	3	2	6	0	1	1	1	0
30/10/1897	2	7	4	0	2	0	0	0
07/11/1897	2	7	5	0	0	2	0	0
14/11/1897	2	2	4	0	0	2	2	0
21/11/1897	1	1	6	0	0	1	0	0
28 /11/1897	2	4	6	0	1	0	2	2
05/12/1897	1	2	5	0	1	3	1	0
12/12/1897	0	2	5	0	2	3	1	0
19/12/1897	2	5	6	0	1	2	3	1
26/12/1897	1	2	7	0	2	0	3	1
TOTAL	25	74	109	0	21	22	39	11

APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1898

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
02/01/1898	4	8	3	0	2	2	1	0
09/01/1898	3	10	3	0	1	1	2	0
16/01/1898	2	8	5	0	1	1	1	1
23/01/1898	1	6	2	0	2	2	2	0
30/01/1898	3	6	2	0	1	1	2	0
06/02/1898	2	7	3	0	1	2	1	0
13/02/1898	2	2	5	0	1	2	0	1
20/02/1898	2	6	5	0	1	0	2	0
27/02/1898	2	4	5	0	2	2	2	0
06/03/1898	1	2	2	0	0	0	1	0
18/03/1898	1	6	6	0	1	3	3	0
01/04/1898	2	5	5	0	2	1	2	0
17/07/1898	2	3	3	0	0	3	1	1
01/05/1898	1	1	1	1	1	1	3	0
15/05/1898	2	2	2	0	0	1	1	1
29/05/1898	1	4	4	0	1	3	2	0
12/06/1898	1	4	4	0	0	2	3	0
10/07/1898	4	1	1	0	1	2	0	0
16/07/1898	1	4	4	0	2	0	2	1
24/07/1898	0	1	1	0	0	1	1	0
07/08/1898	2	2	3	0	0	0	2	1
21/08/1898	0	4	4	0	1	1	2	0
04/09/1898	4	1	5	0	0	2	0	1

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
25/09/1898	4	4	4	0	2	2	3	0
09/10/1898	2	2	2	0	2	1	0	1
23/10/1898	1	1	1	0	0	0	1	0
06/11/1898	2	1	2	0	1	2	0	2
23/11/1898	4	2	4	0	0	0	1	1
04/12/1898	1	3	3	0	0	2	2	1
18/12/1898	2	1	2	0	0	1	1	1
Total	59	111	96	1	26	41	44	13

APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1899

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
01/01/1899	2	1	6	0	0	2	1	1
15/01/1899	4	1	3	0	2	1	1	1
29/01/1899	3	3	2	0	0	2	1	1
12/02/1899	2	1	3	0	0	1	1	1
26/02/1899	2	2	3	0	1	1	2	1
26/03/1899	2	1	3	0	0	2	1	2
15/04/1899	1	2	3	0	1	2	1	1
15/05/1899	1	1	2	0	1	1	2	1
28/05/1899	2	3	4	0	0	1	1	2
11/06/1899	2	0	3	0	0	1	1	1
25/06/1899	2	1	2	0	0	2	1	1
09/07/1899	2	1	3	0	0	0	1	1
06/08/1899	1	0	6	0	2	1	2	1
19/08/1899	2	1	4	0	2	1	1	2
03/09/1899	4	0	3	0	1	0	0	1
17/09/1899	4	1	4	0	1	3	3	0
01/10/1899	0	2	6	0	2	1	1	1
15/10/1899	1	3	3	0	1	1	1	1
26/11/1899	2	1	4	0	0	1	1	1
12/11/1899	4	0	4	2	0	1	1	0
10/12/1899	2	1	5	0	0	1	1	1
24/12/1899	0	1	4	0	0	1	1	0
TOTAL	46	27	80	2	1	28	26	22

APÊNDICE D – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1900

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
07/01/1900	1	2	5	0	2	3	3	2
21/01/1900	0	1	3	0	0	2	1	0
04/02/1900	2	1	4	0	1	1	1	1
04/03/1900	0	0	1	0	0	0	0	0
18/03/1900	1	1	7	0	0	1	0	1
01/04/1900	1	1	5	0	0	4	0	0
15/04/1900	5	0	3	0	1	3	1	0
29/04/1900	1	1	5	0	3	2	0	0
13/05/1900	2	1	3	0	0	0	0	0
27/05/1900	1	1	4	0	0	3	1	0
10/06/1900	1	3	4	0	0	0	1	0
09/07/1900	1	1	6	0	0	2	1	0
22/07/1900	3	2	4	0	0	3	1	2
05/08/1900	1	3	6	0	0	1	1	1
19/08/1900	2	3	4	0	1	1	0	0
02/09/1900	2	1	4	0	0	0	1	1
16/09/1900	1	4	4	0	0	1	0	0
30/09/1900	3	2	3	0	1	3	1	0
14/10/1900	4	0	3	0	0	3	0	0

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
28/10/1900	4	2	2	0	0	2	1	0
03/11/1900	7	3	1	0	0	4	0	0
10/11/1900	2	1	3	0	2	4	1	1
17/11/1900	2	1	5	0	0	2	0	1
24/11/1900	2	2	3	0	0	1	0	1
01/12/1900	2	2	4	0	0	0	0	0
08/12/1900	5	1	3	0	0	3	0	1
15/12/1900	4	1	4	0	1	2	0	1
22/12/1900	3	2	5	0	2	3	0	0
TOTAL	63	43	108	0	14	54	15	13

APÊNDICE E – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1901

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
05/01/1901	1	2	3	0	0	1	0	0
12/01/1901	2	2	4	0	1	7	1	0
19/01/1901	1	3	4	0	0	2	0	0
26/01/1901	3	2	5	1	0	2	2	1
02/02/1901	1	3	3	0	0	2	1	1
09/02/1901	2	5	2	0	0	2	2	1
16/02/1901	2	1	5	0	0	0	0	1
23/02/1901	4	2	4	0	0	1	2	0
02/03/1901	2	2	4	0	0	2	0	1
09/03/1901	1	2	4	0	1	0	2	1
23/03/1901	4	1	2	0	0	1	2	0
30/03/1901	1	2	4	2	0	3	1	2
06/04/1901	4	2	3	0	0	4	1	0
13/04/1901	1	1	5	0	0	1	1	2
20/04/1901	2	1	5	0	0	9	1	2
05/05/1901	1	4	2	0	0	2	1	1
11/05/1901	4	1	4	0	0	3	2	2
18/05/1901	2	4	4	0	0	2	0	1
25/05/1901	3	3	4	0	0	2	0	0
01/06/1901	2	1	5	0	0	3	0	1
22/06/1901	3	3	3	0	1	2	1	2
29/06/1901	2	3	4	0	0	4	2	0

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
07/07/1901	3	2	3	0	0	3	1	1
13/07/1901	1	2	6	0	0	2	0	1
20/07/1901	3	1	3	0	0	2	0	0
27/07/1901	0	2	3	0	0	2	0	0
03/08/1901	3	0	5	0	0	4	0	0
10/08/1901	3	3	5	0	0	4	1	0
17/08/1901	3	3	2	0	0	3	2	0
24/08/1901	3	3	4	0	0	2	4	1
31/08/1901	3	1	3	0	0	2	2	1
07/09/1901	3	2	3	0	0	3	3	1
14/09/1901	3	2	4	0	0	5	0	1
28/09/1901	2	2	4	0	0	3	1	2
05/10/1901	5	3	4	0	0	3	0	1
12/10/1901	0	1	7	0	1	4	2	1
19/10/1901	2	3	4	0	0	6	0	2
26/10/1901	4	2	1	0	0	2	0	2
02/11/1901	1	2	7	0	0	5	1	2
09/11/1901	4	4	3	0	0	6	2	1
17/11/1901	5	2	2	0	0	2	0	0
23/11/1901	5	1	3	0	1	3	1	1
30/11/1901	6	2	1	0	1	6	1	2
07/12/1901	4	1	7	0	0	7	0	0
14/12/1901	3	2	5	0	0	5	0	0
21/12/1901	1	1	2	0	0	3	0	0

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
28/12/1901	3	1	6	0	0	4	1	0
TOTAL	121	98	180	3	6	146	44	39

APÊNDICE F – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1902

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
01/02/1902	1	1	2	0	0	3	0	0
08/02/1902	0	1	4	0	1	1	0	3
15/02/1902	1	1	5	0	1	1	0	1
22/02/1902	0	4	3	0	0	4	1	1
01/03/1902	0	3	4	0	0	3	0	0
08/03/1902	1	1	3	0	0	2	0	1
15/03/1902	3	1	4	0	0	5	1	1
22/03/1902	5	4	3	0	0	2	0	0
29/03/1902	2	4	3	0	0	1	1	1
05/04/1902	4	1	4	0	0	3	0	1
12/04/1902	1	2	3	0	1	3	0	2
19/04/1902	3	2	1	0	1	4	1	1
26/04/1902	6	1	2	0	1	3	1	3
01/05/1902	0	1	7	0	1	1	2	0
10/05/1902	5	0	2	0	1	3	1	0
17/05/1902	1	1	3	0	1	1	0	0
24/05/1902	4	1	5	0	0	5	1	0
31/05/1902	5	3	3	1	2	4	0	1
07/06/1902	4	0	6	0	0	4	1	1
14/06/1902	6	3	4	0	0	4	1	2

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
21/06/1902	2	2	2	0	2	3	0	0
28/06/1902	4	2	3	0	0	4	1	0
05/07/1902	4	2	3	0	1	4	1	0
12/07/1902	2	4	3	0	0	5	1	0
19/07/1902	2	3	1	0	1	1	5	2
26/07/1902	3	1	3	0	1	5	0	0
02/08/1902	4	1	4	0	0	3	1	0
09/08/1902	4	0	4	0	0	4	2	1
16/08/1902	2	0	4	0	0	3	0	0
23/08/1902	4	1	6	0	0	4	1	0
30/09/1902	2	1	4	0	1	2	0	0
04/10/1902	4	2	0	1	0	4	0	1
11/10/1902	4	5	3	0	0	4	0	0
18/10/1902	5	3	2	0	0	2	1	0
25/10/1902	4	1	4	0	1	3	3	0
01/11/1902	3	0	2	0	0	2	2	1
08/11/1902	5	1	3	0	0	4	2	0
15/11/1902	4	1	2	0	0	3	1	2
TOTAL	114	65	124	2	16	117	32	26

APÊNDICE G – LEVANTAMENTO DOS DISCURSOS ENCONTRADOS NOS EXEMPLARES DE 1903

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
31/01/1903	9	1	8	0	0	0	0	0
07/02/1903	5	0	8	0	0	1	0	0
14/02/1903	6	1	6	0	0	3	0	1
14/03/1903	4	2	3	0	1	1	0	0
21/03/1903	3	0	5	0	2	0	0	1
28/03/1903	1	0	8	0	1	0	0	0
04/04/1903	1	2	6	0	0	0	0	2
11/04/1903	2	2	3	0	1	2	1	3
18/04/1903	2	0	5	0	1	1	0	1
25/04/1903	5	3	6	0	1	4	1	0
01/05/1903	3	3	5	1	2	1	1	2
09/05/1903	3	3	1	0	0	2	0	5
16/05/1903	1	5	2	0	0	1	0	2
30/05/1903	2	4	2	0	0	0	2	1
06/06/1903	1	2	4	0	1	1	0	0
14/06/1903	3	2	5	0	0	0	0	2
20/06/1903	3	1	3	0	0	0	0	3
27/06/1903	4	2	3	0	0	1	0	1
11/07/1903	4	3	6	0	0	3	1	2
18/07/1903	4	1	6	0	0	3	1	0
25/07/1903	3	2	9	0	0	3	0	0
01/08/1903	2	1	5	0	0	1	0	4
08/08/1903	6	2	4	0	0	1	0	1

Data	Notícias Locais	Notícias Internacionais	Textos Doutrinários	Imagens	Contos/Poemas	Reuniões/Greves	Propaganda	Correspondências
15/08/1903	4	2	6	0	0	3	0	2
22/08/1903	3	2	6	0	1	3	2	1
29/08/2001	2	2	8	0	2	6	0	3
05/09/1903	6	3	5	0	0	4	3	5
12/09/1903	3	1	4	0	2	3	1	1
20/09/1903	5	1	6	0	0	4	1	3
26/09/1903	5	2	5	0	0	4	0	1
03/10/1903	4	2	8	0	2	4	0	1
10/10/1903	4	1	1	0	1	3	0	5
17/10/1903	2	2	4	0	2	2	1	3
24/10/1903	7	2	4	0	3	4	0	2
31/10/1903	5	2	5	0	1	6	0	3
14/11/1903	5	3	5	0	1	1	0	2
28/11/1903	3	2	8	0	4	4	0	1
05/12/1903	6	4	4	0	2	0	0	3
19/12/1903	4	1	4	0	1	0	0	1
26/12/1903	3	1	6	0	6	0	0	1
TOTAL	148	75	202	1	38	80	15	69



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br